



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JULIENE DO SOCORRO CARDOSO RODRIGUES

**O ETHOS NO TRABALHO DA IMPRENSA INSTITUCIONAL NO ANO DE
CELEBRAÇÃO DO CIENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PARÁ**

BELÉM

2011

JULIENE DO SOCORRO CARDOSO RODRIGUES

**O ETHOS NO TRABALHO DA IMPRENSA INSTITUCIONAL NO ANO DE
COMEMORAÇÃO DO CIQUENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profa. Dra. Fátima Cristina Pessoa da Costa, como indicação para obtenção do título de Mestre em Linguística.

BELÉM
2011

Dados Internacionais de Catalogação de Publicação (CIP)

Rodrigues, Juliene do Socorro Cardoso

O Ethos no trabalho da Imprensa Institucional no ano de comemoração do Cinquentenário da Universidade Federal do Pará / Juliene do Socorro Cardoso Rodrigues ; orientadora, Fátima Cristina Pessoa da Costa. — 2011

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação,
Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011.

1. Ethos . 2. UFPA. 3. Imprensa Institucional. 4. Jornal Beira do Rio. I. Título.

CDD 22.ed. : 070

JULIENE DO SOCORRO CARDOSO RODRIGUES

**O ETHOS NO TRABALHO DA IMPRENSA INSTITUCIONAL NO ANO DE
COMEMORAÇÃO DO CIQUENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará (ILC), sob a orientação da Profa. Dra. Fátima Cristina Pessoa da Costa, como indicação para obtenção do título de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Fátima Cristina Pessoa da Costa
Orientadora - UFPA

Prof. Dr. José Carlos Chaves Cunha
Examinador Interno – UFPA

Profa. Dra. Luciana Miranda Costa - UFPA
Examinadora Externa – UFPA

Prof^a. Dr^a. Ivânia dos Santos Neves
Examinadora Externa - UNAMA

Data: _____/_____/_____.

In Memoriam

A meu anjo protetor, Marcus Antônio Rodrigues Luz, que me fez uma visita muito breve, mas que foi o suficiente para despertar em mim um turbilhão de sentimentos, entre eles o enorme prazer de sentir o amor verdadeiro, incondicional e eterno, o de ser mãe.

AGRADECIMENTOS

O essencial são os intercessores [...]. sem eles não há obra [...]. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê.

Gilles Deleuze

Mesmo que por alguns momentos nos sintamos injustiçados, sozinhos na elaboração de um trabalho como este, é fundamental reconhecer o incentivo, a participação daqueles que nos conduziram até aqui.

Nestes pouco mais de dois anos de mestrado estive, por um bom tempo, “longe de casa”, longe dos meus familiares. Aprendi com a solidão a me distanciar da cobiçada moeda do reconhecimento e frequentei, por muitas vezes, o campo atroz da indiferença. Assim, tive a oportunidade de me conhecer melhor e, dessa forma, ter a dimensão da importância de todas as pessoas que agora tenho a liberdade de agradecer.

Como é sempre difícil começar, trilho o caminho mais fácil. Gostaria de lembrar, então, de minha mãe, Maria Darcy. Assim como muitas Marias país afora, ela “vestiu” a roupa de mulher maravilha e lutou, durante quinze anos, sendo mãe e pai ao mesmo tempo, contra todas as adversidades e contra todas as críticas a ela impostas ao deixar o interior do Estado, com sete filhos “à tira colo”, na tentativa de oferecer-nos o único patrimônio intransferível, a educação. Visionária, hoje, ela colhe os frutos de tanta luta. E o mais admirável de tudo, nossa trajetória de conquistas carregam uma das características mais sábias de minha mãe: a honestidade. Por isso, mais um passo de minha vida, agradeço a ela.

Completando a grande família agradeço os conselhos e ajuda de meus irmãos. A ordem de agradecimentos não significa, em hipótese alguma, ordem de importância em minha vida. Isso seria um absurdo. Começo, assim, por agradecer aos meus dois irmãos, Dinho e Júnior, que por estarem também cursando mestrado, dividiram comigo as agruras da construção do conhecimento científico.

Agradeço à minha irmã Sandrinha e ao meu irmão Toti, meus médicos preferidos. Forma eles que cuidaram de mim quando fui ferida pela perda de meu filho e fragilizada pela

marcas físicas de uma cirurgia. Na vida, não nos bastam profissionais que cuidem apenas de nosso corpo, é preciso que eles saibam tocar nossas almas.

Meus agradecimentos também ao meu irmão e advogado pessoal, Jack, que me defendeu das injustiças praticadas pela indiferença humana, assim como à minha irmã, Josi, por ser mãe, dividiu comigo a dor de ter que deixar partir uma parte de mim.

Agradeço, incondicionalmente, à força e ao apoio de minha orientadora, Fátima Pessoa, a quem perturbei por muitas vezes e em momentos, às vezes, impróprios, mas que nem por isso deixou de me atender. Sua sensibilidade, humildade e inteligência são características raríssimas em um ser humano.

Agradeço enormemente à Professora Luciana Costa e ao Professor José Carlos pelas contribuições enriquecedoras quando do meu processo de qualificação.

Nem que se passarem mil anos, eu deixaria de agradecer à doçura e delicadeza com que me recebeu a Professora Marília Ferreira, ouvindo, sensibilizada, os meus problemas pessoais. Agradeço pelo sentimento de humanidade e solidariedade. Agradeço pelo apoio e incentivo.

Há momentos na vida em que sentimos tanto
a falta de alguém que o que mais queremos
é tirar esta pessoa de nossos sonhos
e abraçá-la.

Sonhe com aquilo que você quiser.
Seja o que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida
e nela só se tem uma chance
de fazer aquilo que se quer.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes
não têm as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor
das oportunidades que aparecem
em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam.
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem
a importância das pessoas que passam por suas vidas.

O futuro mais brilhante
é baseado num passado intensamente vivido.
Você só terá sucesso na vida
quando perdoar os erros
e as decepções do passado.

A vida é curta, mas as emoções que podemos deixar
duram uma eternidade.
A vida não é de se brincar
porque um belo dia se morre.

Clarice Lispector

RESUMO

A noção de ethos vem, há muito, percorrendo vários caminhos. Da Retórica antiga, passando pela Pragmática e chegando à Análise do Discurso. Mas foi a partir dos anos de 1980 que o termo passou a ser objeto de reflexão nos estudos do discurso, suscitando comentários acerca do conceito do ethos retórico, assim como abrindo espaços a novas acepções em disciplinas que se interessam por esses estudos (MAINGUENEAU, 2008c). Como o fio condutor da pesquisa aqui desenvolvido gira em torno do objetivo de analisar o trabalho de construção do ethos nos discursos produzidos pelos atores sociais que integram a comunidade da UFPA (nos seus 50 anos de existência), no trabalho da imprensa institucional, por meio Jornal Beira do Rio, necessitou-se dedicar atenção mais especificamente aos estudos do conceito de ethos e cena de enunciação. O interesse pelos discursos dos atores sociais que integram a Universidade, no ano de comemoração do cinquentenário, levou à busca de respostas para o seguinte questionamento: de que maneira o trabalho discursivo de comemoração dos 50 anos da Universidade Federal do Pará, empreendido pela imprensa institucional, por meio dos atores sociais que compõe a Instituição, é instrumento revelador do ethos? A escolha da UFPA deve-se ao fato de a Instituição ser considerada a maior instituição de ensino superior do estado, por ter assumido, ao longo de 50 anos, grande importância no atual contexto educacional brasileiro. Constituem o corpus deste trabalho as edições mensais do Jornal Beira do Rio, publicadas durante o ano de 2007. Com base na observação e estudo do corpus em questão, esta dissertação deteve-se nas abordagens teóricas necessárias a uma melhor fundamentação do que está em jogo em torno da noção de ethos, na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa. Para tanto se estabelece a articulação entre diferentes conceitos e categorias desenvolvidas por Dominique Maingueneau. A apropriação de tal fundamentação teórica permitiu a análise dos textos selecionados e a consequente identificação da figura de um fiador homogêneo, sujeitos sociais investidos nos papéis de gestores, docentes, discentes e técnico-administrativos, que legitimam e fortalecem a imagem da Universidade como a maior agente de transformação da região amazônica.

Palavras-chave: Ethos, UFPA, Imprensa Institucional, Jornal Beira do Rio.

ABSTRACT

For a long time, the notion of *ethos* has taken multiples ways, from the Ancient Rhetoric, passing by Pragmatics until Discourse Analysis. But it was since the 1980s the term became to be object of reflection in discourse studies, raising comments on the concept of rhetoric *ethos* as well as opening space to new meanings related to disciplines interested in these studies (MAINGUENEAU, 2008c). As the guiding principle of this research has to do with analyzing the work of the *ethos* construction in the discourses produced by the social actors who make up the UFPA community (in its 50 years of existence), in the institutional press work, exactly the *Beira Rio* Journal, it was necessary to pay more specific attention to the studies concerning the concept of *ethos* and scene of enunciation. The interest for the social actors' discourse during UFPA 50th anniversary led to search for answers to the following question: How can the discursive work of the institutional press through the social actors who make up UFPA concerning the celebration of its 50th anniversary reveal the *ethos*? The choice of UFPA is due not only because it is considered the greatest higher education institution in the state, but also because, throughout these 50 years, it has assumed a great importance in the current Brazilian educational context. This research *corpus* is constituted by monthly editions of the *Beira do Rio* Journal, published in 2007. From the observation and the study of this *corpus*, this dissertation used the theoretical approaches to the best basis concerning the notion of *ethos*, in the perspective of French Discourse Analysis. For this, it was established the articulation between different concepts and categories developed by Maingueneau. This theoretical basis allowed the analysis of selected texts and the consequent identification of the figure of a homogeneous guarantor, social individuals who play the role of managers, professors, students and administrative officers, who legitimate and strengthen University's image as the greater agent of transformation in the Amazon.

Key-words: *Ethos*, UFPA, Institutional press, Journal Beira do Rio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ E O SEU ESPELHO DE NARCISO: A IMPRENSA INSTITUCIONAL.....	19
1.1 A INSTITUIÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.....	19
1.2 O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM INSTITUCIONAL	21
1.3 O JORNAL BEIRA DO RIO	24
CAPÍTULO II : ETHOS – A “VOZ” DO DISCURSO.....	27
2.1 - ALÉM DA NOÇÃO ARISTOTÉLICA.....	27
2.2 - ETHOS E CENA DE ENUNCIÇÃO.....	34
1.2.1 Cena englobante	36
1.2.2 Cena genérica	37
1.2.3 Cenografia	41
CAPÍTULO III – O RECONHECIMENTO DE UM ETHOS PELOS DISCURSOS DO JORNAL BEIRA DO RIO	43
3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS	43
3.2 CONSTRUÇÃO DAS FIGURAS DO ENUNCIADOR E DO COENUNCIADOR	50
3.3 MARCAS DA TOPOGRAFIA E DA CRONOGRAFIA DISCURSIVAS.....	60
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Algumas pesquisas científicas consideram que a paixão não dura mais que dois anos. Dizem que nos encantamos com a mesma facilidade que perdemos o interesse pelas coisas. Se essa teoria possui veracidade, então o meu interesse pela linguagem passou a fase do encantamento e chegou à maturidade, ao amor, após dois anos dos arroubos da paixão e seis anos da tranquilidade do amor. As razões aqui expostas sobre o interesse pelo objeto de estudo levam-me, nesse momento, a pedir a compreensão de todos os leitores, apenas nesta parte da dissertação e nas considerações finais, para escrever em primeira pessoa.

Foi no segundo semestre da graduação que esse relacionamento começou, o “*affair*” da paixão, quando passei a cursar uma disciplina chamada Argumentação e Linguagem e que me encorajou a participar de um processo seletivo para monitoria da disciplina Análise do Discurso, na qual tive a honra de ser aprovada e atuar por dois anos. Assim como todas as decisões de uma vida, a opção por uma proposta desafiadora e instigante, condizente com a profundidade exigida por um mergulho de cunho científico, não surge abruptamente, nasce a partir de algumas variáveis importantes. O olhar desejoso e a curiosidade foram dois elementos que se destacaram no processo que culminou com a redação desta dissertação. O desejo surge quando um determinado assunto assume, por sua simples natureza, o papel de provocar. A curiosidade desperta no momento em que se decide que é preciso superar a centelha inicial. E foi exatamente assim que surgiu a opção pelo trabalho que será exposto nas páginas a seguir, sobre o discurso, exercício de enunciação e instrumento de construção de relações de poder.

Falar em poder da palavra é também falar em política, afinal toda ação política depende, direta ou indiretamente, da capacidade de manifestar-se pelo discurso.

Integrar o corpo técnico-administrativo, no campus de Bragança, da Universidade Federal do Pará possibilitou-me presenciar, como testemunha ocular, a preparação, o desenvolvimento e os desdobramentos das programações e, conseqüentemente, dos eventos em comemoração aos cinquenta anos da Universidade, que se desenrolou em 2007. Ao mesmo tempo em que participava da comissão do cinquentenário no referido campus, compreendi estar diante de um fenômeno de inegável interesse para investigação. Os discursos engendrados pela administração superior, por meio da Assessoria de Comunicação, demonstravam uma preocupação em construir e desenvolver um laço de afetividade entre enunciador e enunciatário, ao longo do ano, estabelecendo um vínculo de sedução com vistas

a contribuir para a eficácia do argumento retórico. Entre os instrumentos responsáveis por esse intento, estava o Jornal Beira do Rio.

Surgiu, então, a inquietude a partir da observância de quatro fatores: a mobilização da administração superior em despertar, naquele momento, em diversos setores representativos da comunidade acadêmica e da sociedade paraense, a importância histórica, social e científica da UFPA; a necessidade da Instituição em dar visibilidade aos eventos de comemoração; o envolvimento dos atores sociais que compunham a Universidade nas comemorações do cinquentenário; e o trabalho de construção de uma imagem legítima da Instituição pela imprensa institucional.

O envolvimento provocado pelos eventos organizados pela administração pode ser medido pelo número de atores sociais convidados a participar da “narrativa” desses eventos conduzidos pela imprensa. Em doze meses de duração oficial, janeiro a dezembro de 2007, os eventos comemorativos buscaram canalizar em torno de si os mais diversos segmentos sociais de diferentes campos, político, econômico, jurídico, educacional, os quais teriam a “tarefa” de participar desse momento singular para a Instituição e para a sociedade amazônica. Do mesmo modo que seus atores sociais foram convocados a testemunhar sobre esse momento, a imprensa institucional, no “corpo” do Jornal Beira do Rio, deveria participar ativamente na divulgação desse intento, tanto por meio da cobertura realizada em cada *campi* da UFPA, quanto da publicização do evento nas suas edições mensais, proporcionando visibilidade e reconhecimento como instrumento de divulgação científica .

O trabalho da imprensa institucional voltou-se para a reprodução dos acontecimentos em torno do cinquentenário, assim como pela “convocação” em reportagens, artigos, notas do testemunho dos atores sociais que compunham a Instituição como forma de buscar a legitimação da imagem da Universidade no contexto de divulgação em âmbito regional, nacional e, mesmo, internacional.

O interesse pela Análise do Discurso surgiu ainda na graduação, mas a inquietação e curiosidade que conduziram a essa pesquisa surgiu no final do ano de 2006, quando da minha admissão, após aprovação em concurso público, para o quadro de pessoal técnico-administrativo da Universidade Federal do Pará. No final desse mesmo ano, as movimentações em torno do cinquentenário, como já mencionado anteriormente, começavam a ferver. Muitas foram as reuniões e muitos foram os documentos direcionados à comunidade acadêmica que anunciavam a singularidade do ano de 2007. A administração

superior da UFPA se mobilizava no intuito de homenagear a Instituição pelos feitos à sociedade durante os seus cinquenta anos de história.

Percebi, nesse momento, que um dos mecanismos divulgadores das ações da Universidade, o Jornal Beira do Rio, não era um veículo de comunicação comum. A sua dimensão estilística diferenciada e a sua peculiaridade de jornalismo institucional despertaram a centelha inicial por analisá-lo.

Durante o ano do cinquentenário observou-se, nas edições mensais do jornal, que a imprensa institucional preocupou-se em dar uma organização diferenciada em suas publicações. O layout, os recursos linguístico-discursivos, o espaço dedicado aos depoimentos de cada um dos atores sociais da Instituição (gestores, docentes, discentes e técnico-administrativos), a divulgação dos eventos ocorridos fizeram parte da construção da imagem da UFPA.

A partir dessas considerações, defini como objetivo geral desta pesquisa analisar o trabalho de construção do ethos nos discursos produzidos pelos atores sociais que integram a comunidade da UFPA (nos seus 50 anos de existência), no trabalho da imprensa institucional, por meio Jornal Beira do Rio. Para alcançar o objetivo geral da pesquisa, seguem-se os seguintes objetivos específicos: 1) Observar o posicionamento dos atores que compõem a comunidade da UFPA em relação à importância da Instituição no cenário educacional, político e científico em que se insere; e 2) Analisar a cena enunciativa utilizada pela imprensa institucional a fim de maximizar a imagem da Instituição e dos seus atores.

A relevância dos temas abordados, o valor da notícia, a preocupação com a comunidade acadêmica, o relacionamento com a sociedade, a produção científica despertaram para o seguinte questionamento: de que maneira o trabalho discursivo de comemoração dos 50 anos da Universidade Federal do Pará, empreendido pela imprensa institucional, por meio dos atores sociais que compõe a Instituição, é instrumento revelador do ethos?

Como em qualquer pesquisa que busque credibilidade científica, a fundamentação teórica deve ser condizente com o objetivo geral e com a metodologia a ser desenvolvida. As considerações sobre os estudos discursivos, sobre a noção de ethos, enunciado, cenas de enunciação, gêneros discursivos, formação discursiva constituem-se como elementos norteadores para a posterior análise do *corpus*.

Mas por que a noção de ethos torna-se importante para a análise do discurso de comemoração dos 50 anos da UFPA?

Porque os discursos produzidos durante o ano de 2007 apresentavam uma “roupagem” que punha em evidência o valor da Instituição no cenário amazônico. E como o centro das atenções era a UFPA, nada mais coerente que os seus atores sociais a homenageassem com depoimentos que reconheciam a credibilidade que a Instituição possui. Foram muitas as vezes que, em diferentes espaços e diferentes discursos, foram responsáveis pela imagem que se construiu da importância da Universidade para a sociedade amazônica. O ethos, enquanto imagem do enunciador projetada em seu discurso, estabeleceu o vínculo de sedução do enunciatário e contribuiu para a eficácia do argumento retórico. Foi nesse sentido que a sua noção tornou-se importante como objeto de estudo.

A observação e a posterior análise de tais discursos levaram ao reconhecimento preliminar de que a imprensa institucional “preocupou-se” em cuidar, por meio dos discursos publicados em variados gêneros, de “guardar”, preservar e legitimar a memória da Universidade Federal do Pará como maior instituição de nível superior da região, na construção do conhecimento e no desenvolvimento regional.

Durante o ano de 2007, a Assessoria de Comunicação publicou onze edições do Jornal Beira do Rio. Houve uma preocupação em trazer em todas essas edições textos que falavam do cinquentenário da Instituição. Em sua primeira edição do ano de 2007, a de janeiro, a Coluna do Reitor abriu os discursos que prenunciavam a atenção mensal à comemoração dessa data. A coluna assim anunciava: “2007: ano do jubileu de ouro da UFPA” (artigo que se repetiu com mais destaque na edição junho/julho do mesmo ano). Na página seguinte a esse artigo, em uma reportagem escrita pela jornalista Erika Morhy, a reconstituição da memória da Universidade foi narrada, em clima de comemoração. No registro de comemoração, o Jornal Beira do Rio acompanhou a comissão do cinquentenário, antecipando a divulgação dos eventos e fazendo a cobertura jornalística.

A partir de então, a cada edição, no mínimo uma página das publicações foi dedicada ao registro da história que a UFPA construiu. Depoimentos e opiniões sobre as novas perspectivas para ela nos cenários regional, nacional e internacional fizeram parte da organização do jornal. Nesse período, um novo projeto gráfico para a publicação foi aliado ao conteúdo, assim como o selo do cinquentenário que também fez parte da identidade visual do jornal.

Para a melhor compreensão do *corpus* em análise, organizei em dois quadros descritivos as edições publicadas durante o ano de 2007. A edição condensada especial Junho/Julho (Anexo B) foi elaborada em um quadro à parte devido a sua extensão, já que

todas as páginas do jornal, diferentemente das demais edições do ano (Anexo A), foram dedicadas a falar sobre alguma temática que remontava as comemorações do cinquentenário. É importante frisar, no entanto, que muitas das seções das edições publicadas durante o ano não traziam como temática principal o cinquentenário, mas isso não significa que deixavam de trazer como pano de fundo os 50 anos da UFPA. Aliás, um fato a se mencionar é que, a partir do mês de fevereiro de 2007, o selo oficial da Instituição passou a integrar o layout do jornal.

Os quadros descritivos estão divididos em cinco colunas que identificam a edição, o gênero discursivo em que se configuram os textos, o título dos textos, os atores sociais envolvidos na produção dos textos ou convocados a testemunhar sobre o cinquentenário da UFPA e um pequeno resumo dos textos do jornal.

Os critérios de seleção dos textos para análise consideraram a observação da cena enunciativa; as temáticas discutidas relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão; a identificação e os posicionamentos das figuras dos enunciadores e dos co-enunciadores como testemunhas do acontecimento do cinquentenário. Seguindo esses critérios, os textos selecionados para análise são:

- A) O editorial “UFPA, patrimônio da Amazônia e do Brasil” (ver Anexo C) – publicado na edição especial condensada Junho/Julho;
- B) As notas (ver Anexo D), que ocupam o lado superior direito da edição condensada especial junho/julho;
- C) A reportagem “As conquistas da mais nova pró-reitoria” (ver Anexo E), publicada na edição especial Junho/Julho;
- D) O artigo de opinião “A universidade e a trajetória de graduação em 50 anos” (ver Anexo F), publicada na edição especial Junho/Julho;
- E) A reportagem “UFPA comemora 20 anos no interior” (ver Anexo G), publicada na edição setembro de 2007;
- F) A reportagem “Trajetória de impacto social e institucional” (ver Anexo H), publicada na edição especial Junho/Julho;
- G) A reportagem “Universidade busca excelência científica” (ver Anexo I), publicada na edição especial;
- H) A entrevista “UFPA é o maior empreendimento da Região Amazônica” (ver Anexo J), publicada na edição dezembro de 2007/janeiro de 2008; e

Constituído o *corpus*, o passo seguinte foi traçar os procedimentos para a análise dos textos selecionados.

Para que esta pesquisa não corresse o risco de apoiar-se em juízos meramente intuitivos, procurei ancorar a análise em um firme contexto teórico e metodológico. O atendimento aos objetivos procurou ser diligentemente seguido, de tal maneira que a soma dos resultados pudesse alcançar a meta aqui proposta, nos termos do objetivo geral.

Conhecer a história da Universidade Federal do Pará, o processo de sua criação, sua estrutura organizacional, a fim de que se pudesse compreender a cenografia enunciativa, partiu do princípio segundo o qual em ciência não existe verdade absoluta e que todo conhecimento não proporciona outra coisa além de verdades aproximadas, e estas, por sua vez, estão intimamente relacionadas com o contexto sóciohistórico.

Como bem afirma Bachelard (1996), o espírito científico não pode ser construído senão destruindo o espírito não científico. Segundo o autor, o cientista científico não se fecha em si mesmo, temendo qualquer questionamento. Pelo contrário, para o espírito científico não há limites para a crítica, devendo colocar-se constantemente à prova como condição para seu próprio fortalecimento e sobrevivência. Negar essa condição é lançar às bases a ciência em sua verdadeira essência.

Depois de construídos os dois quadros descritivos, que permitem identificar os textos do *Jornal Beira do Rio*, dedicados à comemoração do cinquentenário da UFPA, bem como dos atores responsáveis pela produção de tais discursos e dos atores que foram convocados a testemunhar no ano de comemoração, os próximos passos da metodologia foram:

a) analisar a cena enunciativa dos discursos que são proferidos sobre os 50 anos da UFPA, destacando as coerções genéricas impostas à construção dos textos e a dêixis discursiva que os constitui;

b) identificar, no conjunto dos textos que fazem parte da comemoração dos 50 anos da UFPA, as figuras dos fiadores que garantem a legitimidade do discurso sobre a importância da Instituição no cenário educacional, político e científico na Amazônia.

A operacionalização da análise foi realizada a partir da divisão do Capítulo IV em três seções: considerações sobre os gêneros em questão; construção das figuras do enunciador e do co-enunciador; as marcas da topografia e da cronografia discursivas. A partir disso foi possível identificar e analisar, nas edições do *Jornal Beira do Rio*, o posicionamento dos atores sociais sobre o lugar da Instituição no cenário da educação nacional e o ethos dos sujeitos que compõem a Instituição, construído a partir de tais discursos.

Antes de propor a melhor forma de responder aos questionamentos propostos, foi preciso resgatar teorias capazes de embasar com mais propriedade as reflexões que surgiam à luz do senso comum. Voltei, então, o olhar sobre os autores que trabalham com questões eminentemente ligadas aos estudos do discurso. A noção de discurso e de ethos em Maingueneau (2008c) foi um dos primeiros passos nesse sentido. Compreendendo que todo discurso está historicamente determinado, a Análise do Discurso permite recorrer à História para verificação das condições de produção na produção dos sentidos. Essa concepção contrapõe-se à concepção de discurso enquanto “procedimento”, que ignora a cena de enunciação. Para esse mesmo autor, o discurso “é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 73).

Importa, assim, para essa pesquisa, a perspectiva discursiva, não a organização do texto, mas o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas.

Com tal embasamento teórico, seguido do conhecimento do *corpus*, procurei construir o percurso de análise com vistas a alcançar os objetivos propostos. Depreendi, a partir da análise dos textos selecionados para a pesquisa, como se construiu o ethos no trabalho da imprensa institucional no ano de comemoração do cinquentenário da Universidade Federal do Pará, nos discursos dos sujeitos sociais que integram a comunidade universitária.

A fim de tornar a pesquisa metodologicamente bem organizada, dividi a dissertação em três capítulos seguidos das considerações finais. No primeiro capítulo, cheguei às condições de produção dos discursos que levam ao reconhecimento de um ethos. Com esse intuito, enveredei pela história de criação da Universidade Federal do Pará. Após isso, desenvolvi uma seção com considerações sobre o papel da comunicação nas organizações, chegando a um dos maiores veículos de comunicação institucional da UFPA, o Jornal Beira do Rio.

O segundo capítulo inclui a revisão teórica sobre a noção de ethos desde a Retórica antiga até os dias atuais. Para tanto, teci contraposições entre as concepções aristotélicas e as de Dominique Maingueneau, elucidando que esta pesquisa sustenta-se nas discussões deste último autor que compreende a noção de ethos como participação nos sentidos sociais materializados por meio da linguagem. A fim de seguir a sequência lógica e coerente da fundamentação teórica, um subitem sobre as noções de ethos e cena de enunciação incorporaram o arcabouço teórico por meio dos três planos que interpenetram a enunciação: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

No terceiro e último capítulo, sob a inspiração da Análise do Discurso de linha francesa, mergulhei na análise dos enunciados dos atores sociais que compõem a Universidade Federal do Pará. A fim de facilitar a compreensão da análise e chegar a conclusões (sempre provisórias) em torno das imagens projetadas nos discursos do cinquentenário pela imprensa institucional, dividi o capítulo em três seções, a saber: considerações sobre os gêneros em questão, construção das figuras do enunciador e do co-enunciador nos textos sob análise; as marcas da topografia e da cronografia discursivas.

As considerações finais trazem o resultado da análise dos textos que me permitiram a identificação da figura do fiador, construída pelos discursos e tornada pública pela Imprensa Institucional, por meio do Jornal Beira do Rio, durante o ano de 2007.

CAPÍTULO I – A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ E O SEU ESPELHO DE NARCISO: A IMPRENSA INSTITUCIONAL

Este capítulo aborda as condições de produção dos discursos que levam ao reconhecimento de um ethos nos discursos produzidos, durante o ano de 2007, no Jornal Beira do Rio sobre a comemoração do cinquentenário da UFPA. Para tanto, inicia-se com o histórico da UFPA e sua importância na Região Amazônica. Em seguida tece-se algumas considerações acerca do papel da comunicação nas organizações, chegando-se à apresentação do *corpus* de análise propriamente dito, o Jornal Beira do Rio, um dos instrumentos legitimadores do discurso institucional.

1.1 A INSTITUIÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

A Universidade Federal do Pará foi criada pela Lei nº 3.191, de 2 de julho de 1967, mas só foi sancionada cinco anos depois pelo então presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira. No início de sua existência congregou sete faculdades federais, estaduais e privadas existentes em Belém: Medicina, Direito, Farmácia, Engenharia, Odontologia, Filosofia, Ciências e Letras e Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais.

O fortalecimento da criação da Universidade Federal do Pará só ocorreu, no entanto, no âmbito acadêmico com o processo de federalização. O médico e professor José da Silveira Netto liderou tal processo. O projeto de Lei nº 2.268-52, de 4 de agosto de 1952, apresentado à Câmara dos Deputados, pelo então deputado federal Epílogo de Campos, dispôs sobre a criação da Universidade Federal do Pará. Somavam-se, até aí, onze instituições de ensino superior em Belém quando a universidade foi criada.

Atualmente, a Universidade Federal do Pará é uma instituição federal de ensino superior, organizada sob a forma de autarquia, vinculada ao Ministério de Educação (MEC) por meio da Secretaria de Ensino Superior (SESu). O princípio fundamental da UFPA é a integração das funções de ensino, pesquisa e extensão. Sete são as Pró-Reitorias que integram a Instituição: a Pró-Reitoria de Administração - PROAD, a Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento - PROPLAN, a Pró-Reitoria de Ensino e Graduação - PROEG, a Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP, a Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal - PROGEP e a mais recentemente criada, Pró-Reitoria de Relações Internacionais - PROINTER.

Pressupondo a universalidade do conhecimento, a Universidade, em seu Regimento Interno, tem como princípio fundamental a missão de:

Gerar, difundir e aplicar o conhecimento nos diversos campos do saber, visando à melhoria da qualidade de vida do ser humano em geral, e em particular do amazônida, aproveitando as potencialidades da região mediante processos integrados de ensino, pesquisa e extensão, por sua vez sustentados em princípios de responsabilidade, de respeito à ética, à diversidade biológica, étnica e cultural, garantindo a todos o acesso ao conhecimento produzido e acumulado, de modo a contribuir para o exercício pleno da cidadania, fundada em formação humanística, crítica, reflexiva e investigativa (UFPA, 2011).

Paralelamente ao processo de expansão da infraestrutura de seu *campus* pioneiro, a UFPA procurou disseminar o conhecimento para os principais polos de desenvolvimento do Estado. A fim de promover o acesso ao ensino superior no segundo maior estado brasileiro, inegáveis foram os avanços e muitos são os desafios do processo de interiorização. O programa de interiorização da Universidade, aprovado pelo reitor José Seixas Lourenço, por meio da Resolução Nº 1.355, de 3 de fevereiro do ano de 1986, teve suas primeiras turmas iniciadas em 1987. A interiorização foi pensada como uma necessidade frente à carência do ensino superior público no território do Pará. Existiam, até então, apenas três universidades públicas no Estado: a Universidade Federal do Pará, a Universidade do Estado do Pará e a Universidade Federal Rural da Amazônia. Os municípios nos quais o ensino superior chegou de forma politicamente planejada possuíam apenas 25 mil professores, de um total de 150 mil, habilitados para o magistério.

Esse processo de interiorização contou com o apoio das prefeituras locais, seja por meio da doação de prédios para a instalação das sedes dos *campi*, seja com a cessão de pessoal para atuar como servidores. O déficit, no entanto, tanto na disposição de corpo docente quanto na de técnico-administrativo sempre foi uma constante em toda a universidade.

O cenário atual da universidade ganhou novos contornos com a criação da chamada Universidade Multicampi, por meio dos sete eixos estruturantes do Plano de Desenvolvimento da UFPA 2001-2010: Universidade Multicampi; Integração com a Sociedade; Reestruturação do Modelo de Ensino; Pesquisa e Desenvolvimento Amazônico; Valorização dos Recursos Humanos; Ambiente Adequado e Modernização da Gestão. Em 2004, o Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CONSEPE) aprovou a Resolução Nº 3.211, com pressupostos e diretrizes que regulamentaram a assim denominada Universidade Multicampi. Mas o que isso significou? Significou o reconhecimento formal e legal – pela oficialização do conceito –

daquilo que era, há anos, fato da dinâmica acadêmica da Universidade Federal do Pará: a presença e expansão para vários municípios e regiões do interior do Estado. Firmaram-se normas, valores e procedimentos que favoreceram a contínua interiorização da educação superior em território paraense, consolidando a UFPA aos novos avanços. Por fim, rompia-se a dicotomia que ainda prevalecia entre capital e interior, reconhecendo que todos os *campi* são sedes da universidade, merecem ser considerados indistintamente polos importantes de formação e irradiação do conhecimento e representam, em cada local, toda a Instituição.

1.2 O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM INSTITUCIONAL

Antes da caracterização do *corpus* propriamente dito, o Jornal Beira do Rio, algumas considerações sobre o papel da comunicação institucional são necessárias para a melhor compreensão da análise em questão.

Considerando que um dos grandes desafios das organizações hoje é construir e solidificar no mercado uma imagem favorável a seu respeito, capaz de legitimá-las e torná-las competitivas, uma das atitudes a tomar ainda é o trabalho feito por meio da comunicação institucional. (CHIAVENATO, 2004)

É a comunicação, via de regra, que viabiliza a construção da cultura organizacional e da identidade corporativa, e que permite que as organizações gerem, tanto no ambiente interno quanto no externo, uma imagem institucional coerente e fortalecida. Em outras palavras, a imagem que uma organização apresenta, defende e sustenta é hoje um dos fatores determinantes para sua sobrevivência, na medida em que é por meio dela que seus diversos públicos são informados sobre o que ela é, faz e pretende. (OLIVEIRA; PAULA, 2008)

Entende-se, nesse sentido, que quando habilmente gerida, a comunicação torna-se capaz de produzir efeito muito positivo sobre os colaboradores de uma empresa/organização, o que, por si só, caracteriza-se como importante passo para a criação de uma imagem favorável no mercado. Atentar para o relacionamento das organizações com seus públicos em nível global e integrado, considerando todas as exigências e todas as formas de interação é o que consolida a imagem institucional.

Martins (2001) complementa essa ideia afirmando que não existe uma única imagem institucional, mas tantas quantas forem necessárias, visto a variedade de públicos e intenções da empresa. Para este autor, as imagens são projetadas e entendidas de variadas maneiras, por

diferentes agrupamentos, em diferentes épocas, e por isso mesmo torna-se um importante aspecto a ser analisado quando o assunto refere-se à eficácia organizacional, a habilidade da organização em projetar e sustentar uma imagem sólida, diferenciada, capaz de identificá-la e destacá-la diante da concorrência.

Oliveira e Paula (2008, p. 102), assim discorrem:

Como ator social coletivo e, portanto, agente de práticas discursivas, as organizações estabelecem relações constantes com outros agentes discursivos, no caso específico, os grupos que interagem com a organização, conforme as circunstâncias e os interesses, que configuram determinado relacionamento. É nessa interação que se concretizam os sentidos, a partir de relações que se dão por conversações e/ou suportes sociotécnicos.

Os fluxos comunicacionais, informacionais e relacionais nas organizações são materializados por meio de práticas discursivas escritas, verbais, visuais ou verbo-visuais, produzidas no próprio contexto organizacional, pelos agentes que dela fazem parte, ou planejada e bem elaborada por uma imprensa institucional, na instância da organização.

Torna-se necessário, antes de iniciar a abordagem sobre o jornalismo institucional, responder: Mas, afinal, o que é o Jornalismo? O jornalismo, em uma visão mais generalista, é definido como a atividade profissional que consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações. Traquina (2005, p. 19), em *Teorias do Jornalismo*, prontamente define:

Poeticamente podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia.

O autor fala da importância e do poder do jornalismo na atualidade. Considera que o jornalismo não deve ser reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e seus formatos, e os jornalistas a meros empregados.

Para Traquina (2005), o jornalismo é uma atividade intelectual e que tem o papel central, na teoria da sociedade contemporânea e democrática, de informar o público sem censura.

No caso do jornalismo institucional, a particularidade encontra-se no anseio pela legitimação, credibilidade do discurso jornalístico em relação à veiculação das ações da gestão organizacional. Essa credibilidade viabiliza-se quando existe um “compromisso” entre o veículo de divulgação e o seu público-alvo.

Todo esse complexo debate sobre os novos paradigmas da comunicação nas organizações já está presente há algum tempo nas Instituições de Ensino Superior (IESs), que enfrentam verdadeiras transformações no âmbito de suas concepções filosóficas, no da tecnologia da informação, no dos comportamentos e das aspirações dos educandos. As universidades acabaram por se conscientizar da necessidade de se reformarem, atentando às novas exigências do mercado.

No caso específico da Universidade Federal do Pará, a Assessoria de Comunicação-ASCOM é percebida como uma unidade de divulgação institucional vinculada ao gabinete da Administração Superior. Seus principais canais são:

- O **Divulga:** informativo de circulação via e-mail, destinado à divulgação interna de fatos considerados extraordinários;
- O **Acontece:** informativo eletrônico destinado à publicização de assuntos institucionais, tais como cursos, oferta de bolsas, defesas de dissertações e teses, concursos;
- A **Agenda:** cronograma com atualização periódica dos eventos recentes;
- **Portal da UFPA:** também atualizado periodicamente, seu acesso é pelo www.portal.ufpa.br;
- **Portal Multicampi:** atualizado periodicamente e acessado pelo link “campi do interior”, existente no Portal da UFPA e pelo www3.ufpa.br/multicampi/novo. Apresenta notícias dos campi do interior;
- **Site da ASCOM:** acessado pelo site www.ascom.ufpa.br, pelo link do Portal “UFPA na mídia” ou pelo link da Imprensa;
- **Jornal Beira do Rio:** veículo de divulgação científica e institucional, engendrado pelas ações de ensino, pesquisa e extensão da universidade. A versão impressa contempla todos os campi assim como chega aos órgãos públicos estaduais, municipais e federais, às organizações não-governamentais e a outras instituições de ensino. A versão eletrônica pode ser consultada na íntegra pelo endereço www.ufpa.br/beiradorio/novo/ ou pelo beiradorio@ufpa.br;
- **Front light:** quadros de painéis suspensos em diversos setores da Instituição;
- **Painéis eletrônicos:** mídia exterior destinada a divulgar informes sucintos para os usuários do campus de Belém. Os três painéis existentes situam-se na Biblioteca Central, no Restaurante Universitário e no Vadião.

(disponível em <http://www.ascom.ufpa.br>)

A importância que foi a comunicação institucional no ano do cinquentenário deve-se, entre outros fatores, à intervenção da imprensa institucional como promotora, por meio dos sujeitos sociais que compõe a Instituição, da imagem de uma Instituição fortalecida e reconhecida na região. A maneira como se construiu essa imagem, veiculada pelo Jornal, despertou o interesse em analisar o trabalho de construção do ethos nos discursos produzidos pelos atores sociais que integram a comunidade da UFPA (nos seus 50 anos de existência), no trabalho da imprensa institucional, por meio do Jornal Beira do Rio

1.3 O JORNAL BEIRA DO RIO

Um dos maiores instrumentos de divulgação dos trabalhos e ações da Universidade Federal do Pará, hoje, é o Jornal Beira do Rio. No ano de 2007 ele completou 21 anos de existência. Por algum tempo, no entanto, ele deixou de ser publicado. A ideia de retomada na divulgação das ações institucionais e da produção científica da UFPA ocorreu em 1985 e foi rapidamente aceita pela administração superior, afinal, um novo cenário de legitimação da imagem das empresas/instituições estava circulando, com efeito, e a Universidade, no âmbito da Assessoria de Comunicação, não poderia deixar de estimular a sua própria imprensa institucional. Era preciso legitimar sua imagem como instituição democrática, participativa e transparente.

A repercussão de muitas de suas reportagens chegou à imprensa paraense e nacional, levando à sociedade a contribuição da UFPA, em termos de produção do conhecimento para o desenvolvimento local, regional e, mesmo, nacional.

O Jornal Beira do Rio foi criado em 1986, na forma de tablóide e em preto e branco. Durante a gestão do então Reitor José Seixas Lourenço, houve uma reestruturação da Assessoria de Imprensa, a fim de torná-la instrumento de divulgação científica das atividades desenvolvidas pela Universidade, que se encontravam dispersas ou mesmo restringiam-se a lugares específicos. Uma equipe pequena foi formada, com jornalistas da instituição, jornalistas contratados e dois alunos bolsistas do curso de jornalismo, o que imprimiu ritmo profissional à redação da Assessoria, no que concerne à divulgação dos assuntos da UFPA junto à mídia local, regional e nacional. Com isso a UFPA ganhou maior visibilidade, e, conseqüentemente, reconhecimento da própria comunidade universitária pela participação de

estudantes de jornalismo nas edições. A nomeação do jornal como Jornal Beira do Rio, por exemplo, foi sugestão de uma estudante, Joice Santos. As mudanças e a qualidade das publicações foram evoluindo com o tempo.

No ano do cinquentenário, algumas ações de aprimoramento e reformulação do Jornal Beira do Rio começaram a ser pensadas pela Assessoria de Comunicação: o aumento da tiragem, a reorganização da distribuição e a diversificação de pautas de forma a buscar o equilíbrio para a cobertura entre as diversas áreas do conhecimento. Com esse intuito, a imprensa procurou conscientizar a comunidade acadêmica da importância da adoção, na Instituição, da cultura da comunicação, capaz de tornar viável a maior difusão das informações, visando alcançar tanto o público interno à UFPA como a sociedade externa. Era preciso democratizar o conhecimento produzido dentro da Universidade.

Atualmente, outras são as formas de comunicação, possibilitadas não mais somente pela mídia tradicional (jornal, rádio e televisão), mas principalmente pela internet. Amplas são as formas de comunicação, afinal:

São outras, também, as exigências comunicacionais das empresas e instituições, que necessitam cada vez mais estarem visíveis e atenderem demandas de um público diversificado, trocando informação em um curto espaço de tempo. Do ponto de vista da comunicação institucional, já não basta um setor denominado assessoria de imprensa ou de comunicação, que tenha entre suas atividades principais a marcação de entrevistas e a publicação de um jornal (SEIXAS, 2007, p. 2).

O Jornal Beira do Rio, por meio de sua assessoria de comunicação, pensa, hoje, tanto no atendimento às demandas dos públicos internos quanto externos (locais, regionais, nacionais e internacionais), de forma a tornar legítimas as ações da UFPA. Além de sua distribuição impressa, ainda é possível acessá-lo pela internet, na página da UFPA.

Dentre os muitos desafios encontrados para manter a publicação do jornal, está o fato de que ele privilegia o jornalismo científico. Ferreira (2007, p.3) assim comenta:

[...] sem dúvida uma das áreas que exige maior esforço dos jornalistas no sentido de manter a clareza e a precisão no texto. Só assim é possível comunicar os resultados das pesquisas em linguagem acessível ao público, respeitando as informações geradas pelo pesquisador ao longo de anos de trabalho.

Mas, segundo Ferreira (2007), os resultados alcançados com as publicações do jornal demonstram que a comunicação eficaz é capaz de criar laços fortes com seus leitores, além de potencializar outras iniciativas capazes de despertar o interesse pelo conhecimento científico em diversos níveis da sociedade, além da acadêmica.

Em 2010, O Jornal Beira do Rio ganhou o Prêmio Destaque Andifes de Jornalismo Institucional. O Jornal da UFPA foi considerado o melhor dos periódicos institucionais das Instituições de Nível Superior do Brasil. Essa premiação é concedida, anualmente, pela Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que reconhece os melhores periódicos produzidos pelas assessorias de comunicação das Instituições Nacionais.

Ao longo do ano de 2007, durante a gestão do Prof. Dr. Alex Fiúza Bolonha de Melo, programações artísticas e científicas fizeram parte das comemorações que reviveram a história da Instituição. Para tanto a equipe da Assessoria de Comunicação, reconhecidamente, empenhou-se na realização de um trabalho importante: preocupou-se com layout, imagens, entrevistas, artigos, enfim, com todo o trabalho discursivo que vieram a tornar visíveis e reconhecidas as ações da Instituição.

No âmbito de comemoração dos 50 anos da Universidade Federal do Pará, convém fazer a seguinte indagação: de que maneira o trabalho discursivo de comemoração dos 50 anos da Universidade Federal do Pará, empreendido pela imprensa institucional, por meio dos atores sociais que compõe a Instituição, é instrumento revelador do ethos?

A fim de responder com coerência a esse questionamento, faz-se necessário discorrer, primeiramente, ao arcabouço teórico, tendo em vista que, no trabalho científico, teoria e metodologia são indissociáveis. Sendo assim, o próximo capítulo construído traz as contribuições teóricas que fundamentam a pesquisa e permitem a análise dos dados.

CAPÍTULO II: ETHOS – A “VOZ” DO DISCURSO

A noção de ethos vem, há muito, percorrendo vários caminhos. Da Retórica antiga, passando pela Pragmática e chegando à Análise do Discurso (AD). Foi a partir dos anos de 1980 que o termo passou a ser objeto de reflexão nos estudos do discurso, suscitando comentários acerca do conceito do ethos retórico, assim como abrindo espaços a novas acepções em disciplinas que se interessam por esses estudos (MAINGUENEAU, 2008c).

Se em Aristóteles o ethos foi objeto de interesse na Retórica e na Política, nos dias atuais tanto interesse na retomada desse conceito explica-se pelo espantoso domínio das mídias audiovisuais. Maingueneau (2008c) salienta que o movimento da midialogia vem acompanhando a convicção dos trabalhos nos quais o ethos é explorado pela ideia do corpo em movimento. A propaganda cede lugar à publicidade, que, a fim de valorizar o produto e conquistar a adesão de seu público, elabora em seu discurso um corpo imaginário da marca a fim de levar a crer em seu discurso e assim conquistar seu público consumidor.

O objetivo deste capítulo é o de tecer observações necessárias a uma melhor compreensão do que está em jogo na noção de ethos. Para tanto se estabelece a articulação entre diferentes conceitos e categorias desenvolvidas por Maingueneau e Bakhtin.

Como o fio condutor da pesquisa aqui desenvolvido gira em torno do objetivo de analisar a constituição do ethos nos discursos produzidos pelos atores sociais que integram a comunidade da UFPA, editados no Jornal Beira do Rio, no ano de 2007, necessita-se dedicar atenção mais especificamente aos estudos do conceito de ethos e cena de enunciação.

1.1 ALÉM DA NOÇÃO ARISTOTÉLICA

O percurso histórico da noção de ethos, as explorações reiteradas em livros, teses, dissertações, artigos, comumente circulantes até então, ainda não conseguiram trazer caracterizações precisas de sua noção. Na Retórica antiga o ethos era entendido como as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, por meio de sua maneira de dizer; não o que diziam a respeito deles mesmos, mas o que acabavam por revelar pelo modo como se expressavam. O ponto de vista da AD evidentemente não é o mesmo da Retórica antiga. A AD procura compreender a noção de ethos como participação na construção dos sentidos sociais tecidos por meio da linguagem.

Enquanto na visão aristotélica o ethos situa-se no âmbito da estratégia do interlocutor, o qual, segundo este autor, possui o domínio sobre seu ato de enunciação; na AD, a noção de ethos encontra-se no âmbito do posicionamento¹ que o enunciador assume no ato enunciativo.

Enquanto em Aristóteles o orador, em seu discurso, seleciona suas palavras, seus argumentos, seu tom, ou seja, vê-se dotado de caracteres que tornam sua enunciação aceitável ou recusável; na AD, o enunciador manifesta-se por meio de uma “voz”, um corpo enunciante, implicado em um momento histórico e inscrito em uma situação que sua enunciação legítima.

Maingueneau (2008a) estabelece uma primeira distinção entre ethos discursivo e ethos pré-discursivo, em contraposição à definição aristotélica. O autor argumenta que mesmo que o coenunciador não disponha, previamente, de informações sobre o caráter do enunciador, o gênero de discurso em que o texto se insere, ou mesmo a posição ideológica do enunciador, levam a expectativas em termos de ethos, já que faz parte da cena de enunciação. Maingueneau, nesta mesma obra, esclarece, no entanto, que em alguns tipos de discurso e em algumas circunstâncias, como no início de um romance, por exemplo, torna-se difícil dispor de conclusões prévias do ethos discursivo.

É nesse contexto que Maingueneau (2008a) contrapõe-se à concepção de discurso enquanto “procedimento”, que ignora a cena de enunciação. Para o autor, o discurso “é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva” (MAINGUENAU, 2008a, p. 73).

Encaminha-se a discussão desta pesquisa primeiramente a partir das dificuldades ligadas à noção de ethos, segundo Maingueneau (2008c), para finalmente se especificar que a noção de ethos que será utilizada nessa pesquisa, segundo a perspectiva de Maingueneau, ultrapassa o domínio da argumentação, ela permite a reflexão sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos a um determinado discurso sócio-historicamente construído.

A abordagem do ethos inicia-se a partir do estudo do gênero de discurso, pois, em razão da diversidade dos gêneros, o sujeito da enunciação é interpelado em um certo lugar enunciativo, integrante de uma instituição discursiva inserida em determinadas configurações

¹ No campo da Análise do Discurso, “posicionamento” é definido como uma identidade enunciativa forte. Maingueneau (2008c) exemplifica esse conceito com a análise do discurso do partido comunista de determinado período da história. Trata-se de um lugar de produção discursiva bem específico. Mas também pode ser empregado para identidades de *fraca consistência doutrinal* (exemplo: uma programa de televisão ou mesmo uma campanha publicitária). Maingueneau e Charaudeau (2008) comparam-no como a posição que um locutor ocupa em um campo de discussão, os valores que o comportamento defende (consciente ou inconsciente) e que acabam por caracterizar sua identidade social e ideológica.

histórico-culturais, o que corresponde a um enunciador que assume papéis, inscrevendo-se em momentos de enunciação legítimos. O destinatário, por sua vez, apóia-se em indícios que vão muito além do que simplesmente a materialidade linguística. No ato de comunicação há muitos outros elementos contingentes que influenciam na construção do ethos. Maingueneau considera que o ethos não é um efeito da materialidade verbal da superfície discursiva, logo não pode ser delimitado: “O problema é mais delicado se considerarmos que o ethos, por natureza, é um *comportamento* que, enquanto tal, articula verbal e não verbal para provocar no destinatário efeitos que não decorrem apenas de palavras” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 61).

A questão é que o termo ethos, desde a sua origem, não apresenta um valor único. Nem em Homero, nem em Aristóteles, conforme Vergnières (2003, apud MAINGUENEAU, 1997a), nem mesmo nas discussões atuais o termo é objeto de tratamento unívoco. Isso pode ser observado na Retórica, segundo Maingueneau (2008c), na qual Aristóteles atribui ao termo, em alguns momentos, propriedades associadas ao orador, no ato de sua enunciação; em outros são atribuídas propriedades estáveis a indivíduos inseridos em determinadas comunidades.

O objetivo aqui, no entanto, não é encontrar uma interpretação do conjunto de empregos do termo ethos em Aristóteles, mas sim de interrogar a que serve essa categoria aos estudos das ciências da linguagem, e mais especificamente ao estudo do discurso.

Nos estudos de Maingueneau (1997a), o ethos é parte constitutiva da cena de enunciação². Cena esta construída pelo discurso do enunciador, validada no momento da enunciação.

O ethos está ligado a uma cena enunciativa, na qual o destinatário deve estar inscrito para que o processo interpretativo seja possível e o co-enunciador tenha a capacidade de dialogar com o enunciado, que o levará à inserção em um universo sócio-histórico. A fim de legitimar o seu dizer, o enunciador assume uma posição institucional, que marca sua relação com determinado saber.

A noção de ethos ultrapassa assim as fronteiras da argumentação. Segundo o autor, a noção permite a reflexão sobre o processo de adesão dos sujeitos a certo posicionamento. Esclarece que, com exceção dos gêneros “funcionais”, os quais não buscam uma adesão

² Charaudeau e Maingueneau (2008) elucidam que, em Análise do Discurso, a expressão é frequentemente empregada em concorrência com a de “situação de comunicação”. Mas, no arcabouço teórico proposto por Maingueneau, acentua-se o fato de que a enunciação acontece em um espaço instituído, definido pelo gênero de discurso e sob a dimensão construtiva do discurso, que se “coloca em cena”, instaura seu próprio espaço de enunciação.

imediate, os sujeitos envolvidos no contexto enunciativo são levados a aderir a certa posição discursiva.

O discurso é, segundo o autor, indissociável da forma pela qual toma o corpo. Na enunciação há a representação de vozes, de uma “vocalidade”, que remete à fonte enunciativa, o “fiador”.

A enunciação acaba por conferir um corpo ao fiador. O coenunciador, por sua vez, envolvido em determinado conjunto de valores, concepções e leituras históricossociais de mundo, incorpora ou recusa tal discurso. Se aceito, fiador e co-enunciador aderem a um mesmo discurso da comunidade imaginária.

Maingueneau (2008a) ilustra sua tese com o exemplo do discurso “doce”, na célebre *Introduction à la vie dévote*, de São Francisco de Sales. Um confessor, a fim de buscar a adesão de uma dama do mundo ao seu discurso devoto, a interpela com tom pacífico, afetuoso, paternal, criando um ambiente familiar que a faça crer. O ethos da “doçura”, inscrita no discurso do confessor, além de implicitamente distinguir-se pelo conteúdo e pela cenografia, apóia-se na representação corporal do enunciador. O confessor incorpora a sua enunciação e sutilmente desqualifica o “antifiador” (as doutrinas calvinistas). O coenunciador (a dama do mundo) “incorpora” essa cenografia e adere ao mundo devoto a que essa cenografia pertence. O universo de sentido, dessa forma, é legitimado.

Porém, meio século mais tarde, o discurso devoto do qual São Francisco de Sales é adepto passa a ser violentamente atacado pelos jansenistas. Estes, por sua vez, procuram desconstruir o discurso do ethos doce. No texto *Provinciais de Pascal*, os jansenistas criticam os devotos pela imagem melancólica, pálida e triste de suas feições, o que Pierre Le Moyne argumenta representar um amor associado ao silêncio e à solidão. Os jansenistas produzem uma imagem de si mesmo, mantendo o modo doce, mas enfatizando a felicidade, o modo alegre de viver. É o que se pode observar na 9ª carta das Provinciais de Pascal, na qual um jesuíta, defensor dos casuístas, prolongando uma citação do discípulo de Francisco de Sales, Pierre Le Moyne, ridiculariza o ethos doce, por meio do retrato de um “antifiador” melancólico.

Eu não nego que se vejam devotos que são pálidos e melancólicos em sua compleição, que amam o silêncio e a solidão, e têm apenas fleuma em suas veias e terra em seu rosto. Mas vêem-se muito mais outros que são de uma compleição mais feliz e têm em abundância esse humor doce e quente e esse sangue benigno e purificado que faz a alegria. (PASCAL apud MAINGUENEAU, 2008a, p. 80)

Na exemplificação acima é possível estabelecer a distinção entre ethos dito e ethos mostrado. No primeiro o ethos vai além da referência direta do enunciador à sua própria pessoa (é o caso do discurso do jesuíta), incidido por meio de uma cena de fala (“vêm-se muitos outros que são de uma compleição doce e quente”), que leva à validação da enunciação. No ethos mostrado esse mesmo enunciador projeta uma imagem de si direta; ele se mostra no enunciado. Amossy (apud MAINGUENEAU, 2008a, p. 82) problematiza essas definições discorrendo que:

O ethos efetivo, aquele que, pelo discurso, os co-enunciadores, em sua diversidade, construirão, resulta assim da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia segundo os discursos. A distinção entre ethos dito e ethos mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível definir uma fronteira clara entre o “dito” sugerido e o “mostrado” não explícito. As metáforas, por exemplo, podem ser consideradas como tendo a ver ao mesmo tempo com o dito e com o mostrado, segundo a maneira pela qual são geridas no texto.

O autor exemplifica, também, como processo de incorporação, o discurso literário. Tal discurso leva os co-enunciadores a mundos sensíveis no processo de enunciação. Um imaginário do corpo enunciante é construído. Esse mesmo autor menciona ainda a importante mudança na análise do ethos quando da idade clássica da literatura ao romantismo. No romantismo a corporalidade, a imagem dos personagens é pálida, magra, melancólica, já no classicismo a maneira de escrever valorizada apoiava-se nos códigos mundanos e no equilíbrio do chamado então corpo “honesto”.

Mas não se pode deixar de considerar que o processo de incorporação do co-enunciador vai além da caracterização da identidade³ do fiador. O co-enunciador ativa, por meio de sua leitura, um “mundo ético”, que nada mais é do que um estereótipo cultural, uma representação coletiva cristalizada, emergente e recuperada pelo alocutário no discurso e pelo discurso, por meio de elementos presentes e pressupostos, que levam à reconstrução de um modelo cultural pré-existente (AMOSSY, 2008). A publicidade contemporânea vale-se imensamente de tais estereótipos. Procura persuadir associando seus produtos a um corpo em

³ Charaudeau e Maingueneau (2008) consideram que a identidade do sujeito do discurso é construída de duas maneiras diferentes, dois domínios distintos e ao mesmo tempo complementares, articulados com o ato de enunciação: a identidade “pessoal” e outra dita de “posicionamento”. A primeira, somente psicológica e sociológica. Charaudeau a propõe como *identidade psicossocial*, que seria externa, o sujeito comunicante (com traços definidores de sexo, idade,...) ou como *identidade discursiva*, interna, a do sujeito enunciador, associada à locução, tomada de palavra, papéis enunciativos, modos de enunciação. A identidade de posicionamento é caracterizada pela posição do sujeito em um determinado campo discursivo em relação ao sistema de valores aí circulantes, em forma de discursos que este sujeito produz. Esse tipo de identidade inscreve-se, segundo os autores, em uma formação discursiva.

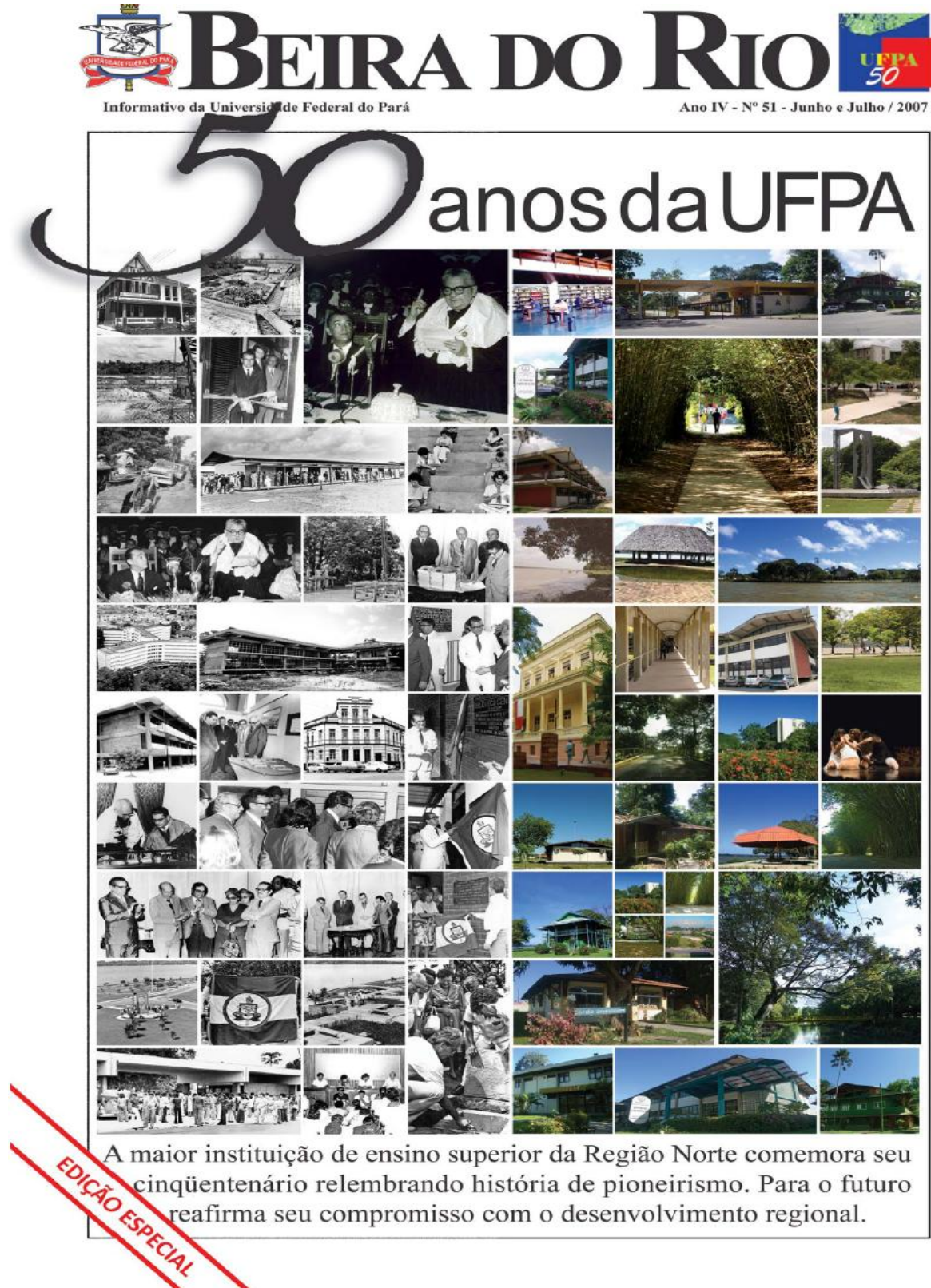
movimento, levando o público a construir uma auto-imagem que representa o suposto “desejo” coletivo, solidificado.

Bourdieu (1980) muito sabiamente esclarece que a ação alcançada pelo orador vai muito além do linguístico, é também social. O que autoriza esse orador na sua enunciação não é somente o tipo de discurso por ele utilizado na comunicação, mas o fato de possuir acesso à palavra ou a legitimidade a ele conferida para que fale sobre tal assunto. O autor fala sobre o universo do poder simbólico⁴ na língua como um dos instrumentos de conhecimento e de construção do mundo e dos objetos.

Em se tratando de ethos e incorporação, faz-se necessário esclarecer que, não sendo esta última um processo uniforme, e que ela se modula em função dos gêneros de discurso, o ethos representativo de um texto escrito não significa a identificação direta de um fiador encarnado, socialmente determinável (MAINGUENEAU, 2008c). Observemos isso no seguinte texto (Figura 1):

⁴ Aqui não se tem a pretensão de aprofundar a discussão sobre “poder simbólico”, mas é fundamental uma pequena elucidação sobre esse conceito, já que é um dos cerne (mais densos) da discussão de Bourdieu. Então, Poder simbólico para Bourdieu é eminentemente conquistado, isto é, se exerce, mas com a concessão “como legitimação e justificativa imersos” do domínio pelos subordinados da dominação (de uma classe sobre a outra) e a reprodução das crenças e competências pelo subordinado.

Figura 1: Capa do Jornal “Beira do Rio”



Fonte: Beira do Rio, v.4, n.51, jun./jul. 2007. (Edição Especial)

Pode-se observar, em uma análise preliminar desse exemplar, que a imagem seguida do texto não leva à identificação de um fiador explícito, mas isso não impede que se consiga identificá-lo, na maneira de dizer do texto, identificar o mundo ético ao qual ele pertence. Esse fiador fala do lugar da Instituição, inscrita em um momento histórico e implicada em um determinado lugar sócio-político. Essa ativação do mundo ético pelo leitor é possível pelo estereótipo que se tem da Instituição. A mensagem visual facilita a percepção de uma Instituição do antes (em preto e branco), representando o passado, o percurso de sua construção, e o hoje (colorido), que representa as mudanças, as inovações no espaço da UFPA. No passado, a ênfase encontra-se nos sujeitos agentes da Instituição, enquanto, no presente, a ênfase está na própria Instituição como lugar de agente. O fiador do texto se apaga em prol da Instituição. A Instituição ocupa o lugar de agente na cena enunciativa. O fiador é a própria Instituição, pois está totalmente integrado a ela. A Instituição comemora, relembra e reafirma sua importância, seu compromisso no cenário amazônico. Esse apagamento do fiador deixa a entender, no movimento discursivo, que quem interpela o leitor é a UFPA.

O universo de sentido que o discurso impõe pelo ethos e pelas doutrinas circundantes só são possíveis quando fiador e co-enunciador aderem à mesma posição no imaginário coletivo. A persuasão decorre dessa identificação do leitor com os valores historicamente vividos por ambos. O enunciado do fiador legitima, assim, seu jeito de dizer. Não há lógica, nesse sentido, em dissociar o conteúdo enunciativo da cena de enunciação. O discurso é um fato sócio-histórico que se legitima por essa associação entre conteúdo e cena discursiva.

1.2 ETHOS E CENA DE ENUNCIAÇÃO

Integrante de uma conjuntura sócio-histórica, o enunciador interage nas instituições discursivas, inscreve-se numa configuração cultural, assume papéis, possui valores, enuncia de um lugar, sendo assim, sob a perspectiva da AD, o ethos não se restringe simplesmente a um ato de persuasão. Ele faz parte da cena de enunciação.

É também pelo ethos que o destinatário participa de um lugar social, inscrito por meio da cena de enunciação: “A enunciação joga com o ethos sobre o qual ela se apóia [...]” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 68).

O enunciador, ao mesmo tempo em que é submetido às regras da subjetividade enunciativa, igualmente legitima seu dizer, assumindo a autoridade institucionalizada,

vinculada a este lugar. A AD defende a idéia de que não existe exterioridade entre sujeitos e seus discursos.

A noção de “encenação” requer cuidados de interpretação. Torna-se perigoso concebê-la como a representação de realidades, de conflitos (sociais, econômicos). Não se pode considerar que os “quadros” de encenação duplicam uma realidade anterior e exterior, que a mascaram, que são lugares onde se escondem interesses inconfessáveis. A encenação para a AD não é um efeito de linguagem, o discurso é uma construção social. A realidade está investida pelo discurso. Os lugares sociais só têm sentido por meio de lugares discursivos (MAINGUENEAU, 1997a).

Algumas noções trabalhadas em *Novas Tendências em Análise do Discurso* (MAINGUENEAU, 1997a) sobre “sujeito” e “lugar da enunciação” são extremamente pertinentes para o desenrolar dessa análise. O autor aponta para três diferentes tipos de sujeitos: o sujeito *linguístico*, o sujeito *genérico* e o sujeito da *formação discursiva*. Quando se fala em sujeito, segundo os preceitos da AD, atribuí-se a ele como correlato um destinatário, o “co-enunciador”, e um conjunto de coordenadas espaço-temporais.

O sujeito *linguístico* é aquele que interessa para a lingüística. Para a AD ele é um pressuposto, não representa uma instância final, mas deixa-se analisar em uma fase anterior ao objeto de estudo. A análise do sujeito *genérico* leva à crença de que o indivíduo que fala não é necessariamente o sujeito universal da enunciação. Maingueneau (1997a) argumenta que um certo número de lugares enunciativos é que define se a sequência enunciativa será caracterizada como um sermão, um romance, um artigo. O sujeito da formação discursiva⁵, por sua vez, envolve enunciador, enunciação, co-enunciador, a partir de uma dada conjuntura espaço-temporal e histórica.

Apresentar as noções de cena de enunciação, empreendidas pelos trabalhos de Maingueneau, então, surgem por uma exigência da abordagem que leva em conta as relações existentes com a subjetividade enunciativa, a encenação, os lugares sociais, o posicionamento.

Maingueneau (2008c) define a cena de enunciação por meio de três planos que se interpenetram: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Mesmo que se considere de indispensável importância a abordagem das três cenas enunciativas, esta pesquisa, pelo seu caráter, aprofundará a discussão acerca da cena genérica e a cenografia enunciativa.

⁵ Foucault (1997, p.153) entende o conceito de formação discursiva como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram, em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da formação enunciativa”.

1.2.1 Cena englobante

Nos estudos de Maingueneau (2008c) há a indicação de que a cena englobante atribui ao discurso um estatuto pragmático. Ao receber um panfleto na rua, busca-se determinar se ele pertence ao tipo de discurso publicitário, religioso, político. Ao ler esse panfleto, busca-se situar a que determinada cena ele pertence a fim de melhor interpretá-lo, de saber com que objetivo ele nos interpela (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008).

A cena englobante refere-se ao tipo de discurso mobilizado e seu estatuto pragmático. Tal cena funciona de acordo com a finalidade para qual o discurso se organiza, uma vez que os discursos estão associados a diversos setores da vida social. Trata-se, portanto, do caráter institucional do discurso. Maingueneau (2008b) defende, nesse sentido, que um discurso deve integrar todos os planos de sua semântica global, tanto no que concerne à ordem do enunciado quanto na da enunciação. Para o autor, o tecido textual, na sua diversidade de processos enunciativos, funciona apenas como um aparato retórico acessório de um sistema que investe o discurso em uma multiplicidade de dimensões. (MAINGUENEAU, 2008b)

Isso quer dizer que a ordem de sucessão dos “planos” que seguimos em nossa apresentação é completamente arbitrária no que diz respeito ao “esquema construtor” global representado pela competência discursiva que os investe. Não constitui de forma alguma um modelo genético em virtude do qual o enunciador escolheria previamente um tema, depois um gênero literário, depois um vocabulário ... A própria lista desses planos considerados não é objeto de uma elaboração teórica suficiente para pretender definir um modelo de textualidade. Sua única finalidade é ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global, e nada impede de isolar outras ou de repartir diferentemente as divisões propostas (MAINGUENEAU, 2008b, p. 77).

Em meio a essa variedade de dimensões, um discurso se interrelaciona com outros campos discursivos⁶. Cada campo tem seu próprio modo de orientação para a realidade e a refrata a sua própria maneira. Bakhtin (1997, p. 33) assim menciona:

Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.

Analisar o Jornal Beira do Rio é situá-lo no campo jornalístico e também no campo político. Por se tratar de instrumento de divulgação da produção do conhecimento da

⁶ Charaudeau e Maingueneau (2008) consideram que, no universo discursivo, isto é, no conjunto dos discursos que interagem em uma dada conjuntura, o analista do discurso é levado a recortar **campos discursivos**, em que um conjunto de formações discursivas (ou de posicionamentos) estão em relação de concorrência no sentido amplo, delimitando-se reciprocamente.

Instituição, das ações da Universidade Federal do Pará, encaixa-se no domínio do jornalismo informativo. O caráter político encontra-se no que Bakhtin (1997) considera como antecipação de uma atitude responsiva do enunciado em relação a seus co-enunciadores.

A imagem, considerando aqui a edição Junho e Julho de 2007, acima observada, e um pequeno texto logo abaixo atribuem à cena englobante um estatuto pragmático do tipo de discurso político-administrativo. Pode-se depreender que o enunciado ocupa uma posição definida, na esfera da comunicação jornalística, e trata da questão histórica da universidade e seus 50 anos no contexto de construção do conhecimento na região. Uma região que até então era considerada como uma periferia do mundo, um espaço de menos prestígio, um lugar que para muitos aguarda a produção de conhecimento, o progresso, o sonho de uma civilização florestal.

1.2.2 Cena genérica

Falar sobre cena genérica significa compreender que, no discurso, o falante é interpelado a partir de um certo número de lugares enunciativos, o que faz com que cada gênero de discurso implique uma cena específica.

A compreensão da cena genérica em Maingueneau articula-se ao entendimento da teorização dos estudos bakhtinianos sobre os gêneros do discurso. Bakhtin (1997) considera que os enunciados representam a concretização da língua e carregam a visão de mundo dos enunciadores, sendo, nesse sentido, únicos.

A organização de um texto em determinado gênero funciona de acordo com as intenções comunicativas, os usos sociais que são feitos, usos esses gerados como parte das condições de produção. Isso significa que os gêneros variam segundo os lugares e as épocas, e, por definição, não seria possível determinar uma lista dos mesmos.

Para Bakhtin (1997), a utilização da língua se materializa em forma de enunciado, ou seja, o complexo ato de comunicação se organiza e se agrupa por condições especiais de atuação e por objetivos específicos em cada esfera da atividade humana, dando origem conseqüentemente aos gêneros do discurso. De acordo com a sua definição, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua. Os enunciados produzidos pela atividade humana refletem

[...] as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada

nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Segundo a teoria bakhtiniana, o enunciado é de natureza social, um produto sócio-histórico, resultado da interação comunicativa humana dotada da produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto ideológico. Com base nela, concebe-se a língua como forma de interação social realizada por meio de enunciações. Bakhtin (1997, p.293) ressalta que “o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma”.

O discurso incorpora dois elementos, sendo determinado tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Nessa perspectiva, o gênero se constitui justamente como produto da interação do locutor e do ouvinte, ou seja, todo discurso serve de expressão de um em relação ao outro. Trata-se do dialogismo, que se constitui como um princípio do discurso.

Nessa perspectiva, Bakhtin elucida que o ouvinte está em constante sintonia com o locutor na elaboração do discurso, ou seja, o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota, simultaneamente, para com este discurso, uma *atitude responsiva ativa*. Os enunciados dos interlocutores se alternam buscando a compreensão e acionam a todo instante a atitude responsiva ativa diante do que ouvem, construindo uma interlocução permanentemente viva. Trata-se de ouvir a voz do outro na elaboração do enunciado.

Ainda segundo a perspectiva bakhtiniana, o próprio locutor também pressupõe a compreensão ativa responsiva na medida em que, ao elaborar um discurso, ele espera uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção.

Como o outro está presente nas formulações de Bakhtin e tem tanto a função de quem recebe como também de quem permite ao locutor perceber o seu próprio enunciado, o gênero do discurso geralmente se dirige a um interlocutor que não se limita a compreender o locutor. A totalidade acabada do enunciado proporciona a possibilidade de compreendê-lo de modo responsivo.

Dessa forma, os gêneros constituem-se como instrumentos que possibilitam ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Mainueneau (1997a), por sua vez, traz ao debate as contribuições bakhtinianas sobre o estudo dos gêneros, mas as explora, segundo a perspectiva da Análise do Discurso (AD) de tradição francesa, a qual objetiva, de modo geral, conhecer o funcionamento dos discursos, as modalidades de usos da palavra em um universo determinado.

Para Maingueneau (1997a), o discurso, associado às condições de produção dos enunciados, aparece como objeto de investigação de seus estudos. Os textos, por sua vez, organizam-se em determinado gênero como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam; vinculam-se, pois, os textos a gêneros de discurso. Estes refletem as características históricas da sociedade onde circulam como valores, crenças, convicções, conflitos.

A formulação textual, segundo Maingueneau (1997a), permite a manifestação, a partir de determinada posição, de um participante de uma certa comunidade enunciativa. As possibilidades enunciativas, segundo o autor, têm como critério o institucional. Nesse sentido, existem os discursos mais ritualizados (a instituição dita o que dizer, quem pode dizer e em qual circunstância) e os menos ritualizados. Os textos produzidos no Jornal Beira do Rio, por exemplo, apresentam formulação altamente estabilizada, resistente a mudanças. Estabilizados porque seguem um padrão que identifica o jornal, contribuindo para a identidade da publicação. Trata-se de um modo de manifestação material dos discursos da e sobre a Universidade, uma forma de apresentação da produção científica e do exercício político a partir de fiadores que manifestam suas posições, ou seja, como participantes de uma comunidade discursiva – a universitária.

Furlanetto (2005) elucida ainda, segundo os estudos de Maingueneau (1997), que uma das consequências da ritualização é que o *repetir* significa seguir os passos invisíveis da palavra do outro. Palavra esta que serve como âncora, que implica *filiação-conservação e memorização-reemprego*. Acrescer a esses traços a conjugação de legitimação do exercício da palavra para um grupo dado definirá o arquivo⁷. O autor atribui papel fundamental ao *suporte* de formulação textual, enfatizando que “conteúdo” e suporte material são inseparáveis. As condições midiáticas são exemplo disso, pois influenciam dispositivos de gêneros já estabilizados.

A filiação a gêneros do discurso caracterizam também um sujeito *genérico*, identificado por meio do número de *lugares* enunciativos de onde fala, o que funciona como pista favorável à caracterização dos gêneros de discurso, por exemplo, um artigo de opinião,

⁷ O que Furlanetto (2005) interpreta como arquivo, acaba por retomar Maingueneau (1997) que, por sua vez, retoma Foucault. Maingueneau (1997) vincula o sentido como um conjunto de “inscrições” que se referem a um mesmo posicionamento, à própria etimologia, chegando ao *arché* de *arqueologia*: fonte, princípio, e por derivação, comando, poder. O arquivo, assim, constitui uma sede de autoridade, de poder (poder dizer, deixar dizer, fazer dizer), que precisa ser alimentada pela memória, pela coletividade, pela manutenção do material discursivo.

um editorial, uma matéria, uma nota. O analista de discurso interessa-se justamente por essas amostras de um certo gênero de discurso.

O investimento em certos gêneros e não em outros dá ao arquivo uma certa face: mostra como se exerce a legitimidade da palavra. A instituição discursiva se desdobra em duas vertentes: uma social, outra de linguagem. Daí que toda prática discursiva se dá numa relação entre arquivo e comunidade discursiva, uma instância legitimando a outra. A comunidade discursiva é o grupo que gera os textos do arquivo (FURLANETTO, 2005, p. 265).

Maingueneau (1997, apud FURLANETTO, 2005) pressupõe que um texto integra um conjunto discursivo associado a um arquivo e materializa-se em um gênero pela sua correlação entre os elementos de formulação textual e as condições de produção. A organização de um texto deve ser pensada considerando a construção de sentido, construção essa ligada ao investimento feito em certos gêneros, o que determina a que tipo de arquivo pertence.

Para o autor, as interações são possíveis por meio do intercâmbio efetivo proporcionado pelos gêneros, já que para cada gênero há uma expectativa quanto às normas ou rotinas, deveres e direitos por locutores e destinatários. As rotinas a que se submetem os gêneros resolvem-se em condições de êxito, listados da seguinte maneira por Maingueneau (2001, p.66-68):

- a) *finalidade reconhecida*: todo gênero tem por fim um certo tipo de modificação da situação em que se situa. Sendo assim, sua finalidade está relacionada à questão implícita do estar aqui para dizer ou fazer algo. O alcance de tal finalidade é indispensável para um comportamento adequado do destinatário em relação ao gênero utilizado;
- b) *parceiros legítimos*: refere-se aos papéis definidos para enunciadores e destinatários;
- c) *lugar e momento legítimos*: todo gênero implica um lugar e um momento. Um artigo científico não será compreendido em uma sala de aula com alunos de ensino fundamental, por exemplo, por se tratar de um gênero ilegítimo para esse lugar. Maingueneau (2001) salienta, porém, que as noções de “momento” ou de “lugar” de enunciação exigidas por um gênero de discurso não são evidentes. O autor argumenta por meio do exemplo de um cartaz publicitário fixado à beira de uma linha férrea, cujo objetivo é ser visto rapidamente.

- d) *suporte material* (que faz parte da definição de gênero): qualquer mudança no suporte material dos enunciados modifica o gênero. O texto se liga sempre a sua forma material;
- e) *organização textual*: refere-se a atribuição da tarefa de estudo da linguística textual, a fim de se reconhecer a coerência de uso.

Esses critérios aplicados à pedagogia da língua correspondem, segundo Maingueneau (2001), ao programa formulado por Bakhtin para o estudo da língua, que preconiza como encarar os gêneros do ponto de vista do discurso, já que as comunicações e as interações verbais passam por um processo de evolução no quadro das relações sociais.

Considerando-se tal abordagem, cabe dizer aqui que o *corpus* de análise desta pesquisa, formado por textos que se situam em um campo híbrido do jornalismo, visa estimular e ampliar a área de comunicação institucional no que tange à divulgação das ações institucionais e à produção científica, tanto para a comunidade universitária, quanto a nível regional, nacional e internacional. Seus enunciadores possuem destinatários claros e legítimos (a comunidade acadêmica e a comunidade em geral, leitora do informativo), seu suporte material deixa claro a presença de diferentes gêneros, por exemplo, o artigo de opinião e a reportagem.

Divulgar os resultados de um trabalho de pesquisa em um relatório não se faz da mesma maneira que divulgar esses mesmos resultados no jornal institucional. Deve-se considerar a dimensão estilística da produção verbal ou mesmo verbo visual, como bem define Brait (2006, p.2), uma maneira de lidar com o discurso, com a enunciação.

No caso do *corpus* selecionado, o Jornal Beira do Rio, pode-se depreender que o estilo de produção verbal da coluna do reitor é diferente do estilo de uma reportagem. Isso se deve ao fato de que na coluna a figura do fiador mantém relação direta com seus enunciatários, não havendo presença de mediadores; na reportagem, porém, a figura do fiador é a do pesquisador e a do jornalista, isso devido à intermediação.

1.2.3 Cenografia

A cenografia, segundo Maingueneau (2008c), é construída a partir do texto e dos respectivos lugares em que está inserido. Os efeitos de sentido de um discurso são construídos por meio de pistas diversas. Nesse sentido, o nível linguístico, o conhecimento do gênero de discurso, o ritmo, são facilitadores na descoberta de sentidos.

Maingueneau (2008c) enfatiza que o ethos também precisa estar associado a uma situação de enunciação do discurso. Trata-se do cenário que o discurso deve pressupor a fim de que seja enunciado. Este mesmo autor usa o termo cenografia para definir a relação entre cenário e discurso. Ao mesmo tempo em que um discurso apresenta sua cenografia e ethos, ele afirma a legitimidade de ambos. Relacionadas à cenografia estão as figuras do enunciador e coenunciador, além de uma cronografia (um determinado momento) e uma topografia (um determinado lugar), ou seja, a dêixis discursiva. Todos esses elementos contribuem para o processo de legitimação de um discurso.

A exemplificação do discurso jansenista da III República, apresentada pelo autor, facilita a compreensão. O discurso demonstra o universo no qual a dêixis discursiva satisfaz os três lugares acima descritos: a República é ao mesmo tempo o locutor discursivo (que se dirige às crianças), a topografia (que delimita o território da pátria) e a cronografia (última fase da história da França) origem da enunciação discursiva. O aluno de então é compelido a integrar-se a esta República por meio do discurso, sob a forma de “cidadão”.

A existência da dêixis discursiva possibilita dizer que uma formação discursiva não parte de um sujeito, de uma conjuntura histórica e de uma topografia objetivamente determinável do exterior, mas da cena pela qual a enunciação produz e legitima seu dizer.

Essa dêixis representa o primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva. Uma segunda forma de acessar essa cenografia é por meio do que Maingueneau chama de dêixis fundadora. Esta diz respeito à situação anterior à dêixis atual.

Assim como a dêixis discursiva, a dêixis fundadora distingue-se em *locução fundadora, cronografia e topografia fundadoras*. A formação discursiva só pode validar sua enunciação se sua locução estiver inscrita nos vestígios de uma outra dêixis, de quem “capta”, a seu favor, a história (MAINGUENEAU, 1997a).

A articulação dessas três cenas de enunciação possibilita uma leitura bastante produtiva de diferentes enunciados, uma vez que fornece mais elementos lingüísticos e não-lingüísticos na constituição de variados efeitos de sentidos. Significa que o leitor, reconhecendo o tipo de discurso, o gênero discursivo a que pertence o texto a ser lido e a cenografia pressuposta e por ele engendrada, terá mais condições de fazer as réplicas ao autor do texto, participando assim da construção de sentidos, afinal, a “enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção de sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem” (MAINGUENEAU, 1997a, p.50).

CAPÍTULO III – O RECONHECIMENTO DE UM ETHOS PELOS DISCURSOS DO JORNAL BEIRA DO RIO

A imprensa escrita é a arena privilegiada para a divulgação e legitimação da imagem da Universidade Federal do Pará. Em 2007, principalmente, esse meio de comunicação, o Jornal Beira do Rio, serviu como um dos melhores veículos de divulgação do cinquentenário da Instituição e das ações da administração superior, o que contribuiu para reafirmar o valor da Instituição no cenário amazônico.

É fato que as notícias divulgadas pela imprensa não estavam isentas de uma atitude responsiva dos enunciadores. O discurso jornalístico não trata da simples reprodução dos fatos e opiniões dadas de antemão: assiste-se à construção de sujeitos, de objetos, da opinião pública (como uma actante coletivo) e das figuras dos enunciatários.

Comungando com essa discussão é que se toma como fio condutor desta pesquisa a análise da constituição do ethos nos discursos produzidos pelos atores sociais que integram a comunidade da UFPA, editados pela imprensa Institucional do Jornal Beira do Rio, no ano de 2007. Os gêneros discursivos a serem analisados, como já mencionado no capítulo anterior, são: o Editorial; as Notas, que são destacadas na parte superior da edição condensada e em páginas alternadas; quatro reportagens (sendo três da edição condensada e uma da edição de setembro); um artigo (edição especial) e uma entrevista (edição condensada dezembro de 2007 e janeiro de 2008). Essa seleção não despreza o valor dos textos das demais edições. Ele serve como um recorte representativo do que se produziu discursivamente em outros momentos do ano no Jornal.

A partir de então, a presente análise será dividida em quatro seções, a saber: considerações sobre os gêneros em questão; construção das figuras do enunciador e do co-enunciador nos textos sob análise; as marcas da topografia e da cronografia discursivas.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Uma vez que o objeto de investigação é o ethos nos discursos dos atores sociais que compõem o Jornal Beira do Rio no cinquentenário, torna-se necessário considerar que os diferentes gêneros do campo jornalístico apresentam o enunciador e o coenunciador de formas específicas. Portanto, antes de tecer considerações sobre a construção discursiva da figuras do enunciador e do coenunciador, algumas considerações sobre as particularidades dos diferentes gêneros discursivos que circulam no jornal são pertinentes. E como bem preceitua

Mainqueneau (1997a), os textos são organizados em determinados gêneros de acordo com as condições de produção sócioideológica a partir do qual um enunciado é produzido. Os usos sociais determinam os gêneros discursivos a serem utilizados e possibilitam a definição da identidade enunciativa na qual os discursos se inscrevem.

Remeter-se-á a partir desse momento, às considerações sobre as características discursivas dos gêneros em questão: Editorial, Notas, Reportagem, Artigo e Entrevista.

O editorial de um jornal é um gênero que procura evidenciar as tendências ideológicas⁸ do próprio jornal ou da empresa responsável pela publicação, sobre temas que estejam no rol das discussões de uma edição, o que acaba por remeter à concepção aristotélica de que o texto visa estabelecer uma verdade indiscutível, definitiva. Trata-se de um texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado, geralmente, sem assinatura. Ele consubstancia, por exemplo, as opiniões de diretores e editorialistas, os quais, mesmo que identificados com a linha do jornal, escrevem e atuam com autonomia e independência, assumindo a responsabilidade e garantindo a opinião que assume o veículo de comunicação (BARBOSA & RABAÇA, 2001).

O editorial do Jornal Beira do Rio, presente na edição condensada Junho/Julho (Anexo C), é considerado editorial apócrifo, por não ser assinado. As características são de um texto opinativo e que evidenciam as concepções ideológicas da linha editorial. Ele remonta a história de criação da UFPA, seu percurso histórico e a sua importância para a região.

A seleção do título “*UFPA, patrimônio da Amazônia e do Brasil*”, por exemplo, demonstra o caráter opinativo do enunciador que se posiciona como um grande admirador da Instituição da qual faz parte. A intenção mesmo é buscar a adesão de seus enunciatários, fundamentando a tese de uma Instituição legitimada pelo status que ocupa, pela importância no contexto da educação superior pública do Estado e mesmo para o país. Para isso, o enunciador se torna “porta voz” da Instituição, criando uma imagem positiva da UFPA.

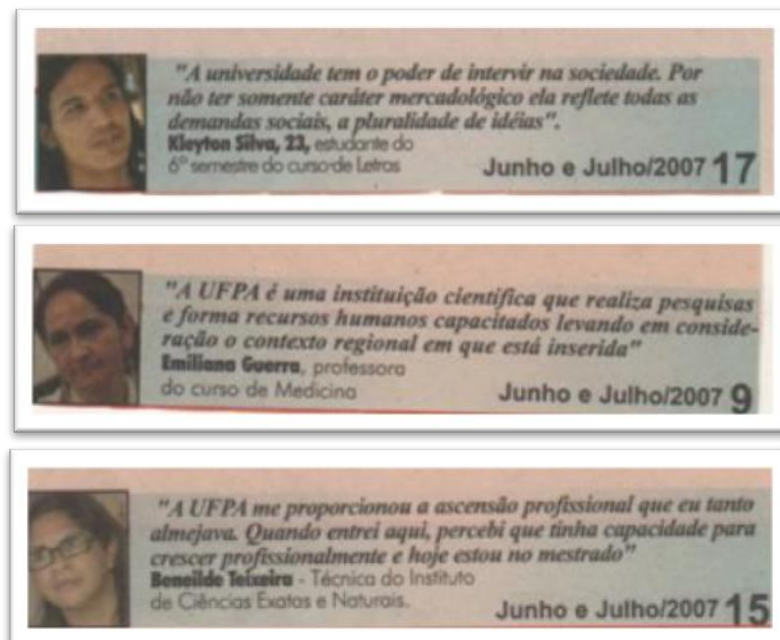
A criação da UFPA, há exatos 50 anos, por meio do Decreto-lei nº 3191, de 2 de julho de 1957, foi o marco de um novo tempo para a educação superior paraense. No dia 15 de março de 1958, o Teatro da Paz foi palco da solenidade de instalação da universidade, presidida pelo presidente Juscelino Kubitschek, que veio a Belém especialmente para participar da cerimônia. Em cinco décadas a universidade formou várias gerações de profissionais da região e contribuiu efetivamente para a melhoria das condições de vida da sua população (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial).

⁸ As expressões “tendência ideológica” e “concepções ideológicas” situam-se no mesmo plano de formação ideológica. Fernandes (2008, p. 49) elucida que “*É segundo as posições dos sujeitos que os sentidos se manifestam, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem*”.

Conforme Barbosa & Rabaça (2001), as notas, por sua vez, no jargão jornalístico, são consideradas como notícias curtas, destinadas a uma informação rápida. Caracteriza-se pela extrema brevidade e concisão. No Jornal Beira do Rio, no entanto, as notas (ver Anexo D) têm uma função específica, a de destacar os posicionamentos de todos os atores sociais a respeito da Instituição da qual fazem parte. O assunto em pauta é a UFPA e seus cinquenta anos de história, por isso a relevância dos depoimentos e o lugar de destaque no lado superior direito da edição condensada. Trata-se de recortes selecionados por um mediador, muito possivelmente a partir de entrevistas com os sujeitos envolvidos, nas quais se privilegia as passagens que apontam para o valor que a Universidade tem para cada um desses sujeitos, diferentemente do editorial, cujo enunciador, enquanto sujeito instituído, fala em nome de uma coletividade.

As notas possuem características organizacionais que a distinguem do editorial: não há presença explícita de mediadores entre os produtores dos discursos e os leitores; além de uma característica diferenciada, a identificação dos atores sociais por meio de fotos, nome e profissão.

Figura 2: Identificação dos atores sociais das notas



Fonte: Extraído de BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial.

Em se tratando do gênero reportagem, Barbosa & Rabaça (2001) o consideram como um conjunto de providências indispensáveis à elaboração da notícia jornalística (pesquisa,

cobertura de eventos, seleção de dados, interpretação e tratamento). Não se trata, segundo esses autores, de considerá-la como um tipo de notícia descritiva ampla e apurada. A reportagem aborda tema ou assunto, em uma perspectiva de aprofundamento, ultrapassando, para isso, os limites impostos pela mera descrição dos fatos, apresentando impactos, contexto, desdobramentos e antecedentes, entre outros elementos que incrementam o tema tratado. Segundo Marques de Melo (2006a), a reportagem exige do repórter descrições sobre o “modo”, o “lugar” e o “tempo”.

A estrutura da reportagem permite um estilo mais livre para o autor. Há uma abertura baseada na ordem decrescente de importância dos elementos organizacionais. De um modo geral, porém, segundo Marques de Melo (2006a), ela abre o texto com uma proposição de arranque, atrativa, que fornece ao leitor uma “isca” para despertar-lhe o interesse, geralmente a tese defendida pela linha editorial – o enfoque – planejado para o texto, e segue descrevendo elementos em torno do enfoque central.

A reportagem “As conquistas da mais nova pró-reitoria” (Anexo E) segue exatamente esses princípios do estilo jornalístico. O tema abordado é a criação da nova Pró-Reitoria de Gestão de Pessoal, no aprofundamento da temática maior, os cinquenta anos da UFPA. A proposição de arranque, atrativa ao leitor, encontra-se, de imediato, no título do texto. A ordem de aprofundamento é possibilitada por uma construção textual-discursiva, iniciada pelo mediador e apoiada no discurso de um sujeito que ocupa a posição de gestor da Pró-Reitoria e que a apresenta com precisão de detalhes:

A criação da Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal (Progep), aprovada com o novo Estatuto da UFPA, foi um ganho importante para os servidores da instituição. A necessidade de valorização das pessoas que, no dia-a-dia, são responsáveis pelo funcionamento da universidade, foi a principal motivação para essa mudança. Além disso, nos últimos anos, a gestão de pessoas passou a assumir papel estratégico nas organizações contemporâneas. Mesmo com pouco tempo de existência, a Progep comemora a definição de políticas de gestão de pessoas que já estão sendo implementadas. Atualmente a UFPA tem 4.393 servidores ativos, atuando em Belém e nos nove campi do interior.

[...] Passamos por um período de transição com enormes desafios [...]

[...] Com a criação da Progep, todas as iniciativas voltadas para a área de pessoal passaram a ser gerenciadas, de forma integrada, em três eixos de ação: "Desenvolvimento e Desempenho", "Gestão de Pessoal" e "Saúde e Qualidade de vida". Para todas essas áreas foram eleitos projetos estratégicos que estão sendo priorizados pela Progep

No eixo "Desenvolvimento e Desempenho", destaca-se o programa de dimensionamento de pessoal, que iniciou suas atividades em maio de 2006 com objetivo de traçar uma minuciosa análise quantitativa e qualitativa do quadro de pessoal técnico-administrativo da instituição.

"É um trabalho grandioso porque temos que fazer entrevistas com cada servidor técnico-administrativo, além de uma série de levantamentos de dados e informações. Depois de trabalhados esses dados, é rodado um cálculo comparativo entre as unidades acadêmicas. Assim temos dados quantitativos e, com a análise das entrevistas, temos a parte qualitativa. Por meio desse sistema, a UFPA terá um diagnóstico da sua força de trabalho. Isso possibilitará uma visão mais realista das unidades que precisam de vagas, do perfil necessário para determinada vaga. Também subsidiará os nossos pedidos de vagas ao MEC. Nesse processo demos um passo à frente. A UFPA está sendo referência para outras instituições", observa Sibebe. (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial).

Assim como o editorial e as notas, a reportagem do jornal possui característica opinativa. Diferentemente do editorial, a reportagem possui um mediador, responsável pelo conjunto de providências necessárias à elaboração do produto final, que é a construção do texto a ser publicado, e a presença de outros enunciadores, os entrevistados, segundo o enfoque desejado pela linha editorial, que são chamados a testemunhar sobre a notícia em questão. Esses enunciadores, dotados de competência, de legitimidade para falar sobre tal assunto, reforçam os argumentos construídos pelo mediador, o jornalista.

Outro gênero presente no jornal, com propósito opinativo, é o artigo. Gênero que, segundo Costa (2009), transpassa uma valoração sobre os fatos diversos, escolhidos por critérios individuais de quem o redige, sejam o jornalista do veículo ou um convidado especial. Normalmente guarda vinculação com fatos contemporâneos, aspecto considerado pela equipe editorial para determinar sua publicação. Apesar da presente liberdade para se escrever sobre qualquer assunto, a rigor, o jornal seleciona quais artigos terão direito ao registro histórico coletivo ao ser publicado. Uma escolha baseada na corresponsabilidade que se atribui ao veículo por tudo o que se publica em suas páginas. No caso do artigo "A universidade e a trajetória de graduação em 50 anos" (Anexo F), o valor social do discurso encontra-se na presença de um enunciador autorizado, o Pró-Reitor de Graduação, não somente pela temática por ele abordada, mas pelo fato de possuir credenciais para falar sobre a trajetória da graduação nos cinquenta anos da Universidade Federal do Pará.

Diferentemente da reportagem, na qual existe a presença de mediadores, o editorial, as notas e o artigo não possuem mediadores explícitos. No artigo, o enunciador possui uma

atitude responsiva sobre o seu discurso, manifestando opinião e fundamentando seus argumentos com dados estatísticos:

A missão da UFPA como formadora de profissionais e fortalecedora de valores humanos remonta há mais de um século, com o surgimento das primeiras faculdades no Pará. Com a criação da Universidade do Pará, em 1957, a responsabilidade por essa missão intensificou-se. Nesses cinquenta anos, a UFPA já formou mais de 100.000 profissionais de nível superior. Isto sem considerar a formação continuada em cursos de extensão, aperfeiçoamento e pós-graduação lato e estrito senso, em que a instituição também é referência regional. Esses profissionais atuam nos diversos setores da economia paraense. Assim, nenhuma outra instituição de ensino superior na Amazônia tem contribuído de forma tão intensa para o desenvolvimento da região (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial) [Discurso da Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal Sibebe Catenao]⁹

O gênero entrevista, segundo Costa (2009), pode ser definido como uma coleta de declarações, informações, opiniões tomadas por jornalista(s) para a divulgação pelos meios de comunicação. Na entrevista, o entrevistado tem o conhecimento do assunto/tema e o poder da palavra. O entrevistador organiza um conjunto de perguntas e, geralmente, ouve e registra as respostas do entrevistado sem debatê-las ou discuti-las, como é de praxe numa conversa ou em certos tipos de debate. Isso, no entanto, não significa que a entrevista seja um evento discursivo dialógico em que só o entrevistado tenha papel fundamental na construção de todo o ato enunciativo e o entrevistador seja mero “perguntador”. Entre outros tipos, a entrevista pode ser individual (fornecida por um só entrevistado) ou coletiva, quando concedida a um grupo diferente de jornalistas de diferentes órgãos de comunicação. De qualquer forma, trata-se de um gênero formal de troca/busca de informações.

A entrevista do jornal em questão, “UFPA é o maior empreendimento da Região Amazônica” (Anexo J), é do tipo individual, sua organização foi realizada em bloco, intercalando perguntas e respostas. A título de ilustração, observe-se um trecho da entrevista com o então Reitor da UFPA.

UFPA é o maior empreendimento da Região Amazônica

Ao longo do ano de 2007, a Universidade Federal do Pará (UFPA) comemorou em várias ocasiões os 50 anos de sua criação, tendo como ponto alto a solenidade realizada no Theatro da Paz, no dia 2 de julho, mesma data da promulgação do decreto-lei nº 3.191, que criou a UFPA. Em entrevista ao Beira do Rio, o atual reitor da UFPA, Alex Fiúza de Mello, avalia a evolução da UFPA enquanto

⁹ A identificação de todos os atores sociais presentes na análise dessa dissertação foi uma decisão da pesquisadora, considerando três motivos: primeiro porque não houve coleta de dados primários; segundo, por não se tratar de coleta de dados primários, não se pode ter um compromisso ético enquanto relação de pesquisa; e, por último, porque se trata de uma pesquisa acadêmica que não intenciona comercialização.

instituição estratégica para o futuro da região e lembra que sua preservação é compromisso de toda a sociedade.

A Universidade Federal do Pará completou 50 anos. O que há para comemorar?

A UFPA é o maior empreendimento humano da região amazônica. Congrega mais de 40 mil alunos, mais de 2 mil professores e outros tantos técnico-administrativos, perfazendo uma população de cerca de 50 mil cidadãos, maior que a maioria dos municípios paraenses. Só que essa "cidade" é especial. Ela existe em rede, interligando inúmeros pólos, interconectada permanentemente ao mundo, trabalhando em tempo real, e é composta, em sua integralidade, por pessoas altamente qualificadas ou em processo de formação em nível superior. Não é trivial construir-se uma instituição desse porte, com essas características e níveis de exigência, particularmente numa periferia tropical. Uma instituição que, hoje, após o trabalho dedicado e, mesmo, heróico de pelo menos três gerações, alcança - para os padrões nacionais (e, em algumas áreas, internacionais) - qualidade acadêmica, pertinência científica e relevância social, já tendo formado mais de 100 mil profissionais, e que começa a contribuir, pela massa científica somente agora acumulada, com inovação tecnológica em alguns setores estratégicos, sinalizando um futuro promissor no desenvolvimento de nossas cadeias produtivas regionais. A UFPA é uma grande instituição que, não obstante, ainda vive a sua juventude, está em constituição e crescimento, a julgar pela história milenar das instituições universitárias mais antigas. São razões suficientes para comemorações. (EDIÇÃO DEZEMBRO DE 2007/JANEIRO DE 2008) [Discurso do então Reitor, Prof. Dr. Alex Fiúza Bolonha de Mello]

Mesmo que nesse processo enunciativo o espaço seja dedicado à fala do entrevistado, é possível perceber que o entrevistador possui um papel importante, qual seja o de conduzir as perguntas com vistas a se criar um elo coerente na organização discursiva.

Na publicação da entrevista, embora as palavras do entrevistador e do entrevistado estejam destacadas, não se pode negligenciar o fato de que a composição final do texto é de responsabilidade do entrevistador. É essa figura do mediador, que se “esconde” por trás dessa aparência do texto, quem, após a entrevista, torna a estruturação do diálogo bem definida, de forma a destacar a figura do enunciatador entrevistado e a temática em questão.

A entrevista difere da reportagem pela forma como a voz dos sujeitos é apresentada. Enquanto na entrevista o entrevistado ocupa um lugar de destaque na tomada da palavra, na reportagem as vozes dos entrevistados apresentam-se em muitos momentos “diluídas” na voz do jornalista, sob forma de discurso indireto. Veja-se o exemplo, abaixo, da reportagem “Trajetória de impacto social e institucional” (ver Anexo I).

Atualmente, a Pró-reitoria de Extensão registra 234 programas e projetos financiados pela universidade. Outros 19 são apoiados pelos governos Federal, Estadual e Municipal, além de outras instituições e organizações não governamentais. Áreas temáticas mais diversas estão contempladas, mas saúde e educação sempre predominaram, conta Ney Cristina. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial)

Discorrer, na construção deste tópico, sobre os diferentes gêneros leva à compreensão, na seção seguinte, de como são construídas as figuras dos enunciadores e dos coenunciadores nos textos sob análise.

3.2 CONSTRUÇÃO DAS FIGURAS DO ENUNCIADOR E DO COENUNCIADOR

Segundo os princípios de Maingueneau (1997a), a eficácia da enunciação é resultado, necessariamente, do jogo entre as condições genéricas, o ritual que elas implicam, à priori, e o que é tecido pela enunciação em sua efetiva realização. Nesse processo, a figura do enunciador, por sua vez, determina para si e para seus destinatários os lugares que um tipo de enunciação requer para se legitimar. As análises dos textos que se seguem remetem à dimensão dessa discussão.

No editorial em análise, a figura do enunciador assume uma posição institucional, ele, a fim de legitimar o seu dizer, toma a Instituição como referência para todas as ações pontuadas no texto, ela é o sujeito ator:

Em cinco décadas a universidade formou várias gerações de profissionais da região e contribuiu efetivamente para a melhoria das condições de vida da sua população. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial)

Quando este enunciador se apresenta na posição de Instituição, ele se manifesta com um papel e um estatuto, o que vai além de uma voz e um corpo. Há uma espécie de “despersonalização” do enunciador e “personificação” da UFPA, a fim de evidenciar tal estatuto, a sua importância enquanto construtora do conhecimento. A Universidade Federal do Pará ocupa o lugar de agente da cena enunciativa. Os verbos de ação “formar” e “contribuir” são atribuídos à Universidade. É ela quem contribui para o crescimento da região e para melhoria das condições de vida da sociedade. É ela que reafirma sua importância, seu compromisso no cenário amazônico:

Com isso, reafirmou seu compromisso com o desenvolvimento regional (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial)

Quando os sujeitos sociais que ocupam um determinado lugar na Instituição aparecem no decorrer do editorial, eles são apresentados como a memória da Instituição, não como aqueles que fazem a Instituição, como atores construtores:

A união das antigas faculdades, a criação do campus do Guamá e o processo de interiorização foram contados por quem guarda na memória momentos importantes desses empreendimentos. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial)

Interessante perceber, no entanto, no último parágrafo, a presença de um “tom” opinativo, apresentado por meio do pronome de 1ª pessoa do plural. Mesmo assim, essa marca de personalidade é de um sujeito institucional coletivo. Nesse momento, o enunciador convoca o coenunciador a tornar como seu esse momento que ele considera singular de comemoração dos 50 anos:

A trajetória de uma instituição do porte da UFPA, que cresce e torna-se mais complexa a cada ano, não poderia ser totalmente contada em apenas 24 páginas. Esperamos, no entanto, que este número especial do Beira do Rio sirva como registro de um momento de comemoração singular para todos os que, de alguma maneira, têm a UFPA gravada em suas vidas. Esperamos que daqui a mais 50 anos os que abrirem essa edição possam conhecer um pouco do nosso presente e, como nós, vejam e reconheçam nessa universidade uma instituição indispensável para um futuro melhor. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial)

Nas notas o coenunciador é cooptado a ver a UFPA como Instituição de valor, de credibilidade, de referência no Estado. A reafirmação desse discurso é percebida em quase todos os depoimentos da edição:

A Universidade representa para mim uma oportunidade de ascensão tanto econômica quanto cultural. Isso pelo fato de ela ser gratuita e pelo status que a Universidade Federal ainda tem. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso do discente do Curso de Oceanografia, Wilton Júnior]

A Universidade tem o poder de intervir na sociedade. Por não ter somente caráter mercadológico ele reflete todas as demandas sociais, a pluralidade de ideias. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso do discente do curso de Letras, Kleyton Silva]

Os enunciadores das notas incorporam um “mundo ético”, são participantes da situação discursiva em que estão inseridos. Enquanto sujeitos participantes da história da Instituição, eles “reproduzem” uma imagem “massificada”, um estereótipo cultural, uma representação coletiva consolidada pela marca identitária de hegemonia da UFPA na região. Torna-se recorrente em mais de 90% dos posicionamentos a importância da UFPA, seja enquanto Instituição produtora de conhecimento seja enquanto formadora de pessoal qualificado na região.

É possível perceber na passagem “[...] *Isso pelo fato de ela ser gratuita e pelo status que a Universidade Federal ainda tem* [...]”, no vocábulo “ainda” reside a questão da

existência da verdade absoluta, seja ela interna ou externa ao enunciador, é uma verdade inalcançável. A percepção do sentido interpõem-se pelas ideologias, pelas práticas sociais e pela linguagem. Sendo assim, esse enunciador expõe a sua verdade à mercê do julgamento ou da interpretação do outro. Infere-se, no entanto, que mesmo que a Universidade tenha seus espaços de conflito, comum a todas as Instituições públicas de ensino superior, ela, segundo esse depoimento, ainda possui um lugar de destaque na região.

Nas notas a posição dos enunciadores é mais individual, mesmo que se possa perceber uma extensão do discurso coletivo da importância da UFPA para a sociedade, como já observado na construção da cena enunciativa própria do editorial. No caso específico das notas, a singularidade do enunciador, além do elemento da corporalidade, presente por meio das fotos, pode ser reconhecida por meio da materialidade linguístico-discursiva com caráter fortemente opinativo:

A Universidade é meu trabalho, é minha vida, é tudo. É o grande centro gerador de pesquisas relacionadas à região. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso da docente do curso de Licenciatura e Bacharelado em Química, Maria de Fátima]

A UFPA extrapolou aquilo que é simplesmente trabalho, ela é uma família, é como se fosse algo que faz parte do nosso corpo. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso da técnica em administração da Multicampi, Ana Clotilde Colares Gomes]

As marcas da subjetividade enunciativa são identificadas nos pronomes pessoais “meu”, “minha”; na adjetivação por meio de expressões como “grande centro gerador de pesquisas” e nas expressões metafóricas, como “ela [a Universidade] é uma família”. Essas marcas levam à percepção de que esses enunciadores assumem uma atitude responsiva pelo que dizem.

Não se pode deixar de mencionar, no entanto, que por se tratar de recortes de possíveis entrevistas, há a presença de um mediador que também é um segundo enunciador nas notas, responsável pela seleção dos discursos legitimadores do valor que a Universidade tem para cada um dos sujeitos entrevistados. A seleção e organização dos depoimentos condizem com a organização subsequente dos discursos presentes no decorrer de toda a edição, discursos esses que enaltecem, legitimam a imagem da Universidade Federal do Pará.

Mesmo que esta pesquisa não almeje a quantificação de dados, a leitura e a posterior análise dos depoimentos levam à constatação de que, mesmo que as notas tentem contemplar todas as categorias que compõem a comunidade universitária, observa-se que o número de

discentes convidados a testemunhar sobre o cinquentenário é inferior aos demais atores sociais. Essa observação possibilita a constatação do descompasso no espaço discursivo dedicado a gestores, docentes, técnico-administrativos e discentes, durante a cobertura jornalística da comemoração do cinquentenário da UFPA. Apesar de a categoria de estudantes representar um número superior a de gestores, docentes e técnico-administrativos na Instituição, são os sujeitos que menos têm suas manifestações colhidas e publicadas no Jornal. A leitura dos quadros descritivos, apresentados nos Anexos A e B, possibilita o mapeamento da ocupação desse espaço: o número de gestores, a se posicionarem sobre a Universidade, somou um total de 33 (trinta e três); enquanto o de docentes somou um total de 19 (dezenove); o de técnico-administrativos, um total de 17 e o número de discentes, um total de 6 (seis).

No rol dos discursos subsequentes que procuram legitimar a imagem da Instituição, a imprensa organizou suas edições de maneira a falar da estrutura organizacional como um todo da Universidade, no que tange à gestão, ao ensino, à pesquisa e à extensão. Na reportagem “As conquistas da mais nova pró-reitoria” (Anexo E), por exemplo, a temática em questão é a criação da Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal, sua importância para a definição de políticas de gestão de pessoas. Para tanto o enunciador jornalista alinha o posicionamento da linha editorial ao discurso do sujeito gestor:

A criação da Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal (Progep), aprovada com o novo Estatuto da UFPA, foi um ganho importante para os servidores da instituição. A necessidade de valorização das pessoas que, no dia-a-dia, são responsáveis pelo funcionamento da universidade, foi a principal motivação para essa mudança. Além disso, nos últimos anos, a gestão de pessoas passou a assumir papel estratégico nas organizações contemporâneas. Mesmo com pouco tempo de existência, a Progep comemora a definição de políticas de gestão de pessoas que já estão sendo implementadas. Atualmente a UFPA tem 4.393 servidores ativos, atuando em Belém e nos nove campi do interior. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso da Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal, Sibeles Caetano]

É possível perceber em expressões como “ganho”, “necessidade de valorização das pessoas”, “mudança”, que esse sujeito jornalista reconhece o caráter inovador, de avanço da UFPA com a criação da PROGEP. O seu posicionamento articula-se com o discurso direto de um segundo enunciador, provavelmente organizado a partir de recortes de entrevista, agora autorizado pelo papel que ocupa, enquanto gestor, na Instituição, e pela legitimidade para falar sobre a temática.

Passamos por um período de transição com enormes desafios. Para podermos nos tornar uma nova pró-reitoria houve uma grande mudança de concepção, de filosofia e de sistemática de trabalho também. Foi necessária a reestruturação do espaço físico e investimentos em capacitação de pessoal. Anteriormente, essa área estava voltada principalmente para o registro da vida funcional do servidor. Hoje também estamos atentos a questões como desenvolvimento da carreira, capacitação, saúde e qualidade de vida... Tivemos que mudar a estrutura e, ao mesmo tempo, implementar novos projetos, mas a equipe foi extremamente dedicada e isso foi fundamental para a criação da nova pró-reitoria, elogia a pró-reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal, Sibebe Caetano (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial).

Esse enunciador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo. Por isso a presença de um sujeito institucional coletivo que reconhece a mudança como ação de todos os atores sociais da UFPA. A presença da primeira pessoa do plural, “passamos”, “estamos”, “tivemos”, geram efeitos de sentido que corroboram para a manutenção e/ou ampliação da imagem que se deseja manter com seus co-enunciadores: o vínculo de “parceria”, a busca de consentimento e apoio às ações empreendidas pela gestão.

Mas se o quadro de pessoal é um dos responsáveis pelo andamento das atividades acadêmicas administrativas na Universidade, a imprensa institucional preocupou-se em trazer, na sequência das temáticas publicadas, um dos tripés de sustentação da Instituição, o ensino. No artigo “A universidade e a trajetória de graduação em 50 anos” (Anexo F) o tema abordado é desenvolvido por quem possui a autoridade enunciativa para se pronunciar, o Pró-Reitor de Graduação.

Além das marcas de uma linguagem fortemente opinativa, o artigo, assim como o editorial, possui a característica de trazer a UFPA como agente da cena enunciativa. A materialidade linguístico-discursiva se constitui de recursos que atribuem ações humanas à Instituição, como pode ser observado na utilização dos termos “formadora”, “fortalecedora”, no exemplo que segue:

A missão da UFPA como formadora de profissionais e fortalecedora de valores humanos remonta há mais de um século, como surgimento das primeiras faculdades do Pará ((BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial). [Discurso do Pró-Reitor de Graduação, Licurgo Brito]

Segundo esse enunciador, quem forma profissionais qualificados e quem fortalece os valores humanos na região há anos é a Universidade. São constantes expressões, caracteristicamente subjetivas no discurso, que demonstram a presença desse sujeito

instituído. Sujeito esse que funciona como uma espécie de assinatura jurídica da Instituição e que se constitui na memória coletiva da sociedade a quem se dirige.

Mesmo que no último parágrafo do artigo se possa identificar marcas de um pronome de primeira pessoa, ainda assim essa manifestação aparece em forma de sujeito coletivo, característica essa também presente na organização discursiva do editorial.

Metodologias sócio-interacionistas e interdisciplinares (como a metodologia de projetos, por exemplo) e o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de extensão como estratégias de ensino-aprendizagem são elementos que poderão contribuir para alcançarmos um novo patamar de formação em nossos cursos de graduação...”, “Nossa confiança nesses instrumentos...”; “Resta-nos acreditar em nossa capacidade criativa e agir com responsabilidade e compromisso para ampliar as contribuições de nossa universidade para a região e para o mundo. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso do Pró-Reitor de Graduação, Licurgo Brito]

Ao reconhecer a importância da Instituição para a sociedade, o enunciador legitima seu dizer por meio de dados estatísticos, recurso que se reveste de subjetividade quando inserido em um contexto discursivo. A precisão dos números no discurso do sujeito gestor objetiva sustentar os argumentos sobre o crescimento, a evolução da graduação na Universidade ao longo de cinquenta anos. Esse mesmo trecho serve como objeto de análise na seção 3.3 deste capítulo, onde são encontradas outras especificidades no discurso.

Apenas 1.082 alunos compunham o corpo discente da UFPA em 1957. Hoje, são cerca de 35.000 alunos de graduação, só nos cursos permanentes. Cerca de um terço desses estão no interior do estado. O gráfico 01 mostra a evolução do número de alunos e de graduados na UFPA, por ano, nos 50 anos de sua existência¹. A partir do final da década de 1960 e início dos anos de 1970, houve um crescimento no número de alunos da instituição, como consequência das políticas do governo militar que apontavam para a ampliação do acesso ao ensino superior, no processo que ficou conhecido como “massificação”, estendido a todos os níveis de ensino. Pregava-se o fim do elitismo. Até então, o acesso aos cursos superiores era conquistado, em expressiva maioria, pelos oriundos de camadas economicamente privilegiadas (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial). [Discurso do Pró-Reitor de Graduação, Licurgo Brito]

Assim como na reportagem anterior, podem-se perceber, no último parágrafo do artigo, marcas de posicionamento de um sujeito institucional coletivo, que toma para si e para os demais atores sociais da Instituição, a responsabilidade de cumprir os compromissos sociais no que se refere à qualidade do ensino.

Resta-nos acreditar em nossa capacidade criativa e agir com responsabilidade e compromisso para ampliar as contribuições de nossa universidade para a região e

para o mundo. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso do Pró-Reitor de Graduação, Licurgo Brito]

A imprensa institucional trouxe, em sua edição de setembro, a reportagem “UFPA comemora 20 anos no interior” (Anexo G), sobre o processo de interiorização da universidade. Essa reportagem apresenta, no entanto, uma característica diferenciada da reportagem anteriormente analisada. Além da figura do jornalista-enunciador, o texto apresenta depoimentos dos quatro atores sociais que fazem parte da Universidade: dois gestores, um docente e um discente, que também é funcionário do campus em questão. Além disso, um ator social externo à comunidade acadêmica, o Prefeito de Marabá, fortalece a imagem de Instituição democrática e a importância da expansão do ensino superior para as populações do interior do Estado.

O discurso do jornalista-enunciador encontra legitimação nos posicionamentos dos atores sociais investidos nos papéis de estudantes, funcionários, professores, gestores, afinal os discursos desses sujeitos inscrevem-se na condição de produção sócioideológica do cinquentenário da UFPA e do papel que ela assume na região.

A presença da marca da subjetividade enunciativa, observada na sequência textual “Em nossa avaliação”, leva à compreensão de que todos os atores sociais do quadro de pessoal do campus comungam da mesma opinião do gestor.

No que se refere à pesquisa, a imprensa institucional do jornal trouxe, em sua edição condensada, a reportagem “Universidade busca excelência científica” (Anexo H), na qual a figura de dois sujeitos externos à comunidade acadêmica é construída, alinhados seus discursos aos posicionamentos dos atores sociais internos à UFPA.

Ao completar cinquenta anos, em uma trajetória de sucessos, a Universidade Federal do Pará merece nossos reconhecimentos pelos relevantes serviços prestados à sociedade, seja na formação de recursos humanos seja no avanço do conhecimento sobre os recursos naturais e de subsídios às políticas públicas para o processo de desenvolvimento do Estado do Pará e da região amazônica como um todo (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial). [Discurso do Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Roberto Dall’Agnol]

Somos vizinhos em localização na cidade de Belém (o Campus de Pesquisa do MPEG faz fronteira com o campus universitário do Guamá) e complementares em muitas ações. A história do Museu Paraense Emílio Goeldi se entrecruza com a da Universidade Federal do Pará desde a criação da própria Universidade. Somos parceiros no desafio em formar recursos humanos especializados na Amazônia - muitos alunos da UFPA tem no Museu Goeldi seu campo de formação através de estágios, bolsas de iniciação científica, em cursos de pós-graduação que mantemos em conjunto, ou participando de cursos de extensão, aperfeiçoamento, seminários, oficinas .

Somos aliados na luta pela ampliação da estrutura científica e tecnológica regional, para que esta ajude a alicerçar o desenvolvimento socioambiental da Amazônia em bases sustentáveis e justas. A rede Metrobel e a realização da Reunião Anual da SBPC são os exemplos mais recentes. Mas também compartilhamos laboratórios, bibliotecas; atuamos em redes de pesquisa; organizamos cursos, sistemas de informação, bases de dados, eventos, documentos e políticas em conjunto. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial) [Discurso da Diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ilma Célia Guimarães Vieira]

Os discursos desses enunciadores exprimem uma memória coletiva na qual estão, direta ou indiretamente, inscritos. Eles, mesmo que atores sociais externos à Instituição, compartilham aspectos sócio-culturais e ideológicos com aqueles que dela fazem parte.

Outra reportagem também presente na edição condensada do jornal traz como temática os projetos de extensão da Universidade, como norteadores do processo de interiorização: “*Trajetória de impacto social e institucional*” (Anexo I). Esse texto possui uma particularidade, sua composição apresenta o enunciador autorizado, em praticamente todo o texto, por meio do discurso indireto.

Pedagoga e atual pró-reitora de Extensão da UFPA, Ney Cristina Monteiro de Oliveira diz que o termo "extensão" aparece pela primeira vez em documentos oficiais em 1931, como atividade vinculada ao Ministério de Integração Nacional. Uma das preocupações, lembra ela, era socializar o conhecimento científico com as comunidades mais carentes. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial).

O desafio ainda é grande em todo território nacional, acredita Ney Cristina. Ela adianta que o próximo passo que a UFPA deverá dar na sua política de extensão virá com a criação das coordenadorias de extensão em cada unidade acadêmica. (BEIRA DO RIO, jun./jul. 2007. Edição Especial).

O discurso desse enunciador autorizado aparece na maior parte do texto na “voz” do enunciador autor do texto. Nesse sentido, as marcas da subjetividade enunciativa de quem o produziu são mais evidentes.

O jornalista enuncia por meio de sua voz a voz do outro. Esse recurso visa garantir a credibilidade do texto informativo, no entanto, vale ressaltar que o sentido restituído acaba sendo mediado pela interpretação do citante (jornalista). O processo de destacamento e inserção na reportagem posteriormente editada constrói uma outra enunciação diferente daquela que lhe deu origem, o que não raro, pode ocasionar interpretações não desejadas pelo sujeito enunciador gestor.

O último texto aqui analisado apresenta riqueza de detalhes, pistas diversas que enriquecem as observações acerca da imagem construída pela imprensa institucional no ano

do cinquentenário. Muitos foram os atores sociais que testemunharam sobre esse “acontecimento” dos 50 anos, alguns, porém, deixaram “iscas” preciosas que levaram à construção de uma imagem consolidada que a imprensa construiu sobre a importância da UFPA na construção do conhecimento para a região amazônica.

Em uma espécie de fechamento das comemorações, com “chave de ouro”, em sua última edição dedicada ao cinquentenário (Dezembro 2007/Janeiro 2008), o jornal Beira do Rio anunciava na já em sua página principal *“Universidade é instituição estratégica para o futuro da região: em entrevista, reitor reflete sobre a evolução da UFPA.”*

No conjunto de procedimentos estruturais da entrevista, o jornalista enunciador procura reproduzir, no título do texto, um fragmento do pronunciamento do entrevistado, “UFPA é o maior empreendimento da Região Amazônica” (Anexo J), com vistas a situar o seu coenunciário para a temática em questão, destacando a importância da figura do entrevistado na Instituição, dando visibilidade à fala do entrevistado e procurando tornar menos evidente a sua interferência, enquanto mediador.

Pela organização do roteiro da entrevista, o mediador entrevistador articula, conduz e controla, em certa medida, a produção discursiva que ganhou materialidade no texto publicado. A sequência de perguntas deixa em evidência o posicionamento do enunciador entrevistado sobre a UFPA e os seus cinquenta anos de história.

Como tem sido o crescimento da Instituição nestas cinco décadas?

Contínuo e vigoroso. Ofereço três exemplos bem ilustrativos. Quando ela foi criada, em 1957, eram apenas 1 mil os seus alunos de graduação. No final da década seguinte esse contingente havia triplicado. Nos anos 1970, subiu para 12 mil. Nos 1980, para 18 mil. Graças à interiorização, na última década do século passado a massa estudantil havia saltado para mais de 25 mil. E hoje, pouco mais da metade da primeira década do século XXI, a UFPA atingiu a marca de 36 mil alunos de graduação - e continuará a crescer, sobretudo agora, graças aos cursos que começaram a ser ofertados também na modalidade a distância. Segundo exemplo: o número de doutores, que mede a capacidade científica de uma instituição universitária. No início dos anos 1980, ele não ultrapassava 100. Em pouco mais de duas décadas, atinge a marca de quase 800. Dentro de dois anos, com o retorno dos novos doutores, chegaremos aos 1.000. Não é trivial. Posso garantir que é uma façanha, a contar das dificuldades de conduzir esse empreendimento nas condições periféricas dos trópicos. Último exemplo: graças à elevação do número de doutores, passamos de dois programas de mestrado, na década de 1970, para 38 de mestrado e 17 de doutorado, até o presente momento. Outros projetos já estão na Capes para

avaliação. Essa condição permitirá que a instituição produza, em breve, para a sociedade local cerca de 500 mestres e 200 doutores por ano. É assim que uma universidade cresce e se consolida. (*BEIRA DO RIO, edição dez.2007; BEIRA DO RIO, edição jan.2008*). [Discurso do então Reitor, Prof. Dr. Alex Fiúza Bolonha Mello]

A Universidade é descrita por esse sujeito como o maior “intento empresarial” já realizado na região. Essas expressões adjetivadas exacerbadas, como, por exemplo, “contínuo e vigoroso”, de cunho altamente valorativo (marcas constantes em todo o discurso do entrevistado) são seguidas de uma fundamentação precisa, que são as quantificações estatísticas, e que consolidam os discursos desse ator gestor dotado de competência institucional para falar, enquanto Reitor.

Assim como no editorial, nas reportagens e no artigo, a entrevista possui marcas de um sujeito institucional coletivo. Uma marca, no entanto, identificada nesse último texto que o diferencia dos demais se encontra na manifestação, por meio do pronome implícito de primeira pessoa do singular “eu”, de um sujeito institucional individual.

Uma mensagem final?

Sim. A Universidade Federal do Pará é um patrimônio da sociedade. Por ser pública, ela pertence a todos os paraenses e brasileiros. Não é concorrente de ninguém. Existe para estar a serviço de toda a sociedade, que a sustenta e mantém com impostos. Por isso todos devemos cuidar dela, zelar pelo seu desenvolvimento, investir no seu crescimento e consolidação.

*A Universidade não é do reitor, dos sindicatos, dos partidos políticos, nem da própria comunidade acadêmica, mas de toda a sociedade. Precisamos cuidar de seu patrimônio; reforçar a Associação de seus Amigos, com contribuições voluntárias, sobretudo dos profissionais que nela estudaram de graça e hoje venceram na vida; investir em seu parque de conhecimentos, agregando-lhe valor. Há aqueles que, desejando atingir o reitor, destratam a instituição, confundindo o alvo e prejudicando o patrimônio social. Em qualquer lugar do mundo desenvolvido, o povo tem orgulho de suas universidades e lutam por elas. Aqui, as elites (com raras exceções) são omissas, descomprometidas, míopes, senão predatórias. Precisamos mudar a nossa cultura, os nossos valores e prioridades. Afinal, posso garantir, a UFPA completa 50 anos maior, melhor, mais sólida, reconhecida nacional e internacionalmente e com relevância social ampliada (*BEIRA DO RIO, edição dez.2007; BEIRA DO RIO, edição jan.2008*). [Discurso do Pró-Reitor de Graduação, Prof. Dr. Licurgo Brito]*

Em muitas passagens do texto acima se observa a presença da subjetividade enunciativa do enunciador que se posiciona como defensor da Universidade “[...] *Há aqueles que, desejando atingir o reitor, destratam a instituição, confundindo o alvo e prejudicando o patrimônio social [...]*”. Mesmo que as relações que se estabelecem entre a linguagem e as coisas não sejam diretas, subentende-se, pela conjuntura sócio-histórica, que a Universidade

passava por conflitos. Conflitos esses que, segundo o enunciador, não desmereciam o valor que a UFPA conquistou durante seus cinquenta anos.

Na expressão “Afinal, posso garantir”, pode-se perceber a construção de um sujeito que destaca sua atitude responsiva em relação ao que diz, ao que acredita representar, hoje, a UFPA.

3.3 MARCAS DA TOPOGRAFIA E DA CRONOGRAFIA DISCURSIVAS

Segundo Maingueneau (1997a), um texto não representa um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada. Existe, portanto, uma cena de enunciação implicada em qualquer processo discursivo. O entendimento do gênero discursivo a que pertence o texto a ser lido e a cenografia nele pressuposta e por ele engendrada possibilita que o leitor, situado em certas condições históricossociais, construa os efeitos de sentido da cena de enunciação. Sendo assim, esta seção será dedicada à análise da cronografia (o momento de enunciação) e da topografia (o lugar da enunciação) em que são produzidos os discursos dos atores sociais que são chamados a testemunhar sobre o cinquentenário da UFPA.

A construção linguístico-discursiva do editorial, desde a escolha do título, pressupõe a posição que a UFPA ocupa, para os enunciadores e coenunciadores do Jornal, no cenário regional e mesmo nacional: “UFPA, patrimônio da Amazônia e do Brasil” (Anexo C). A palavra “patrimônio” engrandece o valor que a Universidade representa para a região e para o país. Em outra passagem do texto, é possível perceber que a criação da UFPA na Amazônia significa, segundo esse enunciador que ocupa uma posição institucional, “um novo” tempo, em um lugar que, para muitos, estava à espera do progresso:

A criação da UFPA, há exatos 50 anos, por meio do Decreto-lei nº 3191, de 2 de julho de 1957, foi o marco de um novo tempo para a educação superior paraense. No dia 15 de março de 1958, o Teatro da Paz foi palco da solenidade de instalação da universidade, presidida pelo presidente Juscelino Kubitschek, que veio a Belém especialmente para participar da cerimônia. Em cinco décadas a universidade formou várias gerações de profissionais da região e contribuiu efetivamente para a melhoria das condições de vida da sua população (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial).

A singularidade do momento e a posição de destaque da Instituição constituem a marca principal do texto. Com esse propósito, a linha editorial anuncia a que se propunha a edição especial, contar a história de evolução da Instituição na Amazônia, tanto no que tange

ao seu tripé ensino, pesquisa e extensão quanto no que se refere à sua estrutura organizacional.

Nesta edição especial do Beira do Rio, conheça um pouco da história da maior instituição de ensino superior da Amazônia. A união das antigas faculdades, a criação do campus do Guamá e o processo de interiorização foram contados por quem guarda na memória momentos importantes desses empreendimentos. O ensino, a pesquisa e a extensão, caminhando cada vez mais integrados, foram enfocados na sua evolução até os dias atuais. (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial).

As ações empreendidas, a trajetória, a posição que a UFPA ocupa na região “crava”, na memória do povo amazônida, a imagem de uma Instituição considerada, segundo o editoralista, indispensável para “um futuro melhor.”

Os depoimentos das notas ratificam essa mesma imagem da UFPA, enquanto maior Instituição da região, um “centro de excelência”, construtora de conhecimento e formadora de profissionais qualificados:

A UFPA é responsável pela formação de várias figuras importantes do Brasil: políticos, intelectuais, artistas. Ela é realmente um centro de excelência. (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial). [Discurso da Técnica em Administração da Propesp, Ana Dolores dos Anjos]

A UFPA é uma instituição científica que realiza pesquisas e forma recursos humanos capacitados levando em consideração o contexto regional em que está inserida (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial). [Discurso da docente do curso de Medicina, Emiliana Guerra]

A UFPA me proporcionou a ascensão profissional que eu tanto almejava. Quando entrei aqui, percebi que tinha capacidade para crescer profissionalmente e hoje estou no mestrado (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial). [Discurso da técnica em administração do Instituto de Ciências Exatas e Naturais, Beneilde Teixeira]

É possível observar a importância da Instituição no lugar em que esses sujeitos estão inscritos, uma região considerada, por muitos, periférica.

A UFPA é a maior instituição de pesquisa da região, então ela proporciona uma melhor formação de pessoal qualificado. Além disso, prioriza questões bastante pertinentes da região (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial). [Discurso da docente do curso de Psicologia Experimental, Ana Leda Brino]

Em consonância com essa imagem homogeneizante de “Centro de Excelência”, o enunciador autorizado do texto “As conquistas na mais nova pró-reitoria” (Anexo E), no

papel de gestor, assim ilustrado no discurso, também exemplificado na página 54, da Pró-Reitora de Gestão de Pessoal, assim comenta:

Passamos por um período de transição com enormes desafios. Para podermos nos tornar uma nova pró-reitoria houve uma grande mudança de concepção, de filosofia e de sistemática de trabalho também. Foi necessária a reestruturação do espaço físico e investimentos em capacitação de pessoal. Anteriormente, essa área estava voltada principalmente para o registro da vida funcional do servidor. Hoje também estamos atentos a questões como desenvolvimento da carreira, capacitação, saúde e qualidade de vida... Tivemos que mudar a estrutura e, ao mesmo tempo, implementar novos projetos, mas a equipe foi extremamente dedicada e isso foi fundamental para a criação da nova pró-reitoria (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial). [Discurso da Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal, Sibeles Caetano]

Para a gestora, a Universidade, por meio de sua Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, insere-se na visão moderna das organizações contemporâneas atentas à imagem que precisam passar para dar e ganhar credibilidade. A comparação entre um antes e um depois leva ao reconhecimento da atenção da Instituição às mudanças atuais.

Essas mesmas marcas comparativas entre um antes e um depois da atuação da UFPA na região estão presentes no texto “A universidade e a trajetória de graduação em 50 anos” (Anexo F), o que se pode verificar em várias passagens abaixo:

Apenas 1.082 alunos compunham o corpo discente da UFPA em 1957. Hoje, são cerca de 35.000 alunos de graduação, só nos cursos permanentes. Cerca de um terço desses estão no interior do estado. O gráfico 01 mostra a evolução do número de alunos e de graduados na UFPA, por ano, nos 50 anos de sua existência. A partir do final da década de 1960 e início dos anos de 1970, houve um crescimento no número de alunos da instituição, como consequência das políticas do governo militar que apontavam para a ampliação do acesso ao ensino superior, no processo que ficou conhecido como "massificação", estendido a todos os níveis de ensino. Pregava-se o fim do elitismo. Até então, o acesso aos cursos superiores era conquistado, em expressiva maioria, pelos oriundos de camadas economicamente privilegiadas. (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial). [Discurso do Pró-Reitor de Graduação, Prof. Dr. Licurgo Brito]

Para o enunciador acima, a UFPA é uma Instituição de Ensino Superior que foi criada com o objetivo de desenvolver a Amazônia. A Universidade representa a redenção de uma região à espera do progresso, do conhecimento, da melhoria da qualidade de vida de sua população. A recorrência dessa ideia de evolução, dos resultados positivos em seu processo de criação pode ser observada em outras passagens dos textos “UFPA comemora 20 anos no interior” (Anexo G), “Universidade busca excelência científica” (Anexo H) e “Trajetória de impacto social e institucional” (Anexo I), respectivamente.

Hoje, a UFPA é a instituição de ensino superior mais interiorizada do Brasil. Possui nove campi no interior (Abaetetuba, Altamira, Bragança, Breves, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure), que também atendem às cidades localizadas no entorno destes municípios. A rede multicampi, construída a partir da década de 1980, está nos principais pólos de desenvolvimento do Estado, qualificando profissionais para as cadeias produtivas locais e formando professores para a rede pública dessas regiões. (BEIRA DO RIO, 2007. Edição de Setembro)

Ao completar 50 anos, em uma trajetória de sucesso, a Universidade Federal do Pará merece nossos reconhecimentos pelos relevantes serviços prestados à sociedade, seja na formação de recursos humanos seja avanço sobre os recursos naturais e de subsídios às políticas públicas para o processo de desenvolvimento do Estado do Pará e da região Amazônica como um todo. A UFPA é, sem dúvida, a mais importante instituição de ensino superior da Amazônia (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial). [Discurso do chefe geral da Embrapa Amazônia Oriental, Sr. Jorge Alberto Gazel Yared]

Uma das maiores demonstrações do poder transformador da extensão universitária na UFPA foi dada com a implantação dos campi no interior do estado. Foi a partir de ações de assistência à saúde da população e de ações de ensino - que remontam mais frequentemente à década de 1950 - que a instituição percebeu a necessidade de se estabelecer formalmente em outras cidades do Pará, já nos anos de 1980. Antes de serem concebidas no conjunto de uma política de extensão, as atividades sofreram o impacto das variações no conceito de extensão universitária ocorridas em todo o país. Ganharam marcos regulatórios e atualmente são estimuladas a estarem cada vez mais aliadas à pesquisa e ao ensino, e a provocarem novamente mudanças nas instâncias acadêmicas (BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial).

Com base na materialidade linguística é possível perceber os efeitos de sentido construídos pela sequência textual “*Uma das maiores demonstrações do poder transformador da extensão universitária na UFPA foi dada com a implantação dos campi no interior do estado.*”, que leva à constatação do poder simbólico exercido pela Universidade no lugar em que está inserida.

Na entrevista “A UFPA é o maior empreendimento humano da Região Amazônica”, na voz do enunciador entrevistado, a Universidade Federal do Pará representa o maior “empreendimento humano” já construído na região e ocupa posição estratégica para o futuro da população amazônica.

Segundo o discurso do enunciador, a Amazônia permaneceu durante anos esquecida pelo mundo, uma periferia que não despertava interesse algum. A criação da UFPA representa um ato heróico frente às adversidades regionais:

Não é trivial construir-se uma instituição desse porte, com essas características e níveis de exigência, particularmente numa periferia tropical. Uma instituição que, hoje, após o trabalho dedicado e, mesmo, heróico de pelo menos três gerações, alcança - para os padrões nacionais (e, em algumas áreas, internacionais) -

qualidade acadêmica, pertinência científica e relevância social, já tendo formado mais de 100 mil profissionais, e que começa a contribuir, pela massa científica somente agora acumulada, com inovação tecnológica em alguns setores estratégicos, sinalizando um futuro promissor no desenvolvimento de nossas cadeias produtivas regionais (BEIRA DO RIO, edição dez.2007; BEIRA DO RIO, edição jan.2008). [Discurso do então Reitor, Prof. Dr. Alex Fiúza Bolonha de Mello]

Segundo o enunciador, a UFPA “reinventou” a Amazônia que vivia, segundo ele mesmo enfatiza, a “cegueira do inconsciente coletivo”. Um lugar que, para um determinado grupo social, não interessava a construção do conhecimento, muito menos a formação de massa crítica. A criação da UFPA representa, segundo esse posicionamento, um bem valioso pertencente a todos que dela se beneficiam, em plena “periferia tropical”.

As marcas da cronografia e da topografia enunciativa presentes nos textos analisados acima complementam as seções anteriores, pois se é por meio do texto que os sujeitos se manifestam, é por meio dele também que se constrói a cenografia dos discursos produzidos durante o cinquentenário.

Encerrada esta seção, sem, contudo, esgotar as possibilidades de análise, chega-se, finalmente, considerações a respeito dos resultados obtidos com a pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensação que se tem agora, ao final de um trabalho tão árduo, não é, absolutamente, de dever cumprido. Tantas lacunas ficaram, tantos foram os apontamentos colocados. A sensação, portanto, é que ao principiar o término das páginas escritas deste trabalho, muitas coisas ficaram a escrever. Parece, então, que tudo aquilo que fizemos apenas foi o apontamento daquilo que ainda vamos fazer, como se esse trabalho fosse uma espécie de prólogo de ideias ainda não corporificadas em escrita, fosse, em última instância, quase que um projeto de vida.

Entretanto, afora as palavras não ditas e as coisas não mostradas, pensamos ter dito e mostrado elementos a partir de um exercício analítico interessante, que são importantes de serem resgatados agora para que não percamos de vista o nosso problema de pesquisa e suas respostas (sempre provisórias). Para isso, uma primeira exigência colocada ao nosso trabalho foi uma sistematização teórica que nos ajudasse na compreensão da realidade vista sob o foco de nossos olhos de analistas do discurso, em consonância com o objetivo geral da pesquisa, qual seja o de analisar o trabalho de construção do ethos nos discursos produzidos pelos atores sociais que integram a comunidade da UFPA (nos seus 50 anos de existência), no trabalho da imprensa institucional, por meio Jornal Beira do Rio.

Percorremos um caminho pela leitura e observação das edições do Jornal Beira do Rio, publicadas durante o ano de 2007. Observamos que certos acontecimentos, como foi o caso da comemoração do cinquentenário da Universidade Federal do Pará, por intermédio do trabalho da imprensa institucional, ultrapassaram os portões da comunidade universitária, chegando ao espaço da sociedade civil. Essa função de transformar o acontecimento em notícia acabou por atribuir a ela um papel considerável na construção do espaço público midiático, sobre a importância da Universidade Federal do Pará para a região como um todo e para a sociedade em geral.

Obviamente que a imprensa institucional não foi a única responsável por essa tarefa, outras instâncias foram co-responsáveis na constituição da imagem que se criou da UFPA: os enunciadores, atores sociais que testemunharam, que se tornaram porta-vozes da Instituição durante os festejos dos cinquenta anos e que, ao mesmo tempo, foram leitores do jornal.

Percebemos, na análise dos dados, que o grau de “envolvimento” dos atores sociais que fazem parte da Universidade e fizeram parte da divulgação dos acontecimentos de então se tornou um dos fatores determinantes para a visibilidade que a imprensa procurou promover sobre a importância da Instituição para o contexto em que se insere.

O trabalho da imprensa na construção desse ethos resultou de um processo seletivo que se desenvolveu desde as formas como abordou-se a temática maior (o cinquentenário), até a materialização desse tema na publicação dos textos vinculados aos mais variados gêneros textuais. Ao realizar a cobertura do cinquentenário, a imprensa apresentou-se como porta-voz do acontecimento, revestiu-se das estratégias enunciativas, ouvindo e colhendo depoimentos, corroborando para a construção de uma imagem legitimada da UFPA, perante seu público leitor, de modo a garantir a credibilidade tanto de seu próprio trabalho como e, principalmente, das ações da Instituição ao longo de cinquenta anos de existência.

O percurso metodológico desta pesquisa, com a sistematização da análise, no quarto capítulo, possibilitou-nos a identificação de uma espécie de fiador homogêneo que é parte prenante do “mundo ético” de Instituição “redentora” da Amazônia. A natureza da pesquisa exigiu que tecêssemos considerações sobre os gêneros discursivos selecionados para a análise, por entendermos que eles são entidades sócio-discursivas e formas de ação social. Foi por meio deles que os sujeitos disseram e marcaram o momento e o ato de dizer; por meio deles se pode observar o lugar, os papéis, os valores de onde emanaram os discursos que levaram à construção de uma imagem positiva da UFPA. Afinal, em todos os textos percebemos uma equivalência, uma recorrência de opiniões sobre a importância da Instituição.

Mas, afinal, que fiador homogêneo é esse a quem nos referimos? Trata-se de um fiador que, em sua corporalidade enunciativa e inserido em uma determinada conjuntura sócio-histórica, são os sujeitos investidos nos papéis de gestores, de docentes, de discentes e de técnico-administrativos, que produziram em seus discursos a ideia de que a UFPA representa para todos eles uma Instituição que prima pelo conhecimento, fortalecedora de valores, formadora de profissionais altamente qualificados, fortalecedora do conhecimento científico, agente de transformação e responsável pelo crescimento regional. Os efeitos de sentido observados, a forma como os posicionamentos no ato enunciativo tomam corpo levam à interpretação de que a Universidade supre todas as necessidades desses sujeitos. Essa homogeneidade era apropriada para o momento vivido, para o cenário em questão, porque em um momento de comemoração, de homenagens, o consentimento da opinião pública torva-se indispensável.

Os discursos dos sujeitos entrelaçaram-se e permitiram a representação de um “único” fiador que se identifica com a UFPA, acredita no seu poder simbólico, valoriza-a, reconhece a participação da Instituição no desenvolvimento regional e a consequente consolidação da marca de liderança enquanto maior Instituição de Ensino Superior da Região Norte.

A instância subjetiva que se manifesta nos textos em análise pode ser concebida, segundo Maingueneau (2008c), como uma “voz”, associada a um “corpo enunciante”, historicamente especificado. E falar em subjetividade é relacioná-la com a reflexividade enunciativa e, conseqüentemente, com ethos.

Os fiadores do jornal acreditaram e se imaginaram como parte integrante desse mundo, criado pelos discursos. Os discursos estabeleciam um laço de afetividade que se desenvolveu entre enunciador e enunciatário ao longo dos depoimentos. Há uma ideia, na maioria dos textos analisados, de sujeito coletivo, de lugar institucional, formado pela soma de todos. A presença desse fiador que se manifesta como sujeito coletivo também foi predominante em praticamente todos os textos. A construção de um fiador coletivo se estendeu na construção do fiador individual. A mudança de perspectiva do tipo de enunciador não significou mudança de percepção em torno dos posicionamentos sobre a UFPA.

Outras características dos discursos fortalecedores do poder simbólico da Universidade também puderam ser identificadas pelas marcas da subjetividade, o “tom” fortemente opinativo dos depoimentos e entrevistas, a recorrência de expressões adjetivadas, de vocábulos de cunho valorativo que contribuíram para essa imagem de Instituição consolidada e reconhecida na região e, principalmente, pela sua própria comunidade acadêmica.

Nesse sentido, o processo de incorporação do co-enunciador, segundo Amossy (2008), vai muito além da caracterização da identidade do enunciador. O co-enunciador ativa, por meio da leitura do jornal, um “mundo ético”, uma representação histórico-cultural da Universidade, presente e pressuposta nos discursos dos enunciadorees, o que leva à legitimação da imagem positiva da Instituição.

A imprensa procurou estabelecer uma organização harmoniosa de suas edições de forma a abranger as temáticas referentes à estrutura organizacional como um todo e, assim, despertar a atenção de todos os atores sociais direta ou indiretamente ligados à Instituição. O vínculo de sedução do enunciatário esteve relacionado justamente aos testemunhos de todos os sujeitos que compunham a comunidade universitária. O ethos Institucional efetivou-se por meio dessa “assinatura” jurídica presente na memória coletiva dos enunciadorees.

O reconhecimento institucional desejado pela imprensa apoiou-se nos enunciados de *outrem* para toná-los públicos a outros, em uma pluralidade de vozes constitutivas dos diferentes papéis sociais a que se posicionaram os enunciadorees: no papel de gestor, no papel de professor, no papel de aluno, no papel de técnico-administrativo

Uma constatação importante que resultou da análise refere-se ao fato de que a imprensa, muito mais do que significar um instrumento de comunicação das ações da Universidade, preocupou-se em “cuidar” da memória da UFPA. Não era interessante, então, mostrar os conflitos existentes no campo acadêmico. Conflitos esses que fazem parte do fazer científico. A observação dos textos publicados durante o ano demonstra que houve uma espécie de anulação dos conflitos internos durante o ano do cinquentenário, em prol do objetivo maior que era o de tornar legítimos os discursos que enalteciam o valor da Universidade.

Mesmo que os discursos conflituosos tenham sido “esquecidos”, os números de depoimentos demonstraram o descompasso entre os espaços dedicados às vozes dos sujeitos sociais que integram a Instituição. Mas como foi que a imprensa institucional conseguiu “apagar” esses embates internos? O que podemos perceber, a partir da análise dos depoimentos, é que para tornar invisíveis tais embates, a imprensa se preocupou em dar um maior espaço aos testemunhos das categorias que passavam uma imagem positiva da UFPA. A publicização dos depoimentos estava atrelada às temáticas abordadas e aos papéis assumidos por cada sujeito social dentro da Instituição.

Entendemos, assim, que o campo da comunicação jornalística apresenta uma correlação com o campo político e toda ação política depende, direta ou indiretamente, de sua capacidade de legitimar-se por meio de ideias, opiniões e argumentos gerados pela enunciação. O trabalho político da imprensa concentra-se no fazer ver, no fazer crer, no fazer confirmar ou transformar as visões de mundo. No campo da imprensa institucional da UFPA não foi diferente, o poder de convencimento dos discursos só poderia ser alcançado se os leitores passassem a se identificar com a movimentação dos fiadores investidos de valores historicamente especificados

Dessa forma o ethos no discurso de comemoração foi sendo tecido, com o objetivo de persuadir e buscar a adesão dos atores sociais envolvidos na construção do conhecimento na universidade – gestores, docentes, técnicos e discentes. O jornal Beira do Rio, além de veicular informações que refletiram os interesses e as exigências da Instituição como um todo, objetivou, por meio de seus fiadores, dar visibilidade à singularidade do evento, construir credenciais capazes de criar e manter uma identidade institucional legitimada, já que para qualquer Instituição é importante uma imagem confiável no universo de participação de seus atores.

Descobrimos, assim, que a Imprensa Institucional, por meio do Jornal Beira do Rio, funcionou como uma espécie de “espelho de Narciso” da Instituição, um lugar onde puderam ser “exibidas” as opiniões dos atores sociais, que acabaram por construir o ethos desse fiador homogêneo que homenageou a Instituição pelos avanços sociais no contexto de construção do conhecimento amazônico.

Restam muitos olhares a levar a cabo na complexidade de análise dos discursos. Logicamente que as explorações não terminam aqui e nem queremos que elas terminem. Se não preenchermos posteriormente tais lacunas com o prolongamento e um maior campo de abrangência na pesquisa, pelo menos deixaremos indicações possíveis para outros olhares, feitos por outras mãos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no Discurso: a construção de Ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês de Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campos, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Les sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Micelli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre el poder simbólico**. Disponível em: http://sociologiac.net/biblio/Bourdieu_SobrePoderSimbolico.pdf. Acesso: 12/11/2011.
- BRAIT, Elisabeth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução de Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Comportamento organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. São Paulo: Pioneira Thonsom Learning, 2004.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DASCAL, Marcelo. **Interpretação e Compreensão**. São Leopoldo, São Paulo: Editora Unisinos, 2006. (Coleção Filosofia e Ciência).
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. (diversos tradutores). Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2 ed. São Carlos: editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, Tatiana. Jornal registra histórias da academia: as 50 edições do Beira do Rio contemplam notícias sobre ensino, pesquisa e extensão. **Beira do Rio**, Belém, V. 4, n. 47, p. 3, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FURLANETTO, Maria Marta. Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MAGNO, Bruno; Lima, Kélia. UFPA recebe calouro do cinquentenário: a história da instituição será abordada durante a aula magna no dia 9 de março. **Beira do Rio**, Belém, v. 4, n. 48, p. 3, 2007. (edição especial)

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o Discurso Literário**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1997a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os Termos-Chave da Análise do Discurso**. Tradução de Maria Adelaide P.P. Coelho da Silva. Lisboa: Gradiva, 1997b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008d, p.11-29.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. **A reinvenção do sertão**: estratégia organizacional de Canudos. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2001.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MELO, José Marques de (Org.). **Gêneros de Comunicação Massiva**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2006a. 23 mar. 2006a. [Notas de Aula]

MOREIRA, Eidorfe. **Para a história da Universidade Federal do Pará.** (panorama do 1º decênio). Belém: Grafia, 1997.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Carine F. Caetano de. Comunicação no contexto das organizações: produtora ou ordenadora de sentidos?. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; SOARES, Ana Thereza Nogueira (Orgs.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações.** São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

PÊCHEUX, Michel. A Análise de discurso três épocas. In: GADET, F. ; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.311-319. (Coleção Repertório).

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso.** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A Propósito da análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.163-252. (Coleção Repertório).

PINTO, Walter. Das faculdades isoladas á criação da UFPA: Breve história de um anseio acalentado por várias gerações de paraenses. **Beira do Rio,** Belém, v. 4, n. 50, p. 3, jun/jul. 2007. (edição especial)

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Beira do Rio: ontem e hoje divulgando a UFPA. **Beira do Rio,** Belém, v. 4, n. 50, p. 2, 2007. (edição especial)

SILVA, José Augusto Rodrigues da. UFPA realiza experiências pioneiras em ensino a distância. **Beira do Rio,** Belém, v. 4, n. 47, p. 8, jun/jul. 2007. (edição especial)

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo,** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005, p. 224.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Histórico. Missão.** Disponível em:<http://www.portal.ufpa.br/historico_estrutura.php>. Acesso em: 26 jun. 2011a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Veículos de comunicação da assessoria de Comunicação da UFPA.** Disponível em: <<http://www.ascom.ufpa.br>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2011b.

VERGNIÉRES. 2003 apud MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** 3.ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1997a.

ANEXO A

EDIÇÕES JORNAL BEIRA DO RIO – ANO DE 2007				
EDIÇÃO	GÊNERO	TÍTULO DO TEXTO	ATORES (CARGOS E/OU PROFISSÃO)	RESUMO
JANEIRO	ARTIGO DE OPINIÃO	- 2007: ano do jubileu de ouro da UFPA.	- Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor)	- A Coluna do Reitor abriu os discursos que prenunciavam a atenção mensal ao cinquentenário da Instituição. A Coluna do Reitor assim anunciava: “2007: ano do jubileu de ouro da UFPA”. Esse artigo se repetiu na edição condensada Junho/Julho, mas com maior destaque na última página do jornal.
	MATÉRIA	- Universidade conta 50 anos de histórias.	- Erika Morhy (jornalista)	- Em coluna escrita pela jornalista Erika Morhy, a reconstituição da memória da universidade é contada, em clima de comemoração. E, no registro de comemoração, o Jornal Beira do Rio acompanha a comissão do

				cinquentenário, antecipando e fazendo a cobertura jornalística.
FEVEREIRO	REPORTAGEM	- UFPA recebe calouro do cinquentenário	- Bruno Magno e Kélia Lima (estagiários da ASCOM) Camilo Viana (professor) Licurgo Brito (Pró-reitor de graduação)	- Os estudantes de jornalismo, Bruno Magno e Kélia Lima anunciam que a história da Instituição seria tema da aula magna proferida pelo Reitor na recepção dos calouros no ano de 2007. Outra informação apresentada na matéria é a 59ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência a ser realizada em julho e tendo como sede Belém, na Universidade Federal do Pará.
MARÇO	MATÉRIA	- Homenagens em Portugal: Cátedra Luso-Amazônica organiza conferências nas universidades portuguesas.	- Cristina Trindade (coordenadora de imprensa)	- A Coordenadora de Imprensa do Jornal traz, em sua matéria, informação sobre as homenagens portuguesas

				<p>dedicadas à Universidade Federal do Pará, o convite da cátedra luso-amazônica feito ao Magnífico Reitor Alex Fiúza de Mello para visitar as cidades de Lisboa, Coimbra e Aveiro, onde apresentou um ciclo de conferências denominado “UFPA 50 anos: História e Perspectiva de uma Universidade Amazônica”. A coordenadora escreveu também sobre a solenidade alusiva aos cinquenta anos de criação da UFPA a ser realizada no Teatro da Paz, palco de instalação da instituição pelo então presidente da república, Juscelino Kubitschek.</p>
ABRIL	ARTIGO	- Beira do Rio: ontem e hoje	- Netília Silva dos	- Neste artigo, a coordenadora

	REPORTAGEM	<p>divulgando a UFPA.</p> <p>- Jornal registra histórias da academia.</p>	<p>Anjos Seixas (Chefe do Departamento de Comunicação da UFPA)</p> <p>- Tatiana Ferreira (jornalista)</p> <p>José Elíada Cunha Barbosa (estudante)</p> <p>Ary Loureiro (professor)</p> <p>Neder Charone (professor)</p> <p>Eunice Santos (professora)</p> <p>Flávio Nassar (professor)</p>	<p>do Departamento de Comunicação fala sobre a história de criação do Jornal Beira do Rio e a importância desse veículo para a divulgação do conhecimento científico da UFPA.</p> <p>- Em abril, a Imprensa de Comunicação, em sintonia com o discurso do cinquentenário, comemorava a edição de número 50, nos cinquenta anos da UFPA. A jornalista fala da trajetória do Jornal Beira do Rio, dos desafios, resultados, das ações e ainda incluiu um quadro com opiniões de estudantes e professores sobre o informativo.</p>
--	------------	---	--	---

MAIO	Quadro de programações.	- Eventos do Instituto de Ciências da Arte em comemoração aos 50 anos da UFPA.	- Seção não assinada	- Na edição de maio, um quadro de programações do Instituto de Ciências da Arte trouxe informações sobre os eventos a serem realizados em comemoração aos 50 anos da UFPA.
AGOSTO	ARTIGO DE OPINIÃO	- Os festejos dos 50 anos	- Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor)	- Agosto foi o mês em que a edição do jornal dedicou espaço aos festejos ocorridos no mês de comemoração do cinquentenário da Instituição: duas semanas consecutivas do mês de julho, vários eventos que envolveram personalidades, autoridades governamentais e do mundo acadêmico nacional, consagraram o mês de julho como o ápice das comemorações especiais.

	ARTIGO DE OPINIÃO	- A Amazônia que sonhamos e a que precisamos transformar	- Silene Maria de Araújo Lima (Secretária Regional da SBPC)	<p>- A secretária regional da SBPC PA discorre sobre os desafios a serem enfrentados pela comunidade científica no novo milênio para a Amazônia, no rol das discussões da Reunião Anual da SBPC em Belém. Encontro que foi muito além de pretensões simbólicas e visou despertar na sociedade brasileira a importância em conhecer a Amazônia, os recursos nela disponíveis, as ferramentas de ciência e tecnologia que devem ser usadas com vistas a defender um dos bens mais preciosos que dispõe o país.</p> <p>- Imagens das solenidades em</p>
--	----------------------	--	---	--

	REPORTAGEM	<p>- UFPA comemora 50 anos em solenidade no Theatro da Paz</p> <p>- Belém recebe Conselho Nacional de Educação</p>	<p>- Seção não assinada</p> <p>- Tatiana Ferreira (jornalista) Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor) Fernando Haddad (Ministro da Educação)</p>	<p>comemoração ao cinquentenário.</p> <p>- A jornalista fala sobre a reunião, ocorrida em Belém, da Secretaria Nacional de Educação (CNE), durante as comemorações do cinquentenário, e que trouxe à mesa de discussões os rumos da educação brasileira e o papel das universidades no contexto amazônico. A falta de professores no Ensino Médio também foi assunto debatido.</p>
SETEMBRO	REPORTAGEM	- UFPA comemora 20 anos no interior.	<p>- Brenda Taketa (jornalista)</p> <p>- Regina Feio Barroso (Vice-Reitora UFPA);</p> <p>- Niwmar Silva (técnico-</p>	- No rol de comemorações do mês de setembro estavam os 20 anos da interiorização da UFPA, que, no cinquentenário da Instituição, também fazia parte da trajetória integrada do

	ENTREVISTA	- Expansão universitária avança no Pará	<p>administrativo e estudante);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Edilson Oliveira (Prefeito de Rondon do Pará); - Adriano Rabelo (Coordenador do curso de Engenharia de Materiais); - Erivan Souza Cruz (Coordenador do Campus de Marabá) <p>- Brenda Taketa (jornalista) e Maria Ieda Costa Diniz (Diretora do Departamento de Desenvolvimento da Educação Superior –</p>	<p>conhecimento aos municípios, que há muito ficava aquém do desejado.</p> <p>- Brenda Taketa entrevista Maria Ieda Costa Diniz durante a inauguração do Campus II de Marabá. A diretora falou sobre o processo de expansão das universidades federais, de forma avaliativa, e sobre a concretização desse projeto</p>
--	------------	---	---	--

	REPORTAGEM	- Campus de Altamira no plano de expansão do MEC	DEDES) - Cristina Trindade (jornalista); - Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor); - Licurgo Brito (Pró-Reitor de Graduação); - Roberto Dall' Agnol (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação); - Raurélio Meireles da Silva (Coordenador do Campus de Altamira); - Regina Feio Barroso (Vice-Reitora);	pelo MEC. - Cristina Trindade escreve sobre o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e os benefícios ao Campus de Altamira, entre eles a melhoria da infra-estrutura.
--	------------	--	---	--

	REPORTAGEM	- Santarém vai sediar universidade federal	<ul style="list-style-type: none"> - Djair Alves Moreira (Coordenador do Curso de Ciências Agrárias de Altamira) - Cristina Trindade (jornalista); - Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor); - Regina Feio Barroso (Vice-Reitora); - Marlene Escher (Coordenadora do campus de Santarém); - João Feitosa (Coordenador de Pesquisa de Santarém); - Carlos Eduardo Guerra (Técnico em 	<ul style="list-style-type: none"> - A jornalista fala sobre o encontro em Santarém de toda a equipe da administração superior da UFPA, a fim de informar e esclarecer a comunidade acadêmica e a sociedade a respeito da criação da Universidade Federal do Oeste do Pará, após 20 anos do processo de interiorização.
--	------------	--	--	--

			Engenharia Elétrica de Santarém)	
OUTUBRO	REPORTAGEM	- Castanhal e Bragança comemoram 20 anos de interiorização.	- Rosa Helena Sousa de Oliveira (Coordenadora do campus de Bragança); - Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor); - Moirah Menezes (Professora do campus de Bragança)	- Na edição de outubro, atenção especial foi dada ao Nordeste Paraense com o destaque da capa <i>Nordeste do Pará nas comemorações dos 50 anos: programação, que chegou a Castanhal e Bragança, também homenageia os 20 anos da interiorização. Comunidades acadêmicas locais discutem suas prioridades para os próximos dez anos.</i> O esforço da Assessoria de Imprensa era para integrar a chamada Universidade Multicampi num só intuito: dar maior visibilidade ao cinquentenário

				da UFPA, legitimando o discurso institucional.
NOVEMBRO	REPORTAGEM	- Desenvolvimento Regional na pauta de Abaetetuba	<ul style="list-style-type: none"> - Cristina Trindade (jornalista); - Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor); - Licurgo Brito (Pró-Reitor de Graduação); - Odiléia Rodrigues (representante da sociedade de Abaetetuba); - Francisca Carvalho (Coordenadora do campus de Abaetetuba); - Silvia Moreira (Técnica-Administrativa de Soure); - Regina Feio Barroso (Vice- 	- Cristina Trindade traz uma matéria sobre agenda de comemorações do cinquentenário e de 20 anos do processo interiorização do campus de Abaetetuba. Fala também um pouco do campus de Soure, na reflexão da vocação acadêmica.

	<p>MATÉRIA</p>	<p>- Biblioteca Central: 45 anos dedicados à informação</p>	<p>Reitora);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Luizete Carliez (Coordenadora do campus de Soure). - Tatiana Ferreira (jornalista) Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor) Odiléia Rodrigues (estudante) Regina Feio (Vice-reitora) Francisca Carvalho (professora) Luizete Carliez (Coordenadora do campus de Soure) Silvia Moreira (Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFPA) 	<p>- A jornalista Tatiana Ferreira tematizou em sua matéria os 45 anos da Biblioteca Central, no ano de cinquentenário da UFPA.</p>
--	----------------	---	--	---

DEZEMBRO (2007)/JANEIRO (2008)	MATÉRIA	- Academia Paraense de Letras homenageia a UFPA	- Èrika Morhy (jornalista) Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor) Alcyr Meira (Acadêmico da Academia Paraense de Letras)	- A jornalista fala sobre a solenidade da Academia Paraense de Letras em homenagem aos 50 anos da Universidade Federal do Pará.
	ENTREVISTA	- UFPA é o maior empreendimento da Região Amazônica	-Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor)	- Em entrevista, o Reitor da UFPA encerra as comemorações dos 50 anos da instituição ressaltando o crescimento da UFPA na graduação e na pós-graduação, como tem sido esse crescimento, a importância da instituição em nível regional.

ANEXO B

EDIÇÃO CONDENSADA JUNHO/JULHO DO JORNAL BEIRA DO RIO – ANO DE 2007			
GÊNERO	TÍTULO DA SEÇÃO	ATORES (CARGOS E/OU PROFISSÃO)	RESUMO
EDITORIAL	- UFPA, patrimônio da Amazônia e do Brasil	- Seção não assinada	- O editorial trata, de forma resumida, da criação da universidade, de sua missão, visão, anunciando a que se dedica a edição: falar sobre os 50 anos da UFPA.
MATÉRIA	- Das faculdades isoladas à criação da UFPA	- Walter Pinto (jornalista); - Clodoaldo Beckman (representante da sociedade externa)	- A matéria relata um breve histórico da criação da universidade, de alguns dos atores sociais envolvidos nessa trajetória, assim como historiadores e críticos que discorrem sobre tal processo.
MATÉRIA	- A fundação do campus pioneiro da UFPA	- Walter Pinto (jornalista) - Alcyr Meira (arquiteto) - José Freire (antigo desenhista da Prefeitura do Campus da UFPA);	- A matéria remonta a história de criação da infra-estrutura do campus pioneiro da universidade (campus do Guamá) e o processo de ampliação da base física em Belém e no interior do Estado.

MATÉRIA	- Benedito Nunes e a primeira greve na UFPA	- Walter Pinto (jornalista) Bendito Nunes (professor) Nelson Ribeiro (professor)	- Nessa matéria, a memória do filósofo Benedito Nunes traz à lembrança a trajetória da carreira docente na antiga Faculdade de Filosofia. Nessa mesma matéria, Walter Pinto, em título à parte, fala sobre o economista Nelson Ribeiro e a reforma universitária de 1968 e a mobilização do corpo docente e do corpo discente na busca de definição de um modelo de organização e regime acadêmico que seriam adotados. A reforma é abordada tendo como pano de fundo a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais, da qual o economista Nelson Ribeiro fazia parte como docente.
MATÉRIA	- Os avanços e desafios da interiorização	- Erika Morhy (jornalista) Aluísio Leal (economista) Marlene Freitas (professora)	- A jornalista trata do processo de interiorização da UFPA, a consolidação de uma Universidade Multicampi e a autonomia do Campus de Santarém. Nesse sentido, entra em discussão o nível regional de atuação da

			Instituição.
REPORTAGEM	- Santarém e Cametá	- Marlene Escher (Coordenadora do campus da UFPA em Santarém) e Gilmar Pereira da Silva (Coordenador do campus da UFPA em Cametá)	- Nessa reportagem, existe uma contraposição entre um campus que se aproxima da autonomia com a criação da Universidade Federal do Oeste do Pará (Santarém), devido a sua expansão, e um campus em fase de crescimento (Cametá).
ARTIGO	- Vitalidade e capacidade de superação na UFPA	- Nilson Pinto de Oliveira (ex-reitor da UFPA)	- O ex-reitor Nilson Pinto remonta a conjuntura histórico-política pela qual passou quando da sua gestão (1989 a 1992). O autor relata que mesmo passando por um quadro hostil, a universidade se uniu, possibilitando extraordinária capacidade de superação com a expansão do número de alunos; abertura de novos programas de mestrado e doutorado; melhor comunicação com os <i>campi</i> do interior pela internet; criação de núcleos de integração, como o Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) e o Núcleo de Arte (NUAR); construção do Hospital Universitário Bettina

			Ferro; urbanização do campus do Guamá; a interiorização e a busca por alianças necessárias.
REPORTAGEM	- Qualidade da graduação é meta prioritária	- Tatiana Ferreira (jornalista); - Licurgo Brito (Pró-Reitor de Graduação)	- Tatiana Ferreira discorre em sua matéria sobre os mecanismos que visam à melhoria na qualidade do ensino superior. Para isso, a jornalista conta com a contribuição do Pró-Reitor de Graduação, Licurgo Brito, que fala sobre a função da PROEG no que se refere às atividades didático-pedagógicas, na elaboração dos projetos pedagógicos da graduação, na avaliação dos cursos e no Regulamento da Graduação.
MATÉRIA	- UFPA realiza experiências pioneiras em ensino à distância	- José Augusto Rodrigues da Silva (estagiário da Assessoria de Comunicação) Selma Leite (Secretária da Educação à Distância)	- Nessa matéria, José Augusto fala sobre a criação da Secretaria de Educação à Distância (SEAD) e os projetos atuais dos cursos de graduação à distância.
ARTIGO	- A universidade e a trajetória de graduação em 50 anos	- Licurgo Brito (Pró-Reitor de Graduação)	- No artigo, o Pró-Reitor discorre sobre a realidade atual da UFPA no que se refere à oferta de mais de cem cursos de graduação

			com o processo de interiorização e dos desafios para o ensino de graduação. Fala da trajetória da universidade como formadora de profissionais e fortalecedora de valores humanos, ao longo de mais cinco décadas.
REPORTAGEM	- As conquistas da mais nova pró-reitoria	- Tatiana Ferreira (jornalista) Sibele Caetano (Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal)	- Na reportagem da jornalista, a Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal é o tema apresentado, com depoimentos da Pró-Reitora, Sibele Caetano. A Pró-Reitoria, segundo Sibele Caetano, faz parte de uma fase de transição da universidade que volta sua atenção ao desenvolvimento da carreira, capacitação, saúde e qualidade de vida do servidor da UFPA. Novas estruturas e novos projetos fazem parte da criação da nova pró-Reitoria.
REPORTAGEM	- Servidores constroem um novo saber	- Tatiana Ferreira (jornalista) Maria Helena de Freitas Vale (professora) Maria de Belém Feitosa (professora)	- A reportagem de Tatiana Ferreira traz como enfoque o projeto voltado para a educação de jovens e adultos, que incentiva os servidores da UFPA a retomarem seus estudos. Trata-se, segundo a jornalista, de maior valorização do

		<p>Jorge Santana dos Santos (mestre em edificações)</p> <p>Manoel Carneiro (auxiliar administrativo)</p> <p>José Ribamar Fernandes (agente de segurança)</p> <p>Waldemir Cardoso de Melo (agente de segurança)</p>	<p>corpo técnico-administrativo. Para testemunhar sobre o projeto, servidores falam do que representa para eles o curso “A linguagem no meio ambiente institucional: construindo novos saberes com jovens e adultos”.</p>
REPORTAGEM	- Universidade busca excelência científica	<p>- Erika Morhy e Tatiana Ferreira (jornalistas)</p> <p>Roberto Dall’Agnol (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)</p> <p>Jorge Alberto Gazel Yared (chefe geral da EMBRAPA)</p> <p>Ilma Célia Guimarães Vieira (Diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi)</p>	<p>- A pesquisa é tema desse texto. A criação de núcleos como o NCGG e o NAEA, a criação dos programas de pós-graduação, inclusive o curso de doutorado em Recursos Biológicos da Zona Costeira, no campus de Bragança. A atual Pró-Reitoria de Pós-graduação (PROPESP), segundo o Pró-Reitor Roberto Dall’Agnol, tem como meta prioritária a formação de doutores para atuar na região amazônica. Um quadro à parte acompanha a reportagem tratando das parcerias regionais da universidade e a importância das relações interinstitucionais.</p>

REPORTAGEM	- “Geociências” e NAEA foram os pioneiros	- Érika Morhy e Tatiana Ferreira (jornalistas) Netuno Nobre Villas (professor) Edna Castro (professora)	- Nessa reportagem, as jornalistas continuam a discorrer sobre os avanços na pesquisa. Falam sobre as primeiras experiências que impulsionaram a pesquisa e a pós-graduação, como o planejamento do desenvolvimento regional, que motivou a criação do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Um quadro à parte, novamente, trata do curso de doutorado no campus de Bragança (o primeiro a ser ofertado no interior)
ARTIGO	- MCT apóia ações estratégicas para a Amazônia	- Avílio Antônio Franco (Pesquisador e Subsecretário Coordenador das Unidades de Pesquisa do MCT)	- O enunciador fala sobre o reconhecimento da ciência e tecnologia pela classe política e pela sociedade e o desafio da UFPA em aumentar a formação e fixação de recursos humanos na região.
REPORTAGEM	- Entre o meio ambiente e a Medicina	- Érika Morhy (jornalista)	- A jornalista apresenta como pauta os trabalhos do ambientalista Camilo Vianna (médico e professor) no que tange ao fomento da extensão por meio da assistência pelo interior do estado.

REPORTAGEM	<p>- Trajetória de impacto social e institucional</p>	<p>- Érika Morhy (jornalista) Ney Cristina Monteiro de Oliveira (Pró-Reitora de Extensão)</p> <p>- Clarice Aparecida dos Santos (coordenadora-geral de Educação do Campo e Cidadania)</p>	<p>- Érika Morhy continua o debate em torno da extensão da universidade, falando sobre os projetos de extensão que contribuíram para o processo de interiorização da UFPA com a promoção social. A Pró-Reitora de Extensão, Ney Cristina, depõe sobre os projetos e programas de saúde e educação, destacando a interferência da Multicampi Saúde no cenário do estado.</p> <p>- No quadro à parte, a Coordenadora de Educação do Campo e Cidadania do Inkra aponta que o PRONERA faz parte desse momento de comemoração, pois há dez anos é parceiro da UFPA, atuando diretamente com a população do campo, com a formação de várias turmas de Educação de Jovens e Adultos e assentamentos de mais de mil trabalhadores(as).</p>
EDITORIAL	<p>- Edufpa completa 45 anos de história</p>	<p>- Laís Zumero (Diretora do Edufpa)</p>	<p>- Nesse editorial, Laís Zumero conta a história de criação da editora da universidade, falando</p>

			sobre sua importância. Fala da trajetória e emancipação. Apresenta ainda um fundo editorial de lançamentos de livros da editora.
ARTIGO	- Um novo paradigma gerencial para a UFPA	- Iracy Bila Gallo (Pró-Reitora de Administração)	- A Pró-Reitora de administração fala do cinquentenário da UFPA, do crescimento da instituição, do Plano de Desenvolvimento Institucional 2001-2010 e, conseqüentemente, do Programa de Modernização Administrativa.
ARTIGO	- A trajetória do planejamento estratégico institucional.	- Sinfrônio Brito (Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento)	- O Pró-reitor também enfatiza a importância da universidade no cenário amazônico. Nesse sentido, fala sobre a necessidade de um Planejamento Estratégico Institucional (PDI) como poderoso instrumento de gestão, delineador dos grandes desafios da UFPA para os próximos anos.
MATÉRIA	- Quarenta e cinco anos dedicados à arte	- Walter Pinto (jornalista) - Emanuel Matos (professor fundador do Núcleo de Artes)	- Walter Pinto aborda a história e trajetória da arte na UFPA. O jornalista fala sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo de arte, sobre o Instituto de Ciências da Arte e a qualificação docente.

MATÉRIA	- Espaço dedicado à arte e à memória da UFPA	- Walter Pinto (jornalista) Jussara Derenji (arquiteta)	- Nessa matéria, Walter Pinto continua a abordagem sobre o espaço dedicado à arte na Instituição, falando sobre a criação do museu universitário e da então restauração que envolve beleza arquitetônica do ciclo da borracha.
QUADRO DE PROGRAMAÇÃO	- Programação do ICA em comemoração aos 50 anos da UFPA.	- Seção não assinada	- Nesse quadro, o enunciador traz algumas das programações para o cinquentenário, das faculdades de Artes Visuais, Música e Teatro e Dança.
MATÉRIA	- Barros Barreto busca maior autonomia.	- Roberta Vilanova (jornalista))	- Roberta Vilanova discorre sobre o Hospital Universitário Barros Barreto, sua trajetória, corpo diretor, os avanços, a missão do hospital, a ainda deficiente Infraestrutura.
MATÉRIA	- Bettina atua em ensino, pesquisa e extensão	- Leylla Melo (estagiária)	- A estagiária traça um pequeno apanhado sobre a criação do Hospital Universitário Bettina Ferro e as atividades e funções por ele realizada.
MATÉRIA	- Questões ambientais estimulam integração na universidade.	- Tatiana Ferreira (jornalista) Juan Hoyos (pesquisador da UFPA) Gilberto Rocha (Coordenador do	- Nessa matéria, a jornalista aborda a questão ambiental no rol das discussões da preocupação ecológica. Fala de forma geral

		Núcleo de Meio Ambiente – NUMA) Nobert Fenzl (professor)	dos debates acadêmicos sobre esse tema e dos trabalhos desenvolvidos pela Comissão Executiva de Meio Ambiente (CEMA) e a consequente criação do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) na UFPA.
MATÉRIA	- Arni fortalece cooperação acadêmica internacional na UFPA.	- Tatiana Ferreira (jornalista)	- Tatiana Ferreira fala sobre a criação da Assessoria de Relações Internacionais (ARNI), as ações promovidas a fim de fortalecer acordos de cooperação científica e cultural, articulada com instituições e organismos de cooperação e fomento, agregando seis casas de estudos internacionais.
EDITORIAL	- Espaço de informação presencial e virtual.	- Silvia Moreira (Diretora da Biblioteca Central)	- Nesse editorial, Silvia Moreira fala sobre a fundação da Biblioteca Central, a trajetória, as mudanças infra-estruturais e tecnológicas, importantes projetos aprovados pelo Programa Incluir da Secretaria de Educação Especial do MEC e pelo instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), além de anunciar as programações

			que seriam realizadas em dezembro, quando do aniversário de 45 anos da biblioteca.
ARTIGO	- Integração de ações no exercício da vice-reitoria.	- João Paulo Mendes (Reitor do CESUPA)	- João Paulo Mendes relata sua experiência de Reitor da UFPA no quadriênio de 1981 a 1985, relatando suas ações e a importância da Instituição para a comunidade.
MATÉRIA	- Reunião da SBPC acontece em Belém.	- Rodrigo Cruz (estagiário) - Silene Lima (Secretária Regional da SBPC)	- Rodrigo Cruz anuncia o evento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência que ocorreria em julho, tendo como sede Belém. O tema (Amazônia: Desafio Nacional) e o momento foram oportunos, pois as atenções internacionais estavam voltadas para a Amazônia. Oportuno também porque ocorreria no cinquentenário da UFPA.
MATÉRIA	- Associação dos Amigos estimula valorização da universidade.	- Bruno Magno (estagiário) José Olímpio Bastos (presidente da Associação dos Amigos da UFPA.	- Bruno Magno discorre sobre a criação da Associação dos Amigos da UFPA, os objetivos, as doações financeiras que colaboram para a realização de obras de infraestrutura no campus de Belém, o espaço que ocupa, .
ARTIGO	- 2007, ano do jubileu de ouro da UFPA.	- Alex Fiúza Bolonha de Mello (Reitor da UFPA)	- Esse artigo foi reimpresso. Sua primeira publicação ocorreu no mês de janeiro e

			apresentava-se na coluna do Reitor. Nessa edição condensada, ele veio na última página, intitulada Palavra do Reitor.
NOTAS	- Sem título	- Wilton Júnior (estudante); Maria de Fátima Reymão Moreira (professora do curso de Química); Ana Clotilde Colares Gomes (pedagoga); Emilliana Guerra (professora de Medicina); Verônica de Araújo Capelo (professora de Filosofia); Jamile Guimarães (estudante de Geografia); Beneilde Teixeira (Técnica-Administrativa); Kleyton Silva (estudante de Letras); Ana Dolores dos Anjos (chefe da Divisão de Bolsas de Iniciação Científica da Propesp); Ana Ledo Brino (professora de Psicologia Experimental); Anderson da Silva Viana (técnico-administrativo do Mestrado em Física).	As notas tinham lugar reservado, nessa edição, sempre do lado direito superior do jornal, em páginas alternadas, e demonstravam o posicionamento dos sujeitos em relação à UFPA.

ANEXO C

UFPA, patrimônio da Amazônia e do Brasil

A criação da UFPA, há exatos 50 anos, por meio do Decreto-lei nº 3191, de 2 de julho de 1957, foi o marco de um novo tempo para a educação superior paraense. No dia 15 de março de 1958, o Teatro da Paz, foi palco da solenidade de instalação da universidade, presidida pelo presidente Juscelino Kubitschek, que veio a Belém especialmente para participar da cerimônia. Em cinco décadas a universidade formou várias gerações de profissionais da região e contribuiu efetivamente para a melhoria das condições de vida da sua população.

Em consonância com sua missão de gerar, difundir e aplicar o conhecimento nos diversos campos do saber, visando à melhoria da qualidade de vida do ser humano em geral, e em particular do amazônida, a UFPA, a partir de seu novo Estatuto, publicado em 12 de julho de 2006, tornou-se uma universidade multicampi, assumindo oficialmente a necessidade de integração entre seus dez campi implantados em todas as regiões do Pará. Com isso, reafirmou seu compromisso com o desenvolvimento regional.

Nesta edição especial do Beira do Rio, conheça um pouco da história da maior instituição de ensino superior da Amazônia. A união das antigas faculdades, a criação do campus do Guamá e o processo de interiorização foram contados por quem guarda na memória momentos importantes desses empreendimentos. O ensino, a pesquisa e a extensão, caminhando cada vez mais integrados, foram enfocados na sua evolução até os dias atuais.

Foi abordada, ainda a recente criação da Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal (Progep), que veio valorizar os servidores da instituição com uma nova filosofia de atuação na área de gestão de pessoas. Iniciativas da instituição em cultura, saúde e meio ambiente também estão na pauta, além das áreas de planejamento e administração, fundamentais para que a UFPA possa desenvolver suas atividades com eficiência.

A trajetória de uma instituição do porte da UFPA, que cresce e torna-se mais complexa a cada ano, não poderia ser totalmente contada em apenas 24 páginas. Esperamos, no entanto, que este número especial do Beira do Rio sirva como registro de um momento de comemoração singular para todos os que, de alguma maneira, têm a UFPA gravada em suas vidas. Esperamos que daqui a mais 50 anos os que abrirem essa edição possam conhecer um

pouco do nosso presente e, como nós, vejam e reconheçam nessa universidade uma instituição indispensável para um futuro melhor.

ANEXO D

	<p><i>"A universidade tem o poder de intervir na sociedade. Por não ter somente caráter mercadológico ela reflete todas as demandas sociais, a pluralidade de idéias".</i></p> <p>Kleyton Silva, 23, estudante do 6º semestre do curso de Letras</p>	Junho e Julho/2007 17
	<p><i>"A universidade representa para mim uma oportunidade de ascensão tanto econômica quanto cultural. Isso pelo fato de ela ser gratuita e pelo status que a universidade federal ainda tem".</i></p> <p>Wilton Junior, 21, estudante do 5º semestre de Oceanografia</p>	Junho e Julho/2007 3
	<p><i>"A UFPA é uma instituição científica que realiza pesquisas e forma recursos humanos capacitados levando em consideração o contexto regional em que está inserida"</i></p> <p>Emilianna Guerra, professora do curso de Medicina</p>	Junho e Julho/2007 9
	<p><i>"A universidade é meu trabalho, é minha vida, é tudo. É o grande centro gerador de pesquisas relacionadas à região".</i></p> <p>Maria de Fátima, 56, professora de Química, Licenciatura e Bacharelado</p>	Junho e Julho/2007 5
	<p><i>"A UFPA é a maior instituição de pesquisa da região, então ela proporciona uma melhor formação de pessoal qualificado. Além disso, prioriza questões bastante pertinentes da região"</i></p> <p>Ana Leda Brino, professora do curso de Psicologia Experimental.</p>	Junho e Julho/2007 21
	<p><i>"A UFPA extrapolou aquilo que é simplesmente trabalho, ela é uma família, é como se fosse algo que faz parte do nosso corpo. Tenho orgulho de ser funcionária dessa universidade!"</i></p> <p>Ana Clotilde Colares Gomes, 50, pedagoga da Multicampi</p>	Junho e Julho/2007 7
	<p><i>"A UFPA me proporcionou a ascensão profissional que eu tanto almejava. Quando entrei aqui, percebi que tinha capacidade para crescer profissionalmente e hoje estou no mestrado"</i></p> <p>Benedito Teixeira - Técnica do Instituto de Ciências Exatas e Naturais.</p>	Junho e Julho/2007 15
	<p><i>"A UFPA é responsável pela formação de várias figuras importantes do Brasil: políticos, intelectuais, artistas. Ela é realmente um centro de excelência."</i></p> <p>Ana Doloras dos Anjos, 53, chefe da Divisão de Bolsas de Iniciação Científica da Propesp</p>	Junho e Julho/2007 19

Fonte: Extraído de BEIRA DO RIO, 2007. Edição Especial.

“A Universidade tem o poder de intervir na sociedade. Por não ter somente caráter mercadológico ele reflete todas as demandas sociais, a pluralidade de idéias”.

Kleyton Silva, 23, estudante do 6º semestre do curso de Letras

“A Universidade representa para mim uma oportunidade de ascensão tanto econômica quanto cultural. Isso pelo fato de ela ser gratuita e pelo status que a universidade federal ainda tem”.

Wilton Júnior, 21, estudante do 5º semestre de Oceanografia

“A UFPA é uma instituição científica que realiza pesquisas e forma recursos humanos capacitados levando em consideração o contexto regional em que está inserida”.

Emiliana Guerra, professora do curso de Medicina

“A Universidade é meu trabalho, é minha vida, é tudo. É o grande centro gerador de pesquisas relacionadas à região”.

Maria de Fátima, 56, professora de Química, Licenciatura e Bacharelado

A UFPA é a maior instituição de pesquisa da região, então ela proporciona uma melhor formação de pessoal qualificado. Além disso, prioriza questões bastante pertinentes da região. (Ana Leda Brino, professora do curso de Psicologia Experimental)

“A UFPA extrapolou aquilo que é simplesmente trabalho, ela é uma família, é como se fosse algo que faz parte do nosso corpo. Tenho orgulho de ser funcionária dessa universidade”.

Ana Clotilde Colares Gomes, 50, pedagoga da Multicampi

“A UFPA me proporcionou a ascensão profissional que eu tanto almejava. Quando entrei aqui, percebi que tinha capacidade para crescer profissionalmente e hoje estou no mestrado”.

Beneilde Teixeira, Técnica do Instituto de Ciências Exatas e Naturais

A UFPA é responsável pela formação de várias figuras importantes do Brasil: políticos, intelectuais, artistas. Ela é realmente um centro de excelência. (Ana Dolores dos Anjos, 53, chefe da Divisão de Bolsas de Iniciação Científica da Propesp)

ANEXO E

As conquistas da mais nova pró-reitoria

por **Tatiana Ferreira**



A criação da Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal (Progep), aprovada com o novo Estatuto da UFPA, foi um ganho importante para os servidores da instituição. A necessidade de valorização das pessoas que, no dia-a-dia, são responsáveis pelo funcionamento da universidade, foi a principal motivação para essa mudança. Além disso, nos últimos anos, a gestão de pessoas passou a assumir papel estratégico nas organizações contemporâneas. Mesmo com pouco tempo de existência, a Progep comemora a definição de políticas de gestão de pessoas que já estão sendo implementadas. Atualmente a UFPA tem 4.393 servidores ativos, atuando em Belém e nos nove campi do interior.

"Passamos por um período de transição com enormes desafios. Para podermos nos tornar uma nova pró-reitoria houve uma grande mudança de concepção, de filosofia e de sistemática de trabalho também. Foi necessária a reestruturação do espaço físico e investimentos em capacitação de pessoal. Anteriormente, essa área estava voltada principalmente para o registro da vida funcional do servidor. Hoje também estamos atentos a questões como desenvolvimento da carreira, capacitação, saúde e qualidade de vida... Tivemos que mudar a estrutura e, ao mesmo tempo, implementar novos projetos, mas a equipe foi extremamente dedicada e isso foi fundamental para a criação da nova pró-reitoria", elogia a pró-reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal, Sibele Caetano.

Com a criação da Progep, todas as iniciativas voltadas para a área de pessoal passaram a ser gerenciadas, de forma integrada, em três eixos de ação: "Desenvolvimento e Desempenho", "Gestão de Pessoal" e "Saúde e Qualidade de vida". Para todas essas áreas foram eleitos projetos estratégicos que estão sendo priorizados pela Progep

No eixo "Desenvolvimento e Desempenho", destaca-se o programa de dimensionamento de pessoal, que iniciou suas atividades em maio de 2006 com objetivo de traçar uma minuciosa análise quantitativa e qualitativa do quadro de pessoal técnico-administrativo da instituição.

"É um trabalho grandioso porque temos que fazer entrevistas com cada servidor técnico-administrativo, além de uma série de levantamentos de dados e informações. Depois

de trabalhados esses dados, é rodado um cálculo comparativo entre as unidades acadêmicas. Assim temos dados quantitativos e, com a análise das entrevistas, temos a parte qualitativa. Por meio desse sistema, a UFPA terá um diagnóstico da sua força de trabalho. Isso possibilitará uma visão mais realista das unidades que precisam de vagas, do perfil necessário para determinada vaga. Também subsidiará os nossos pedidos de vagas ao MEC. Nesse processo demos um passo à frente. A UFPA está sendo referência para outras instituições", observa Sibeles.

Vinculado ao Plano Institucional de Desenvolvimento dos Técnico-Administrativos (PIDT), aprovado pela Resolução n.1.223, de 16 de abril de 2007, do Conselho Superior de Administração (CONSAD), o Programa de Educação Continuada dos Técnico-administrativos contempla uma série de ações de capacitação e qualificação. Inserido nesse contexto, foi implantado o programa "A linguagem no meio ambiente institucional: construindo novos saberes com jovens e adultos" voltado para a escolarização básica dos técnico-administrativos da universidade (ver página seguinte). Também será dada continuidade à oferta de cursos de especialização voltados aos servidores. A partir de agosto inicia o curso "Políticas de desenvolvimento e gestão pública", em parceria com o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea). "A qualificação permanente do pessoal técnico-administrativo é uma política que vai se manter. Pretendemos implantar até 2009 um curso de graduação tecnológica em gestão pública. Queremos cobrir todos os níveis, desde a escolarização básica até o mestrado", explica a pró-reitora.

Recentemente, a Progep também divulgou a programação dos eventos de aprendizagem que serão disponibilizados aos servidores até o final de 2007. A listagem pode ser conferida no site do Centro de Capacitação (Capacit) em www.ufpa.br/capacit. São cursos, palestras, oficinas e grupos de trabalho de curta duração agora organizados em programas que atendem às necessidades tanto da instituição quanto de seus servidores.

Ainda no eixo de "Desempenho e Desenvolvimento" a Progep trabalha em uma proposta para o Programa de Gestão de Desempenho que será debatida pela comunidade universitária. Trata-se de instrumento gerencial que tem a finalidade de avaliar o desempenho dos técnico-administrativos. Por lei, todas as universidades deverão adotar esse tipo de iniciativa para acompanhar o desenvolvimento desses servidores.

Saúde e qualidade de vida estão no foco da Progep

Dentro do eixo "Saúde e qualidade de vida", dois grandes projetos foram implantados pela Pró-reitoria. "Esse eixo objetiva a valorização do servidor de uma maneira integrada. Estamos preocupados com a qualidade de vida desse servidor, com a saúde, com a alimentação e principalmente com a prevenção de doenças. Não podemos ver apenas os aspectos ligados ao trabalho, sem pensar na qualidade de vida", explica a pró-reitora.

O primeiro projeto chama-se "Ginástica Laboral e Educativa", envolvendo a realização de palestras, oficinas, caminhadas e sessões de ginástica que visam estimular a prática de atividades físicas e uma maior preocupação com a saúde. "Qualidade de vida: alimentação saudável" é o segundo projeto desse eixo, realizado em parceria com o Departamento de Engenharia Química e de Alimentos, com o objetivo de promover cursos, palestras e oficinas sobre alimentação durante todo o ano, culminando com o curso "Cozinha Brasil", que será realizado em novembro de 2007.

Também foi criada, recentemente, a área de assistência psicossocial. "Temos uma psicóloga e duas assistentes sociais fazendo esse atendimento diário, que acontece por demanda espontânea ou quando somos solicitados. Toda segunda-feira temos o plantão psicológico. Fazemos perícias médicas e intervimos quando algum funcionário tem problemas que interferem no ambiente do trabalho", explica Sibebe.

Outra ação que se destaca nesse eixo é a criação do coral Flor de lótus, composto por 32 servidores técnico-administrativos que realizam ensaios todas as terças-feiras, regidos pela diretora da escola de música da UFPA, Ana Maria Souza. Na área de Segurança e Saúde do Trabalhador, estão sendo realizadas campanhas de vacinação e palestras educativas voltadas para a saúde. Também foi implantado o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional do Trabalhador (PCMSO). Já o Programa de Apoio Psicossocial (Paps) conta com uma equipe multiprofissional que proporciona atendimento terapêutico em grupo aos servidores da universidade. Além disso, a Progep vem organizando comemorações em datas especiais como "Dia do Servidor Público", "Dia das Mães", "Dia da Mulher" e confraternização natalina. Já o projeto "Construindo o saber digital" possibilita conhecimentos básicos de informática aos dependentes dos servidores. Em abril, foi realizada a diplomação da primeira turma.

No eixo "Gestão de pessoal" foi implantado o boletim eletrônico "Comunica", que torna públicas as atividades realizadas pela Progep. Para orientar e facilitar o entendimento de assuntos pertinentes à área de pessoal foi elaborado o "Manual do Servidor". Além disso, todo

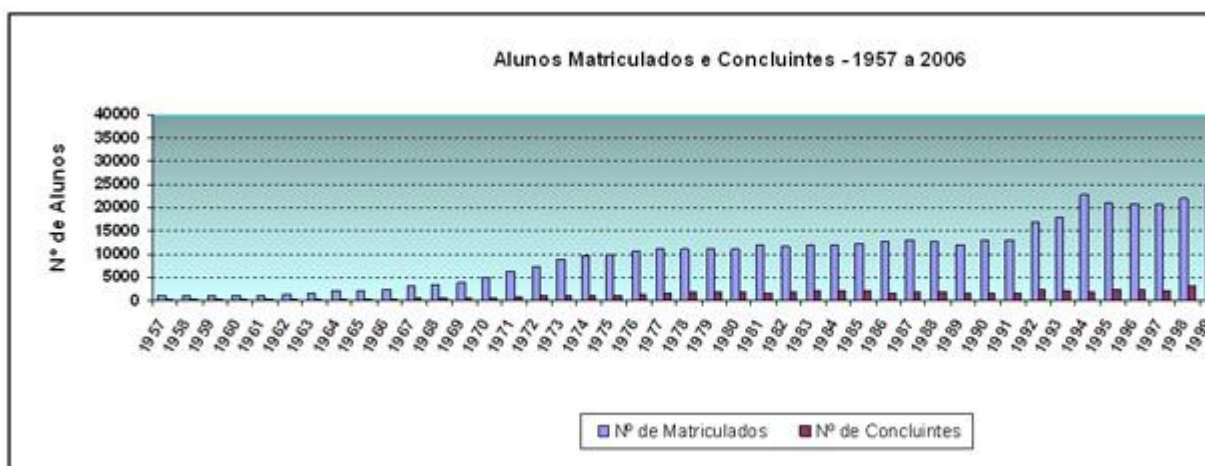
o arquivo setorial da Progep está recebendo tratamento e armazenamento adequados com o objetivo de manter organizadas as pastas funcionais dos servidores. Ao final do trabalho, o material será digitalizado. Outro ganho refere-se à instalação de um Serviço de Atendimento ao Usuário (SAU), com objetivo de recepcionar com qualidade e cortesia o servidor que procurar a Progep.

ANEXO F

A universidade e a trajetória de graduação em 50 anos

por Licurgo Brito, pró-reitor de graduação
foto Mari Chiba

Quem conhece a UFPA hoje, com estrutura física implantada em dez municípios do Pará, constituindo os campi responsáveis pela oferta de mais de cem cursos de graduação, além dos de oferta temporária em cerca de cinquenta outros municípios, dificilmente imagina que, cinquenta anos atrás, em sua criação, ela possuía apenas seis cursos, todos na capital do Estado. [Gáfcico I.](#)



Fonte: Anuários estatísticos da Proplan.

A missão da UFPA como formadora de profissionais e fortalecedora de valores humanos remonta há mais de um século, com o surgimento das primeiras faculdades no Pará. Com a criação da Universidade do Pará, em 1957, a responsabilidade por essa missão intensificou-se. Nesses cinquenta anos, a UFPA já formou mais de 100.000 profissionais de nível superior. Isto sem considerar a formação continuada em cursos de extensão, aperfeiçoamento e pós-graduação lato e estrito senso, em que a instituição também é referência regional. Esses profissionais atuam nos diversos setores da economia paraense. Assim, nenhuma outra instituição de ensino superior na Amazônia tem contribuído de forma tão intensa para o desenvolvimento da região.

Destaque deve ser feito aos egressos da UFPA que compõem os quadros de funcionários de outras universidades, centros universitários e faculdades atualmente instaladas no Pará, que já somam cerca de duas dezenas. Essas instituições, que hoje dividem com a Universidade Federal a missão formadora de profissionais, contam com muitos técnico-administrativos e docentes formados pela UFPA ou dela oriundos por aposentadoria. Isto se constitui em uma espécie de "parceria", engendrada pela dinâmica social de forma natural e salutar, que se reverte para a sociedade, no mínimo, como aceleração e diversificação de qualificação profissional.

Apenas 1.082 alunos compunham o corpo discente da UFPA em 1957. Hoje, são cerca de 35.000 alunos de graduação, só nos cursos permanentes. Cerca de um terço desses estão no interior do estado. O gráfico 01 mostra a evolução do número de alunos e de graduados na UFPA, por ano, nos 50 anos de sua existência¹. A partir do final da década de 1960 e início dos anos de 1970, houve um crescimento no número de alunos da instituição, como consequência das políticas do governo militar que apontavam para a ampliação do acesso ao ensino superior, no processo que ficou conhecido como "massificação", estendido a todos os níveis de ensino. Pregava-se o fim do elitismo. Até então, o acesso aos cursos superiores era conquistado, em expressiva maioria, pelos oriundos de camadas economicamente privilegiadas. [Gráfico 2.](#)



Fonte: Anuários estatísticos da Proplan.

O gráfico 02 mostra, em detalhe, o aumento do número de vagas e da demanda pelo ensino superior naquele período. Note-se que o crescimento da demanda foi muito superior ao da oferta de vagas, o que causou o surgimento de uma demanda reprimida e a necessidade do aprimoramento dos processos seletivos (exames vestibulares). Enquanto a relação candidato/vaga ficou na média de 1,3 na primeira década de existência da UFPA, na década

seguinte pulou para 3,3 e alcançou a média de 8,0 na última década. Essa situação decorre, entre outros fatores, do aumento de vagas e escolas públicas de educação básica naquele período e da disseminação da idéia de que as universidades seriam reformuladas para atender essa demanda e dar vazão ao contingente de jovens das camadas mais pobres que sonhavam com a formação de nível superior. Evidentemente a reforma de 68 não atendeu a expectativa que gerou nesse sentido. Mesmo com a criação de faculdades e universidades no estado do Pará, desde os anos 70, ainda resta uma enorme demanda reprimida a ser atendida. Principalmente para acesso às instituições públicas, já que grande parte das vagas está nas privadas, à semelhança do que acontece de modo geral no Brasil.

Além dos efeitos no acesso ao ensino superior, a reforma universitária de 68 implantou uma nova estrutura para esse nível de ensino no país, adotando o regime de créditos, apoiado pela estrutura departamental. Com esse modelo, tiveram fim as cátedras docentes e as turmas seriadas, que mantinham juntos os alunos do início ao fim do curso. Por outro lado, os alunos poderiam, pelo menos em tese, escolher as disciplinas (créditos) que iriam cursar em cada período letivo e, ao completar um determinado número de créditos pré-estabelecido em disciplinas obrigatórias e optativas, concluiriam o curso. Na prática, porém, muitas dificuldades surgiram, como a falta de vagas disponíveis em determinadas disciplinas para atender os interessados. Com isso, houve a retenção de alunos que não conseguiam concluir o curso no tempo estabelecido, gerando desestímulo e abandono. Preocupada com esse quadro acumulado ao longo de décadas, a UFPA implantou o regime seriado semestral em substituição ao regime de créditos e tomou providências para acompanhar o percurso acadêmico dos alunos em situação de prescrição iminente.

Vencida essa etapa, dezoito anos após a reforma, a instituição se impôs um novo desafio: interiorizar seus cursos de graduação. Sem apoio explícito do governo federal, contando apenas com o governo do Estado do Pará, a UFPA implantou cursos para a formação de professores que pudessem suprir a carência de docentes para a educação básica. Nesse nível, o ensino padecia de enorme carência docente, principalmente no interior do estado. Graças a essa iniciativa, que começou em 1986 em Abaetetuba, Altamira, Bragança, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure, grande parte da necessidade de docentes para o ensino fundamental foi suprida. Os cursos eram ofertados inicialmente em períodos intervalares, quando os professores poderiam se deslocar de Belém. Pouco a pouco a UFPA foi destinando vagas para a permanência de docentes naqueles municípios que hoje já contam com expressivos quadros de docentes efetivos. O desafio atual é superar o déficit na formação

docente para o ensino médio, particularmente na área de ciências, matemática e língua estrangeira.

Como conseqüência dessas ações houve um discreto crescimento no número de alunos a partir de 1986 (Gráfico 01) que, devido sua continuidade, faz com que estejamos hoje com cerca de 14.000 alunos no interior do estado.

O passo seguinte na expansão da UFPA no interior do estado foi a implantação de bacharelados. Direito em Marabá e Santarém e Medicina Veterinária em Castanhal são alguns exemplos. Porém, com o apoio da Companhia Vale do Rio Doce e da Eletronorte foi possível instalar as engenharias de Minas e Meio Ambiente, de Materiais e Geologia em Marabá e Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica em Tucuruí, este com a tendência de transformar-se em um novo campus. Essas ações sinalizam para a consolidação dos campi no sentido da universalidade dos saberes e dos fazeres.

Outra vertente de fortalecimento da qualificação de pessoal no interior do estado ocorreu a partir do ano de 2000 com os cursos de contrato. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 9394/96, estabelecia que até 2007 (posteriormente prorrogado) todos os professores do ensino fundamental deveriam estar graduados, ou seja, com formação de nível superior. Para facilitar essa ação, o governo federal criou o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental (Fundef), por meio do qual, em parceria com as prefeituras municipais, investiria nessa formação, além de outras ações. Assim sendo, praticamente em todo o país, as prefeituras buscaram estabelecer contratos com universidades. A UFPA, por meio de diversos campi que já tinham cursos de licenciatura implantados, com corpo docente próprio, iniciou trabalho intenso de formação de professores nos chamados cursos de contrato. Com essa ação foram atendidos mais de 30 municípios, formando cerca de 3.000 professores.

A UFPA vislumbra alguns desafios para o ensino de graduação nos próximos anos. Talvez o mais instigante seja o da concepção de formação. A sociedade demanda uma formação que confira maior autonomia ao graduado e fortaleça seus valores humanos, ao lado das competências profissionais. A chave para o êxito nesta tarefa parece estar nas estratégias metodológicas aplicadas para promover a aprendizagem. Metodologias sócio-interacionistas e interdisciplinares (como a metodologia de projetos, por exemplo) e o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de extensão como estratégias de ensino-aprendizagem são elementos que poderão contribuir para alcançarmos um novo patamar de formação em nossos cursos de graduação. Nossa confiança nesses instrumentos vem do fato de que alguns cursos já trilham

esses caminhos com resultados animadores. O momento favorece as mudanças pretendidas, já que a nova estrutura de faculdades e institutos, em fase de implantação, tende a aproximar o corpo docente, elemento motor de qualquer processo de mudança.

Resta-nos acreditar em nossa capacidade criativa e agir com responsabilidade e compromisso para ampliar as contribuições de nossa universidade para a região e para o mundo.

Ob. Não estão incluídos nesses dados os cursos de contratos e convênios. Além disso, os dados de 1958 e de 2006, ainda não disponíveis no momento de conclusão deste artigo, repetiram os valores dos anos anteriores.

ANEXO G

UFPA comemora 20 anos no interior



por Brenda Taketa

Novos laboratórios atenderão alunos e professores do campus de Marabá para o interior do Estado. A programação teve início no município de Marabá, onde foram inauguradas obras nos campi I e II, realizadas por meio de parceria entre a UFPA, o Ministério da Educação (MEC) e a Companhia Vale do Rio Doce.

Até o mês de novembro, os campi da UFPA nas diversas regiões do Pará organizam eventos e promovem reuniões entre a Administração Superior e as populações em geral. As atas das audiências públicas, que registram os anseios e dificuldades de cada local visitado, farão parte de um documento que será entregue ao próximo reitor e deverá nortear a administração da Universidade na próxima década.

Hoje, a UFPA é a instituição de ensino superior mais interiorizada do Brasil. Possui nove campi no interior (Abaetetuba, Altamira, Bragança, Breves, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure), que também atendem às cidades localizadas no entorno destes municípios. A rede multicampi, construída a partir da década de 1980, está nos principais pólos de desenvolvimento do Estado, qualificando profissionais para as cadeias produtivas locais e formando professores para a rede pública dessas regiões.

Parcerias - A inauguração de obras de infra-estrutura no campus II da UFPA, em Marabá, resultou do investimento de mais de R\$ 5 milhões feito pelo Ministério da Educação, por meio do Programa de Expansão do Ensino Superior, e pela Companhia Vale do Rio Doce, nos últimos quatro anos.

Novos prédios de salas de aula, laboratórios e instalações de bibliotecas foram apresentados aos participantes do evento, que contou com a presença de Maria Iêda Diniz, diretora do Departamento de Desenvolvimento da Educação Superior, vinculado ao Ministério da Educação (leia entrevista na página seguinte), de pró-reitores da UFPA, assim

como de estudantes, representantes da sociedade civil e de empresas parceiras, como a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).

Regina Feio Barroso, vice-reitora da UFPA, avalia que as inaugurações "representam a continuidade de um processo iniciado há anos e, ao mesmo tempo, um passo para as ações futuras".

Para Francisco Evaldo Silva de Araújo, gerente de meio ambiente e relação com a comunidade da CVRD, a parceria firmada com a UFPA desde 2003 já traz bons resultados. A qualificação de mão-de-obra local em cursos de graduação como Geologia e Engenharia de Minas, por exemplo, garante o recrutamento de jovens formados na região. "O ponto de partida dessa parceria da Vale com a UFPA foi exatamente a expertise que vemos na Universidade para a formação de mão-de-obra. Para a CVRD, estas inaugurações representam a materialização de sua política de responsabilidade social.", explicou.

Os projetos minerais, juntamente com outras atividades como a agroindústria, a agropecuária e a construção civil relacionada à Usina Hidrelétrica de Tucuruí, garantem ao Sudeste Paraense a maior taxa de crescimento econômico, no que se refere ao Produto Interno Bruto (PIB) de todas as mesorregiões paraenses. Para se ter uma idéia, no ano de 2004, a região passou a responder por mais de 30% do PIB do Pará, estimado em mais de R\$ 34,1 milhões.

Comunidade local expõe expectativas para o futuro

O além das inaugurações de obras de infra-estrutura, os dirigentes da UFPA participaram de reuniões com a comunidade acadêmica local. A contratação de mais professores, a ampliação dos serviços de biblioteca e a implantação de novos cursos de licenciatura no campus de Marabá foram algumas das pautas discutidas durante os encontros.

De acordo com Niwmar Silva, estudante de Direito e servidor da UFPA em Marabá, a expectativa era de que os alunos fossem ouvidos, diminuindo a distância entre os campi do interior e os dirigentes lotados na capital. A audiência pública sobre o futuro da instituição no Sudeste Paraense, que aconteceu na manhã do dia 22, encerrou a agenda de atividades no município de Marabá.

Autoridades políticas, representantes de movimentos sociais, de entidades públicas e privadas, bem como professores e alunos de todos os níveis de ensino, participaram do evento, em que foram discutidas as necessidades e demandas voltadas ao ensino superior da

região. Entre as pautas em discussão estava a criação de cursos estratégicos para as carências da região, que necessita de profissionais qualificados para lidar com as peculiaridades locais.

Além da consolidação dos cursos existentes, os participantes da audiência ressaltaram a necessidade de formação de enfermeiros, engenheiros sanitários e professores de física, história, geografia e ciências, assim como de educadores aptos a lidar com a educação no campo.

"Para nós, é com muita alegria que participamos desse tipo de discussão. Em Rondon do Pará, a UFPA já faz parte da nossa vida, do nosso município. Então não podíamos deixar de estar aqui hoje, vendo a explanação e vendo o futuro da universidade que, para nós, é tão importante. Nós, do sul e sudeste do Estado do Pará, necessitamos muito desses cursos, dessa qualificação", declarou Edilson Oliveira, Prefeito de Rondon do Pará.

Outro ponto destacado pela população foi a ânsia pelo estabelecimento de uma nova universidade federal no sudeste do Pará.

"Este processo vai culminar, provavelmente, na emancipação do campus, com a Universidade do Sul e Sudeste do Pará, sediada aqui em Marabá, e também aproximar a Universidade de toda a comunidade. A importância desta programação também está no processo de divulgação da Universidade à sociedade civil, a importância que ela tem, os convênios que ela firma com as indústrias locais, os trabalhos de pesquisa e extensão", apontou Adriano Rabelo, professor e coordenador do curso de Engenharia de Materiais, do campus de Marabá.

O reitor da UFPA declarou apoio à iniciativa e se dispôs a participar das discussões, que devem resultar na entrega de um projeto ao Ministério da Educação. Ele destacou também que a mobilização entre os políticos do Estado é fundamental para a maior obtenção de recursos e investimentos em áreas prioritárias, como a educação, a saúde e a diversificação da economia regional. "Vaga é conquista política. Os políticos do Pará, acima dos partidos, precisam se unir para conseguir, através de leis, mais recursos para a região e, quem sabe, a criação de novas universidades federais, como aconteceu em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul", afirmou.

O Campus de Marabá

Atualmente, o campus de Marabá possui 3,3 mil alunos, distribuídos entre os cursos ofertados na cidade de Marabá e núcleos de integração presentes em Canaã dos Carajás, Jacundá, Parauapebas, Rondon do Pará e Xinguara.

Na região, são 12 cursos no período regular (Agronomia, Ciências Sociais, Direito, Engenharia de Materiais, Engenharias de Minas e Meio Ambiente, Geologia, Letras, Matemática, Pedagogia, Química e Sistema de Informação), quatro cursos desenvolvidos na modalidade à distância (Administração, Licenciaturas em Química, Biologia e Matemática) e cinco realizados nos núcleos de integração, em período intercalar (Ciências Naturais, Matemática, Letras, Pedagogia e Ciências Sociais).

Nos últimos 20 anos, 1,6 mil alunos graduaram-se no campus de Marabá. Só no primeiro semestre deste ano foram 120, que representam mão-de-obra qualificada para a indústria local, composta por grandes empresas fabris voltadas a projetos minerais e as agroindústrias.

No decorrer da década de 2000, o número de professores do quadro efetivo do Campus de Marabá triplicou, sendo hoje constituído por 25 doutores, 50 mestres, quatro especialistas e dois graduados.

"Em nossa avaliação, nos últimos cinco anos ocorreram avanços significativos em todos os sentidos, em especial no que se refere à infra-estrutura física e recursos humanos. Os números demonstram os avanços obtidos até o momento", conclui Erivan Souza Cruz, coordenador do campus de Marabá.

ANEXO H

Universidade busca excelência científica



Roberto Dall'agnoll

por por Erika Morhy e Tatiana Ferreira

foto Mari Chiba

A criação dos núcleos de Ciências Geofísicas e Geológicas (NCGG) e de Altos Estudos Amazônicos (Naea) foram marcos cruciais para o desenvolvimento da pesquisa na UFPA, no início da década de 1970. Foi árduo o percurso até se chegar aos atuais 38 programas de pós-graduação, cobrindo quase todas as áreas do conhecimento e tornando-se referência em muitas delas na região. Uma das mais recentes comemorações foi o início do primeiro curso de doutorado no interior da Amazônia, o de Recursos Biológicos da Zona Costeira Amazônica, no campus de Bragança.

Atual pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação (Propesp) da universidade, o geólogo Roberto Dall'AgnoI também participou do início deste processo, fortemente liderado por José Seixas Lourenço, no NCGG. "A instalação desses dois cursos pioneiros foi fundamental porque criou o gérmen da pesquisa e da pós-graduação na universidade", relembra.

A criação dos núcleos incentivou a produção regular, com orientação acadêmica e todos os demais rituais. Ainda na década de 70, diz Dall'AgnoI, "havia esforço muito grande do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para formar gente no exterior, como foi meu caso".

Nos anos de 1980, houve outro marco significativo, destaca Dall'AgnoI: "muitas lideranças do NCGG se transferiram para a Administração Superior, como Seixas Lourenço, Netuno Nobre Villas, Nilson Pinto de Oliveira, e também para o Legislativo, como o professor Gabriel Guerreiro". Ele diz que não foi fácil para a equipe ficar sem os colegas, mas as contribuições que deram como gestores foram grandes e amparadas por uma política nacional de incentivo à pesquisa. Na segunda metade da década, exemplifica, foi criado o

Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) e o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia (PADCT). Para Dall'Agnol, também é claramente resultado de uma política para o setor na UFPA o aumento expressivo do número de programas de pós-graduação. Até 1985, existiam apenas dois cursos, em seguida são implantados outros seis.

Já na década de 1990, os ventos não sopraram a favor. "Na Era Collor havia um processo claro de desnacionalização, então pesquisa e pós-graduação não eram prioritários. E o primeiro mandato de Fernando Henrique também foi catastrófico para nós. Só final do segundo mandato é que houve uma reversão, com a posse de Ronaldo Mota Sardenberg", avalia. Neste período, foram criados seis cursos de mestrado, com expansão maior de doutorados. A década se encerra com 16 programas de pós-graduação.

A aceleração se deu a partir de 2000, garante Dall'Agnol. De lá pra cá, mais de 20 programas foram criados, como resultado de uma conjuntura nacional e local. Para o pró-reitor, houve a consolidação da política do MCT, somada à boa articulação com o Ministério da Educação, que permitiu também maior aporte de recursos para o setor.

Formação de doutores para atuar na região é meta prioritária da Propesp

A formação de um número maior de doutores é o grande desafio atual da UFPA para sedimentar as áreas de pesquisa e pós-graduação. Em função disso, os esforços para criar cursos de doutorado na própria instituição têm sido redobrados. Como resultado desse empenho, em 2006, a instituição conseguiu a aprovação de quatro novos cursos e passou a contar com 16 cursos de doutorado em diversas áreas, além dos 37 de mestrado. "Se não formamos doutores na própria região, temos que contratar pessoas de outros lugares ou liberar nossos mestres para capacitação fora do estado, o que leva mais ou menos quatro anos e gera um custo enorme para a universidade", avalia, Roberto Dall'Agnoll.

Com relação à avaliação da Capes, os programas de pós-graduação da instituição mais antigos são os mais bem conceituados, como os de "Geologia e Geoquímica", o de "Teoria e Pesquisa do Comportamento" e o do Naea. Na avaliação do pró-reitor, isso mostra que os cursos da instituição, quando têm tempo, amadurecem naturalmente. Geralmente os novos mestrados iniciam com conceito três e quando alcançam nota quatro podem pleitear o doutorado. Recentemente houve uma exceção na UFPA: o Programa de Ecologia Aquática e Pesca, que aprovou mestrado e doutorado na mesma ocasião. Isso porque foi apresentada uma proposta bastante consolidada, sem contar que todos os professores do programa já atuavam

na pós-graduação.

O padrão de exigência internacional, adotado na avaliação dos cursos de pós-graduação, traz muitos desafios para as instituições. "As pessoas estão tendo que se adaptar a um sistema extremamente competitivo. A gente passou de um sistema fechado, nacional, para a um sistema internacional. Temos que ter produção científica que possa ser comparada à produção americana, francesa, chinesa, coreana....Hoje em dia não basta ser doutor para entrar na pós-graduação. Tem que ser um doutor capaz de orientar teses, dar aula na pós-graduação e produzir cientificamente. Se o professor quer fazer as duas coisas e não quer fazer a terceira, vai trazer problemas para o programa dele. Toda avaliação é centrada na produtividade científica", explica Dall'Agnoll.

No interior, a UFPA vem incentivando a pesquisa e a pós-graduação voltadas para as vocações regionais. "Não somos um país de recursos ilimitados. Temos que ter prioridades e planejamento. Temos que pensar quais são os programas prioritários para essas regiões, que dão retorno mais imediato, com perspectivas sociais e econômicas e tentar desenvolver isso. No início, a gente procura estimular a integração dos pesquisadores que estão no interior com os programas da capital porque é uma maneira de eles vivenciarem a pós-graduação e poderem adquirir experiência, orientar pessoas e com isso fortalecer suas propostas futuras de pós-graduação. A gente espera que haja pós-graduação em cada um desses campi porque ela tem um poder de multiplicação muito grande. Introduz um diferencial de qualidade dentro da universidade que é decisivo, traz uma nova cultura, um nova dinâmica que é fundamental", conclui.

Parcerias Regionais

Para a UFPA, as relações interinstitucionais são importantíssimas e se materializam de diferentes maneiras. Roberto Dall'Agnol afirma que existem parcerias com instituições vizinhas, no Maranhão, e com outras geograficamente distantes, no Rio Grande do Sul, por exemplo, e só para citar as nacionais. A universidade está na posição tanto de ofertas quanto de demanda por doutorado interinstitucional, por exemplo, como é o caso do Naea, que atende Rondônia, e a federal de Santa Catarina, que atende a UFPA com o curso de Enfermagem. As ações de cooperação não são recentes, mas têm se consolidado e encontrado apoio em novas estratégias de trabalho em rede, como o Protocolo de Integração das Instituições de Ensino Superior do Pará, instalado em 2001, com a pactuação de seis delas.

"Ao completar 50 anos, em uma trajetória de sucessos, a Universidade Federal do Pará merece nossos reconhecimentos pelos relevantes serviços prestados à sociedade, seja na formação de recursos humanos seja no avanço do conhecimento sobre os recursos naturais e de subsídios às políticas públicas para o processo de desenvolvimento do Estado do Pará e da região amazônica como um todo. A UFPA é, sem dúvida, a mais importante instituição pública de ensino superior da Amazônia. Com a Embrapa Amazônia Oriental, a UFPA tem uma longa história de parceria bem-sucedida que vai desde a realização conjunta de cursos de pós-graduação em nível de mestrado, como os de Agriculturas Familiares, de Ciência Animal e de Gestão Ambiental, até a execução conjuntamente de projetos de pesquisa. A cooperação entre professores e pesquisadores em projetos de pesquisa tem produzido resultados importantes para ambas as instituições, como é o caso recente do desenvolvimento da tecnologia à base do açai - "Identificador odontológico de placa bacteriana à base de açai" -, cuja patente foi registrada no Brasil e no exterior".

Jorge Alberto Gazel Yared - Chefe Geral da Embrapa Amazônia Oriental

"Somos vizinhos em localização na cidade de Belém (o Campus de Pesquisa do MPEG faz fronteira com o campus universitário do Guamá) e complementares em muitas ações. A história do Museu Paraense Emílio Goeldi se entrecruza com a da Universidade Federal do Pará desde a criação da própria Universidade.

Somos parceiros no desafio em formar recursos humanos especializados na Amazônia - muitos alunos da UFPA tem no Museu Goeldi seu campo de formação através de estágios, bolsas de iniciação científica, em cursos de pós-graduação que mantemos em conjunto, ou participando de cursos de extensão, aperfeiçoamento, seminários, oficinas . Somos aliados na luta pela ampliação da estrutura científica e tecnológica regional, para que esta ajude a alicerçar o desenvolvimento socioambiental da Amazônia em bases sustentáveis e justas. A rede Metrobel e a realização da Reunião Anual da SBPC são os exemplos mais recentes. Mas também compartilhamos laboratórios, bibliotecas; atuamos em redes de pesquisa; organizamos cursos, sistemas de informação, bases de dados, eventos, documentos e políticas em conjunto.

Neste ano memorável, em que o MPEG celebra 141 anos e a UFPA chega aos seus 50 anos como uma das mais importantes universidades brasileiras, desejo que esta parceria se amplie cada vez mais entre nossas instituições, em benefício da nossa região amazônica".

Ima Célia Guimarães Vieira, Diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi

ANEXO I

Trajatória de impacto social e institucional



por Erika Morhy

foto Mari Chiba

Uma das maiores demonstrações do poder transformador da extensão universitária na UFPA foi dada com a implantação dos campi no interior do estado. Foi a partir de ações de assistência à saúde da população e de ações de ensino - que remontam mais frequentemente à década de 1950 - que a instituição percebeu a necessidade de se estabelecer formalmente em outras cidades do Pará, já nos anos de 1980. Antes de serem concebidas no conjunto de uma política de extensão, as atividades sofreram o impacto das variações no conceito de extensão universitária ocorridas em todo o país. Ganham marcos regulatórios e atualmente são estimuladas a estarem cada vez mais aliadas à pesquisa e ao ensino, e a provocarem novamente mudanças nas instâncias acadêmicas. Pedagoga e atual pró-reitora de Extensão da UFPA, Ney Cristina Monteiro de Oliveira diz que o termo "extensão" aparece pela primeira vez em documentos oficiais em 1931, como atividade vinculada ao Ministério de Integração Nacional. Uma das preocupações, lembra ela, era socializar o conhecimento científico com as comunidades mais carentes. Em 1968, com a reforma universitária, o conceito desaparece do ponto de vista da nomenclatura legal e é retomado na década de 1970, na forma de portarias que criaram programas e projetos como o Rondon e os centros rurais universitários de treinamento e ações comunitárias, os Crutac's. O impacto seguinte se deu nos anos de 1980, com o processo de abertura política no Brasil e a Constituição de 88. "Os debates sobre autonomia universitária e principalmente indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão carregam para a extensão a responsabilidade de se rever conceitualmente. (...) É em 1997, no encontro nacional de pró-reitores de extensão que o novo conceito é instituído, chamando atenção para a extensão como uma política acadêmica", explica Ney Cristina.

Muitas universidades só passaram a ter pró-reitoria de extensão a partir deste momento, diz ela, mas não foi o caso da UFPA, que já na década de 50 criou uma unidade específica para gerenciar a extensão, que evoluiu para a pró-reitoria. Ainda na década de 1990, as instituições públicas de ensino superior criaram uma rede e um sistema nacional de

extensão universitária e, embaladas pelo Plano Nacional de Educação aprovado em 1996, assumiram o desafio de elaborar o Plano Nacional de Extensão Universitária, que entrou em vigor em 2001. Ney Cristina diz que o documento passou a ser um balizador fundamental, porque define a atividade de extensão e indica como deve ser estruturada nas instituições. Ela garante que ficou muito clara a noção de que essa atividade não pode mais manter apenas um caráter assistencialista e que precisa fundamentalmente provocar transformações dentro da própria instituição.

Projetos e programas de saúde e educação ainda predominam

No esforço de fomentar a política definida no plano nacional, a UFPA aprova a resolução nº 3.298, de março de 2005. Ela distingue a prestação de serviços das atividades de extensão, que precisam estar articuladas com ensino e pesquisa. Assim, a extensão também deve ser contemplada nos projetos pedagógicos de cada curso de graduação, e alguns deles chegaram a fazer isso por ocasião das reformas curriculares, em 1998. O desafio ainda é grande em todo o território nacional, acredita Ney Cristina. Ela adianta que o próximo passo que a UFPA deverá dar na sua política de extensão virá com a criação das coordenadorias de extensão em cada unidade acadêmica. A perspectiva é que seja possível não só maior aproximação com a graduação, mas também com a pós-graduação.

Em 2005, a UFPA também criou seu Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex). Inicialmente, foram oferecidas 50 bolsas para a comunidade acadêmica e, em 2007, 230, número que, segundo a pró-reitora, é muito superior ao da maioria das instituições públicas de ensino superior. Este ano, o valor das diferentes categorias de bolsa na instituição (extensão, pesquisa e estágio) foi unificado, o que aumentou o teto da de extensão.

Atualmente, a Pró-reitoria de Extensão registra 234 programas e projetos financiados pela universidade. Outros 19 são apoiados pelos governos Federal, Estadual e Municipal, além de outras instituições e organizações não governamentais. Áreas temáticas mais diversas estão contempladas, mas saúde e educação sempre predominaram, conta Ney Cristina.

Novas configurações têm sido possíveis para dar conta também da política multicampi da UFPA, a exemplo do que fez o programa Multicampi Artes, iniciado em 2004, sob a batuta do professor e poeta João de Jesus Paes Loureiro. Diferentes linguagens são contempladas em atividades como oficinas e exposições e no que chamam de circulação das artes, promovendo a interação entre os campi. O curso de especialização em Música, no campus de Soure, por

exemplo, foi instalado a partir das demandas apresentadas pelos participantes do programa na cidade.

Multicampi Saúde interfere no cenário do estado

Ney Cristina destaca que a UFPA é a instituição de ensino superior com maior número de projetos no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), uma política do Governo Federal executada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. O campus de Altamira foi o primeiro dos nove da universidade a se candidatar. Hoje, apenas os dois campi do Marajó (Soure e Breves) não desenvolvem projetos financiados pelo Pronera, porque na região não há assentamentos do Incra, como exige o programa. Um diferencial importante, acrescenta a pró-reitora, é o fato das atividades serem desenvolvidas por profissionais e estudantes do próprio campus do interior, em que pese a tradicional dinâmica da ida de equipes de Belém para desenvolver atividades fora da capital. O Multicampi Saúde, que segue esta lógica, tem gerado resultados significativos para os cursos de Medicina, Odontologia, Farmácia, Nutrição e Farmácia. Além disso, tem contribuído para reverter o cenário de rejeição de profissionais da área em se estabelecer no interior do estado.

Assessor da Secretaria Multicampi, o médico Amaury Braga Dantas lembra que o principal argumento desses profissionais é que se sentem isolados tecnicamente e afetivamente. Por isso, foi pensada uma dinâmica de trabalho que estimulasse a união na equipe: são alunos de diferentes cursos da saúde, do último ano e que vão atuar no sistema público de saúde, para trocarem informações afins; e todos moram na mesma casa durante as oito semanas ininterruptas de estágio no interior, para favorecer a afetividade. O professor garante que o trabalho e a estadia da equipe fluem melhor, e os alunos conseguem formar laços de afeição na cidade, favorecendo seu possível retorno como profissionais, o que já aconteceu com onze deles, contratados pelas prefeituras. Isso porque também se forma uma rede de informações, acrescenta Amaury, em que um prefeito ou secretário indica o Multicampi Saúde para os outros.

Mais de cem alunos já passaram pelo programa, que é financiado pelo Ministério da Saúde, pela própria universidade e tem apoio das prefeituras. As equipes já passaram por Santarém, Óbidos, Bragança e Breves.

Pronera

"O Pronera se sente parte da comemoração da UFPA, pois compõe uma boa parte desta história, afinal, há quase dez anos atua nesta região e neste estado, em parceria com a UFPA.

Foram muitas turmas de Educação de Jovens e Adultos, por meio das quais se assegurou o direito de se tornar leitores e escrevedores a mais de mil trabalhadores e trabalhadoras assentados/as da reforma agrária. 780 estudantes se escolarizaram em nível fundamental e médio. Além dos cursos superiores de formação de educadores, o curso de Agronomia para 41 filhos de agricultores tem sido um referencial nas reflexões acerca da problemática do campo. (...)

A contribuição da UFPA para o desenvolvimento não somente do Pará e da região Norte, mas também do país, é inegável, uma vez que, por meio desta parceria, está atuando diretamente com populações historicamente alijadas do processo de desenvolvimento. E, acima de tudo, porque sua atuação vai no sentido de colocar em questão os modelos atuais de desenvolvimento e projetar um novo pensar sobre o desenvolvimento".

Clarice Aparecida dos Santos, coordenadora-geral de Educação do Campo e Cidadania - Incra/Sede

ANEXO J

UFPA é o maior empreendimento da Região Amazônica



por Tatiana Ferreira

Alex Fiúza de Mello destaca momentos importantes da história da instituição

Ao longo do ano de 2007, a Universidade Federal do Pará (UFPA) comemorou em várias ocasiões os 50 anos de sua criação, tendo como ponto alto a solenidade realizada no Theatro da Paz, no dia 2 de julho, mesma data da promulgação do decreto-lei nº 3.191, que criou a UFPA. Em entrevista ao Beira do Rio, o atual reitor da UFPA, Alex Fiúza de Mello, avalia a evolução da UFPA enquanto instituição estratégica para o futuro da região e lembra que sua preservação é compromisso de toda a sociedade.

A Universidade Federal do Pará completou 50 anos. O que há para comemorar?

A UFPA é o maior empreendimento humano da região amazônica. Congrega mais de 40 mil alunos, mais de 2 mil professores e outros tantos técnico-administrativos, perfazendo uma população de cerca de 50 mil cidadãos, maior que a maioria dos municípios paraenses. Só que essa "cidade" é especial. Ela existe em rede, interligando inúmeros pólos, interconectada permanentemente ao mundo, trabalhando em tempo real, e é composta, em sua integralidade, por pessoas altamente qualificadas ou em processo de formação em nível superior. Não é trivial construir-se uma instituição desse porte, com essas características e níveis de exigência, particularmente numa periferia tropical. Uma instituição que, hoje, após o trabalho dedicado e, mesmo, heróico de pelo menos três gerações, alcança - para os padrões nacionais (e, em algumas áreas, internacionais) - qualidade acadêmica, pertinência científica e relevância social, já tendo formado mais de 100 mil profissionais, e que começa a contribuir, pela massa científica somente agora acumulada, com inovação tecnológica em alguns setores estratégicos, sinalizando um futuro promissor no desenvolvimento de nossas cadeias produtivas regionais. A UFPA é uma grande instituição que, não obstante, ainda vive a sua juventude, está em constituição e crescimento, a julgar pela história milenar das instituições universitárias mais antigas. São razões suficientes para comemorações.

Como tem sido o crescimento da Instituição nestas cinco décadas?

Contínuo e vigoroso. Ofereço três exemplos bem ilustrativos. Quando ela foi criada, em 1957, eram apenas 1 mil os seus alunos de graduação. No final da década seguinte esse contingente havia triplicado. Nos anos 1970, subiu para 12 mil. Nos 1980, para 18 mil. Graças à interiorização, na última década do século passado a massa estudantil havia saltado para mais de 25 mil. E hoje, pouco mais da metade da primeira década do século XXI, a UFPA atingiu a marca de 36 mil alunos de graduação - e continuará a crescer, sobretudo agora, graças aos cursos que começaram a ser ofertados também na modalidade a distância. Segundo exemplo: o número de doutores, que mede a capacidade científica de uma instituição universitária. No início dos anos 1980, ele não ultrapassava 100. Em pouco mais de duas décadas, atinge a marca de quase 800. Dentro de dois anos, com o retorno dos novos doutores, chegaremos aos 1.000. Não é trivial. Posso garantir que é uma façanha, a contar das dificuldades de conduzir esse empreendimento nas condições periféricas dos trópicos. Último exemplo: graças à elevação do número de doutores, passamos de dois programas de mestrado, na década de 1970, para 38 de mestrado e 17 de doutorado, até o presente momento. Outros projetos já estão na Capes para avaliação. Essa condição permitirá que a instituição produza, em breve, para a sociedade local cerca de 500 mestres e 200 doutores por ano. É assim que uma universidade cresce e se consolida.

E o que se destaca hoje na UFPA?

A Universidade detém alguns destaques que merecem conhecimento público. Um destaque regional: a UFPA é o maior centro de produção de conhecimento de toda a região amazônica, hoje com quase 40 programas de mestrado e 20 de doutorado, aprovados pela Capes, com 85% de seu corpo docente titulado com pós-graduação *stricto sensu* e preparado para atuar tanto em pesquisa básica quanto em aplicada (inovação), em todos os campos do conhecimento e com domínio científico atualizado: da prospecção de petróleo à química dos produtos naturais; dos experimentos genéticos àqueles das incubadoras tecnológicas; da engenharia de recursos hídricos à de produção de alimentos; da biotecnologia às tecnologias de informação e comunicação; das técnicas de preservação ambiental ao planejamento de programas de desenvolvimento regional. Um destaque nacional: é a Instituição Federal de Educação Superior com o maior número de alunos em cursos de graduação (36 mil) e a mais interiorizada do país (10 campi), atendendo a mais de 15 mil alunos em mais de 100

municípios apenas no interior do Pará. Por fim, um destaque internacional: a UFPA é o maior centro de ensino superior e de pesquisa de todo o Trópico Úmido, e sede acadêmica da Associação das Universidades Amazônicas - Unamaz, entidade que congrega todas as IES da Pan-Amazônica sul-americana, tendo sido sua formuladora e primeira presidência.

Por que a UFPA resolveu se interiorizar?

Há cerca de vinte anos, graças às dimensões continentais do Estado do Pará e suas carências sociais acumuladas, percebemos que estaríamos fora da história se permanecêssemos confinados a Belém. Basta pensar que, àquela época, apenas 2% (sim, 2%!) do quadro de professores da rede pública possuía licenciatura plena, fazendo com que 70% dos municípios carecessem da oferta de cursos de formação em nível médio (então segundo grau), fato esse responsável pela fuga de cérebros e talentos para a capital, e conseqüentemente, fator inibidor de progresso e desenvolvimento local. Além do mais, ao contrário do que acontece em nosso estado vizinho, o Amazonas - onde a Zona Franca concentra a maioria da população do estado na capital, Manaus -, aqui, com a expansão e o crescimento urbano, industrial e demográfico direcionados progressivamente para o interior, impõe-se a necessidade da criação de mais oportunidades educacionais nessas micro-regiões. Hoje, a UFPA oferece nesses municípios não apenas cursos de licenciaturas, mas também tecnológicos e outros bacharelados profissionalizantes, atendendo à demanda local por pessoal qualificado, segundo as vocações econômica regionais. Exemplo: em Marabá, província mineral e regional agrícola, instalamos os cursos de Geologia, Engenharia de Minas, Engenharia de Materiais e Agronomia; em Altamira, zona florestal e também de demanda agrícola, além da Engenharia Agrônômica, Biologia e, em breve, Engenharia Florestal; em Bragança, que fica entre o rio e o oceano, Biologia Marinha e Ambiental e Engenharia de Pesca; em Castanhal, zona de economia pecuária, Medicina Veterinária; em Tucuruí, graças à disponibilidade dos excelentes laboratórios de hidrelétrica, Engenharia Elétrica e Engenharia Civil. Assim vamos formar nossos engenheiros para construir barragens com menor impacto ambiental! Em Santarém, área importante para estudos ambientais, Física Ambiental. Todas essas iniciativas, que se somam a outros cursos anteriormente implantados, criam uma verdadeira rede universitária no estado do Pará, afinada com os desafios do desenvolvimento regional. A interiorização representa, certamente, um capítulo de ouro da história da instituição.

Afinal, qual a real importância da Universidade para o desenvolvimento regional, para a

superação de nossa condição de subdesenvolvimento, em meio a outras necessidades de investimento?

O subdesenvolvimento não é algo que tenhamos "diante dos olhos", uma mera externalidade material, um simples dado mundano, mas o próprio húmus que, assimilado inconscientemente nas entranhas das mentalidades, subnutre o imaginário social, menospreza uma experiência cultural, torna a consciência impossível. É como uma servidão mental, ou uma espécie de "razão indolente", para parafrasear Boaventura de Souza Santos. Tal condição é um tipo de cegueira que permeia todo o inconsciente coletivo de uma sociedade - a começar pelas elites - e para o qual só existe um antídoto: educação, educação e educação.

A reinvenção da Amazônia - uma nova concepção paradigmática para o seu progresso humano e material - supõe um choque de educação, em todos os níveis. E, como consequência da educação - a foz para onde deságua o seu longo rio -, ciência e tecnologia. Daí a universidade! Somente com cérebros, com pessoas altamente qualificadas, formadas com consciência crítica e visão de mundo ampla - além de comprometidas com a causa pública! - é que poderemos transformar, pela aplicação do conhecimento, nossos recursos naturais em riquezas. Um jardim não começa pela terra, mas pelo jardineiro (que projeta o jardim). Desenvolvimento não começa com estradas, mas com mentes (que projetam as estradas). A inversão dessa percepção é o que nos têm condenado secularmente ao atraso. Tudo tem sido prioritário em nosso estado, menos a educação e a ciência! Talvez porque é um investimento de longo prazo, que não gera votos e dividendos políticos em curto espaço de tempo... Carecemos de estadistas!

Qual foi a melhor gestão da história da Instituição?

É muito difícil comparar e julgar mandatos de gestores porque a história de uma instituição está entrelaçada com a do próprio país e da sociedade mais abrangente, com suas conjunturas e contextos diversos, às vezes favoráveis, às vezes desfavoráveis. Há reitores que lidam com restrições orçamentárias; há outros que vivem momentos de menores dificuldades. Depois é preciso considerar que o reitor não é uma entidade isolada, mas constitui elemento, ainda que central e decisivo, de um coletivo denominado de administração superior, com quem divide responsabilidades e o sucesso ou insucesso de um empreendimento. O que se pode fazer é destacar e caracterizar momentos da história institucional. Então, vejamos. O primeiro reitor

foi Mário Braga Henriques, que praticamente administrou uma coleção de Faculdades e escolas com tradições distintas e que precisavam se constituir, na prática, numa única instituição. Coube ao reitor José da Silveira Neto, o segundo da ordem sucessória, a criação do campus do Guamá, antigo Núcleo Pioneiro, e o início do trabalho de agregação da maioria de nossas antigas escolas isoladas em um mesmo espaço de convivência, o que foi importante para a configuração da instituição que temos hoje. O reitor Aloísio Chaves foi muito sensível e visionário em implantar os primeiros programas de pós-graduação da UFPA e dar início à reforma do Estatuto e do Regimento Geral, que só foi concluída na gestão seguinte, do reitor Clóvis Malcher. O reitor Daniel Coelho de Souza se destacou pela postura altamente democrática no trato das questões internas da Universidade, num contexto politicamente muito difícil para o país. O reitor Seixas Lourenço, o primeiro eleito pelo voto direto da comunidade acadêmica - antes eram todos indicados pelo poder central - , deflagrou o início do processo de interiorização da Universidade e dinamizou as relações internacionais. O reitor Nilson Pinto ampliou o programa de interiorização e criou o Núcleo de Artes da UFPA. Da mesma forma poderia falar dos demais, como Aracy Barreto, Marcos Ximenes e Cristóvam Diniz, pontuando realizações certamente significativas em suas gestões. Não cabe a mim proceder tal avaliação e nem julgar. Em situações diferenciadas, todos deram as suas contribuições. Todos, em alguma medida, por leituras divergentes, têm adeptos e críticos. É assim que se constitui a trama histórica dos homens e das instituições. Enfim, é um desafio para trabalhos historiográficos, que, aliás, deverão ser incentivados daqui em diante, em face do resgate da memória de uma instituição que já começa a ter uma rica trajetória e uma história para ser retratada e valorizada.

Uma mensagem final?

Sim. A Universidade Federal do Pará é um patrimônio da sociedade. Por ser pública, ela pertence a todos os paraenses e brasileiros. Não é concorrente de ninguém. Existe para estar a serviço de toda a sociedade, que a sustenta e mantém com impostos. Por isso todos devemos cuidar dela, zelar pelo seu desenvolvimento, investir no seu crescimento e consolidação.

A Universidade não é do reitor, dos sindicatos, dos partidos políticos, nem da própria comunidade acadêmica, mas de toda a sociedade. Precisamos cuidar de seu patrimônio; reforçar a Associação de seus Amigos, com contribuições voluntárias, sobretudo dos profissionais que nela estudaram de graça e hoje venceram na vida; investir em seu parque de

conhecimentos, agregando-lhe valor. Há aqueles que, desejando atingir o reitor, destratam a instituição, confundindo o alvo e prejudicando o patrimônio social. Em qualquer lugar do mundo desenvolvido, o povo tem orgulho de suas universidades e lutam por elas. Aqui, as elites (com raras exceções) são omissas, descomprometidas, míopes, senão predatórias. Precisamos mudar a nossa cultura, os nossos valores e prioridades. Afinal, posso garantir, a UFPA completa 50 anos maior, melhor, mais sólida, reconhecida nacional e internacionalmente e com relevância social ampliada.